

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS - MESTRADO



GIFS

EDUCAÇÃO ESTÉTICA, AFETO E ATIVISMO ATRAVÉS DA IMAGEM ANIMADA

MARIANA LEITE DE ALMEIDA

PELOTAS, 2015

MARIANA LEITE DE ALMEIDA

GIFS

EDUCAÇÃO ESTÉTICA, AFETO E ATIVISMO ATRAVÉS DA IMAGEM ANIMADA

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS DO CENTRO
DE ARTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE
PELOTAS, COMO REQUISITO PARCIAL À OBTENÇÃO
DO TÍTULO DE MESTRE EM ARTES VISUAIS.

ORIENTADOR (A): LÚCIA BERGAMASCHI COSTA WEYMAR

PELOTAS, 2015

MARIANA LEITE DE ALMEIDA

GIFS

EDUCAÇÃO ESTÉTICA, AFETO E ATIVISMO ATRAVÉS DA IMAGEM ANIMADA

DISSERTAÇÃO APROVADA, COMO REQUISITO PARCIAL, PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARTES VISUAIS, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS, CENTRO DE ARTES, UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS.

DATA DA DEFESA: 19 DE JUNHO DE 2015

BANCA EXAMINADORA:

PROFA. DRA. LÚCIA BERGAMASCHI COSTA WEYMAR (ORIENTADOR)
DOUTORA EM COMUNICAÇÃO SOCIAL PELA FAMECOS – PUCRS

PROFA. DRA. NÁDIA DA CRUZ SENNA
DOUTORA EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO PELA USP

PROFA. DRA. ANA PAULA CRUZ PENKALA DIAS
DOUTORA EM DOUTORA EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO PELO PPGCOM/UFRGS

PROF. DR. ALEXANDRE VERGÍNIO ASSUNÇÃO
DOUTOR EM EDUCAÇÃO PELA UFPEL

DEDICO ESTE TRABALHO AO MEU
FILHO QUE UM DIA SERÁ UM
AMANTE ATIVISTA.

AGRADECIMENTOS

SE SOU O QUE SOU, O QUE SINTO E O QUE FAÇO, DEVO ISSO ÀS EXPERIÊNCIAS SENSÍVEIS QUE VIVENCIEI AO LONGO DOS ANOS E, PRINCIPALMENTE, AS PESSOAS QUE FIZERAM DESTAS VIVÊNCIAS O POTENCIAL DE TODO O MEU SER. AOS MEUS PAIS, ANA E ANTONIO, QUE DERAM TODO O SUPORTE PARA QUE EU TIVESSE CONDIÇÕES DE CORRER ATRÁS DOS MEUS SONHOS. AO MEU NAMORADO, MATHEUS, POR ME MOSTRAR O LADO POSITIVO DAS COISAS E ME FAZER ACREDITAR EM MIM MESMA. AOS MEUS AMORES, ADRIEL, PAOLA E DEREK, POR ENCHEREM MINHA VIDA DE SORRISOS. AOS MEUS AMIGOS HAMILTON E BRUNO POR ESTAREM SEMPRE PRESENTES, MESMO QUE VIRTUALMENTE, E TORCENDO PARA O MEU SUCESSO. A MINHA AMADA AMIGA CAMILA POR ME MOSTRAR QUE É POSSÍVEL SER FELIZ E BEM HUMORADO MESMO EM MEIO A TODO O ESTRESSE. A MINHA ORIENTADORA LÚCIA POR DEPOSITAR CONFIANÇA NO MEU TRABALHO E ACREDITAR QUE EU PODERIA FAZER DAR CERTO. AOS MEMBROS DA BANCA, POR SEREM PEÇAS FUNDAMENTAIS NA CONSTRUÇÃO DO MEU EU MESTRE. E, EM ESPECIAL, AO **ANTONIO**, FILHO QUE EM MIM RENOVOU A VONTADE DE LUTAR POR UM MUNDO MELHOR, MAIS SENSÍVEL E CHEIO DE AMOR.

RESUMO

ALMEIDA, MARIANA LEITE DE. **GIFS: EDUCAÇÃO ESTÉTICA, AFETO E ATIVISMO ATRAVÉS DA IMAGEM ANIMADA**. 2015. 124F. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM ARTES VISUAIS) – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS, CENTRO DE ARTES, UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, PELOTAS, 2015.

PARADIGMAS DICOTÔMICOS AINDA PRESENTES NA PÓS-MODERNIDADE NOS PERMITEM OBSERVAR O QUANTO AINDA ESTAMOS LIGADOS À MODERNIDADE MAIS RACIONALISTA. VIVEMOS TEMPOS COLETIVOS, PORÉM INDIVIDUALISTAS, VIVEMOS AO MESMO TEMPO LIBERTOS E APRISIONADOS, INFORMADOS, MAS CONSTANTEMENTE PASSIVOS. EM DIVERSOS MOMENTOS VIVEMOS, AINDA, SEM RECONHECER EFETIVAMENTE O OUTRO. ISSO FAZ COM QUE NOS TORNEMOS MENOS COMPROMETIDOS SOCIALMENTE E NÃO DEMONSTREMOS, NO COTIDIANO SOCIAL, A COLETIVIDADE VIVIDA NA INTERNET. AS REDES SOCIAIS NOS MANTÊM FORTEMENTE LIGADOS ATRAVÉS DE LAÇOS SENSÍVEIS, REPLETOS DE EMOÇÕES E AFETOS. ESSAS RELAÇÕES COLABORAM NA CONSTRUÇÃO DE UMA IDEIA DE EDUCAÇÃO ESTÉTICA NA QUAL OS APRENDIZADOS SE FAZEM POSSÍVEIS GRAÇAS AO QUE É EXPERIENCIADO COM O MUNDO E, PRINCIPALMENTE COM O OUTRO. NESSE CONTEXTO, ALGUNS ELEMENTOS VISUAIS, COMO DETERMINADAS IMAGENS FREQUENTEMENTE VISUALIZADAS NAS REDES SOCIAIS, ASSUMEM PAPÉIS ATIVISTAS. TODAVIA, ESSE CARÁTER SOCIALMENTE MOBILIZADOR NÃO SE ESTENDE, POR ORA, A TODOS ELEMENTOS VISUAIS CONTEMPORÂNEOS; POR EXEMPLO, O GRAPHIC INTERCHANGE FORMAT (GIF) – IMAGEM ANIMADA CADA VEZ MAIS UTILIZADA COMO FORMA DE REPRESENTAR NOSSOS GOSTOS, PAIXÕES E ANSEIOS – AINDA NÃO É OBSERVADO COMO INSTRUMENTO DE COMPROMETIMENTO SOCIAL. A DISSERTAÇÃO “GIFS: EDUCAÇÃO ESTÉTICA, AFETO E ATIVISMO ATRAVÉS DA IMAGEM ANIMADA”, DESENVOLVIDA NO PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS DA UFPEL, PRETENDE ANALISAR, ATRAVÉS DE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA, E PROPOR, ATRAVÉS DO PROJETO DE IMAGENS ANIMADAS SOCIALMENTE ENGAJADAS, O GIF COMO UMA POSSÍVEL FERRAMENTA DE ATIVISMO VIRTUAL NA PÓS-MODERNIDADE.

PALAVRAS-CHAVE: GIF, EDUCAÇÃO ESTÉTICA, AFETO, ATIVISMO, IMAGEM ANIMADA

ABSTRACT

ALMEIDA, MARIANA LEITE DE. **GIFS: AESTHETIC EDUCATION, AFFECTION AND ACTIVISM THROUGH THE ANIMATED IMAGE**. 2015. 124F. DISSERTATION (MASTER DEGREE EM ARTES VISUAIS) – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS, CENTRO DE ARTES, UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, PELOTAS, 2015.

CONTRADICTION PARADIGMS, STILL PRESENT IN POSTMODERNITY, ALLOW US TO OBSERVE HOW FAR WE ARE CONNECTED TO THE MORE RATIONAL MODERNITY. WE LIVE COLLECTIVE BUT INDIVIDUALIST TIMES, WE ARE FREE AND IMPRISONED AT THE SAME TIME, WE ARE INFORMED BUT PASSIVE. MANY TIMES, WE DON'T RECOGNIZE EACH OTHER. THIS MAKES US LESS SOCIALLY COMMITTED AND WE DON'T SHOW, IN OUR DAILY LIVES, THE COMMUNITY LIVED IN THE INTERNET. SOCIAL NETWORKS KEEP US STRONGLY CONNECTED THROUGH SENSITIVE TIES, FULL OF EMOTIONS AND AFFECTIONS. THESE RELATIONS COLLABORATE IN BUILDING A SENSE OF AESTHETIC EDUCATION IN WHICH THE LEARNINGS BECOME POSSIBLE THANKS TO THE EXPERIENCE WITH THE WORLD AND ESPECIALLY WITH ONE ANOTHER. IN THIS CONTEXT, SOME VISUAL ELEMENTS SUCH AS CERTAIN IMAGES, OFTEN DISPLAYED ON SOCIAL NETWORKS, TAKE ACTIVIST ROLES. HOWEVER, THIS SOCIALLY MOBILIZING CHARACTER DOES NOT EXTEND, FOR NOW, ALL CONTEMPORARY VISUAL ELEMENTS; FOR EXAMPLE, GRAPHIC INTERCHANGE FORMAT (GIF) - MOTION PICTURE INCREASINGLY USED AS A WAY TO REPRESENT OUR TASTES, PASSIONS AND DESIRES - IT IS NOT SEEN AS A SOCIAL COMMITMENT INSTRUMENT. THE DISSERTATION "GIFS: AESTHETIC EDUCATION, AFFECTION AND ACTIVISM THROUGH THE MOTION PICTURE", DEVELOPED IN THE GRADUATE PROGRAM IN VISUAL ARTS OF UFPEL, AIMS TO ANALYZE, THROUGH A LITERATURE REVIEW, AND PROPOSE, THROUGH THE SOCIALLY ENGAGED ANIMATED IMAGES DESIGN, THE GIF AS A POSSIBLE VIRTUAL ACTIVISM TOOL IN POSTMODERNITY.

KEY-WORDS: GIF, AESTHETIC EDUCATION, AFFECTION, ACTIVISM, MOTION PICTURE

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: CHOREUTOSCOPE, DISPOSITIVO QUE SIMULAVA UMA ANIMAÇÃO	46
FIGURA 2: FAIXA COM IMAGENS EXIBIDAS ATRAVÉS DO CHOREUTOSCOPE	47
FIGURA 3: FRAMES DE UM GIF ANIMADO	50
FIGURA 4: TEMPO DE DURAÇÃO DOS FRAMES DE UM GIF	53
FIGURA 5: PRIMEIRO E ÚLTIMO FRAME DE UM GIF RESSIGNIFICADO	56
FIGURA 6: FRAMES 1, 32 E 56 DE UM GIF DESCONTRAÍDO	57
FIGURA 7: PRIMEIRO E ÚLTIMO FRAME DE UM GIF QUE APRESENTA EXPRESSÃO DE SURPRESA	59
FIGURA 8: GIF COM ANCORAGEM EXTERNA NO TUMBLR COMO EU ME SINTO QUANDO	60
FIGURA 9: PRIMEIRO E ÚLTIMO FRAME DO GIF COMPARTILHADO NO TUMBLR COMO EU ME SINTO QUANDO	60
FIGURA 10: PRIMEIRO E ÚLTIMO FRAME DE UM GIF COM ANCORAGEM INCORPORADA	61
FIGURA 11: REPETIÇÃO DE FRAMES DE UM GIF	64
FIGURA 12: PRIMEIRO E ÚLTIMO FRAME DE UM GIF CONTÍNUO	64
FIGURA 13: PRIMEIRO E ÚLTIMO FRAME DE UM GIF NÃO CONTÍNUO	65
FIGURA 14: IMAGEM ESTÁTICA ATIVISTA COMPARTILHADA NA REDE SOCIAL FACEBOOK	68
FIGURA 15: BLOG QUE APRESENTA TEXTOS ATIVISTAS LONGOS, NESTE CASO ABORDANDO A QUESTÃO FEMININA	78
FIGURA 16: TEXTO CURTO (TWEET) PUBLICADO PELO PERFIL MOVIMENTO FEMINISTA NO TWITTER	79
FIGURA 17: EVENTO DO FACEBOOK CONVIDANDO PARA MANIFESTAÇÃO SOCIAL	80
FIGURA 18: PETIÇÃO PARA ASSINATURA ONLINE NA COMUNIDADE AVAAZ	81
FIGURA 19: IMAGEM PUBLICADA PELA PÁGINA NÃO MATE NO FACEBOOK	82
FIGURA 20: IMAGEM PUBLICADA PELA PÁGINA FEMINISTA INDELICADA NO TUMBLR	83
FIGURA 21: PÁGINA DE FACEBOOK COMO EU ME SINTO QUANDO	84
FIGURA 22: FRAMES DE GIFS CONTENDO TEXTOS DE MINHA AUTORIA	89
FIGURA 23: FRAME DE GIF FEMINISTA QUE SE APROPRIA DO VÍDEO POTTY-MOUTHED PRINCESSES DROP F-BOMBS FOR FEMINISM	90
FIGURA 24: FRAMES DE GIFS CONTENDO TEXTOS COM ABORDAGEM QUESTIONADORA	92
FIGURA 25: FRAME DE GIF CONTENDO TEXTOS DE NEGAÇÃO DE MINHA AUTORIA	93
FIGURA 26: TEMPO DE DURAÇÃO DE FRAMES DE GIF DE MINHA AUTORIA	95
FIGURA 27: TEMPO DE DURAÇÃO DOS FRAMES DO GIF QUE SE APROPRIA DE TRECHO DE VÍDEO	96
FIGURA 28: PRIMEIRO E ÚLTIMO FRAME DE UM GIF NÃO-CONTÍNUO DE MINHA AUTORIA	98

FIGURA 29: COR VERMELHA E AZUL APLICADAS EM FRAMES DE UM GIF DE MINHA AUTORIA	100
FIGURA 30: UTILIZAÇÃO DA COR ROSA EM UM GIF DE MINHA AUTORIA	101
FIGURA 31: UTILIZAÇÃO DE TIPOGRAFIAS SEM SERIFA EM GIFS DE MINHA AUTORIA	102
FIGURA 32: CONSTRUÇÃO DA MARCA AFETO EM MOVIMENTO	103
FIGURA 33: CONSTRUÇÃO DA ASSINATURA VISUAL	104
FIGURA 34: PÁGINA CRIADA NO TUMBLR PARA O PROJETO AFETO EM MOVIMENTO	105
FIGURA 35: EXEMPLO DE PÁGINA DO TUMBLR QUE APRESENTA CONTEÚDO DE CUNHO SOCIAL	105
FIGURA 36: PÁGINA DO PROJETO AFETO EM MOVIMENTO NO FACEBOOK	106
FIGURA 37: POSTAGENS NO TUMBLR E NO FACEBOOK COM TEXTOS E HIPERLINKS EXPLICATIVOS	108

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1: PARADOXOS CONTEMPORÂNEOS: DAS MUDANÇAS ESPAÇO-TEMPORAIS ÀS MANIFESTAÇÕES DE AFETO	17
1.1 PÓS-MODERNIDADE E MODERNIDADE LÍQUIDA	19
1.2 COLETIVIDADE E INDIVIDUALIZAÇÃO	22
1.3 FRIVOLIDADES E EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS	25
1.4 LIBERDADE E APRISIONAMENTO	28
1.5 VIRTUAL E ATUAL	30
1.6 ACESSO E EXCESSO	32
1.7 PASSIVIDADE E COMPROMETIMENTO SOCIAL	34
1.8 AFETO E MOVIMENTAÇÃO SOCIAL	35
1.9 EDUCAÇÃO ESTÉTICA E ATIVISMO VIRTUAL	38
CAPÍTULO 2: OS GIFS NA PÓS-MODERNIDADE: IMAGENS ANIMADAS COMO MANIFESTAÇÕES CONTEMPORÂNEAS	44
2.1 O GIF NA ATUALIDADE A	48
2.2 COLETIVIDADE COMPARTILHADA	49
2.3 TEMPO E ESPAÇO ATRAVÉS DAS IMAGENS ANIMADAS	52
2.4 FRIVOLIDADES E CONTEXTOS DE COMPARTILHAMENTO	56
2.5 LIBERDADE EM FRAMES	61
2.6 RITMO NA REDE	63
2.7 GIFS, CAOS E COMUNICAÇÃO	65
2.8 GIFS EM CONTEXTO SOCIAL	67
CAPÍTULO 3: GIFS ATIVISTAS: AS IMAGENS ANIMADAS COMO FERRAMENTAS DE ATIVISMO VIRTUAL	70
3.1 ATIVISMO	71
3.2 ATIVISMO VIRTUAL	74
3.3 GIFS E ATIVISMO	83
3.4 IDEALIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE GIFS ATIVISTAS	87
3.4.1 TEMAS ESCOLHIDOS	87

3.4.2	CONTEÚDOS SELECIONADOS	89
3.4.3	ABORDAGEM	91
3.4.4	TEMPO DE DURAÇÃO DOS FRAMES	93
3.4.5	RITMO (GIF CONTÍNUO OU NÃO-CONTÍNUO)	97
3.4.6	DIREÇÃO DE ARTE DOS GIFS	99
3.4.7	PLATAFORMAS DE COMPARTILHAMENTO	104
3.4.8	HIPERLINKS E TEXTOS DE APOIO	107
CONCLUSÃO		110
REFERÊNCIAS		115

INTRODUÇÃO

Questionar os eventos que nos acontecem, as coisas que nos movem, o que sentimos; enfim, questionar o mundo, todas essas questões são antecedidas por uma pergunta curta, mas inquietante. Quem somos nós? Compreender o caminho até aqui percorrido exigiu que eu retomasse esse questionamento que me fiz ainda na infância. Quem é a Mariana que vejo no espelho? O que eu sou?

Sou morena de pele branca e cabelos escuros. Tenho olhos castanhos, estatura mediana, porte físico normal. Uso alargadores nas orelhas e tenho muitas tatuagens espalhadas pelo corpo. Assim como minhas mãos, meus seios são pequenos. Meus pulsos são magros, minhas pernas são tortas e meus pés são gordinhos.

No reflexo do espelho reconheço minha imagem, meu corpo. Mas na figura refletida não me enxergo por completo. Quem é a Mariana que não vejo?

Sou meu corpo e muito além dele. Sou minha alma e o que nela habita. Sou as imagens nas quais me reconheço. Sou potência do meu devir. Sou a força ao seguir meus princípios, sou o que a consciência crítica me faz ser. Sou tantas e nem sei quantas ainda posso ser. Sou, antes de tudo, o estar-junto, o que o coletivo me faz ser.

As diversas Marianas que em mim habitam e que se manifestam cotidianamente, refletem-se, também, nas minhas escolhas e, consequentemente, na minha pesquisa.

Sou as imagens nas quais me reconheço. O computador e a internet estiveram presentes na minha trajetória desde a infância e, assim, a paixão pelas imagens virtuais na *web*, mais precisamente, nas *timelines*¹ das minhas redes sociais, fez surgir algumas constatações empíricas e alguns questionamentos sobre a característica imagética do ambiente, e sociedade, virtual. “Neste sentido, a imagem constata um elã vital, uma estética (aisthesis) emocional em todos os seus afetos” (MAFFESOLI, 1995, p. 92). As imagens compartilhadas por mim nas redes sociais contam um pouco da minha história. Levam com elas um pedacinho de mim, possuem o intuito de me representar socialmente e de estabelecer um laço com o *outro*. E, para além da imobilidade dessas

¹ “*Timeline*, ou Linha do Tempo em português, é basicamente a forma gráfica e linear de representar uma sequência de eventos em ordem cronológica. Linhas do Tempo são tipicamente usadas para descrever uma determinada sucessão de fatos. Nas redes sociais o formato é muito utilizado para exibir o fluxo de informações compartilhadas por usuários” (ALMEIDA, 2013).

figuras estáticas, as imagens animadas que tanto amo – Graphics Interchange Format (GIFs) – assemelham-se às memórias que guardo na mente, simulam-me de uma forma ainda mais poética, transformando-me em fragmentos eternamente repetidos. Fragmentos que, compartilhados em rede, estabelecem uma relação entre *eu* e o *outro* e, assim, colaboram na construção do meu conhecimento e complexificam minhas subjetividades.

Sou potência do meu devir. As imagens com as quais me identifico, ao mesmo tempo que quando compartilhadas representam-me diante do corpo social, aproximam-me do *outro* e se refletem novas possibilidades de ser. Sou, eu mesma, virtual. Potência do que logo posso vir a me tornar. Acredito que assim, também, se edifique a sociabilidade no meio digital, alimentada por imagens que fazem o “reservatório” chamado imaginário² transbordar. Figuras, estáticas ou em movimento, são fontes de sensações, afetos e lembranças, e tudo isso é energia catalisadora capaz de transpor o espaço imaterial, modificar as experiências estéticas e potencializar as possibilidades de ser.

Sou a força ao seguir meus princípios, sou o que a consciência crítica me faz ser. O pensamento crítico sobre a minha vida e sobre a sociedade me acompanha desde a infância. Começando pelos questionamentos filosóficos advindos das leituras que fiz, o refletir sobre as vivências coletivas e sobre meu papel no mundo veio acompanhado da vontade de construir com o *outro* uma relação de amor e de afeto. As ambições de vida e de mudança social que vão para além dos meus interesses individuais me fizeram interpretar a realidade de forma minuciosa, sempre prestando atenção em como as experiências cotidianas poderiam ajudar na construção do pensar social. Assim, a vida tornou-me ativista. Ativista por desejar, de forma ativa e engajada, um mundo mais harmônico e justo para todos. Mundo, este, que se refere aos pequenos territórios a nossa volta e que não deve ser interpretado no seu sentido literal, já que até mesmo em lutas de interesses mundiais a mudança global depende de diversas pequenas mudanças pessoais e coletivas. O pensamento crítico é construído a partir da vivência em sociedade, em uma harmonia nascida da miscelânea entre as manifestações do *outro* sobre mim e de mim sobre o mundo. Assim, o ativismo constitui parte relevante no meu cotidiano representando uma de minhas muitas facetas.

Sou tantas e nem sei quantas ainda posso ser. Não sou mais apenas uma, sou várias,

² “O imaginário é um reservatório-motor. Reservatório, agrega imagens, sentimentos, lembranças, experiências, (...) através de um mecanismo individual/grupal, sedimenta um modo de ver, de ser, de agir, de sentir e de aspirar ao estar no mundo. (...) Motor, o imaginário é um sonho que realiza a realidade, uma força que impulsiona indivíduo ou grupos” (SILVA, 2003, p. 11-12).

cada qual alimentada por motivações e estímulos diferentes. É assim que insiro-me na coletividade e que a coletividade, em mim, se reflete possibilitando o nascimento de mais identificações que me modificam, transformam e reconstroem. A internet me multiplica ao infinito, torna-me expoente sem fim. Cada imagem, cada GIF, leva consigo um *eu* diferente que está diretamente ligado às vivências e experiências que tive. Dessa maneira, a *web* me apresenta diversas possibilidades de ser, agir, gostar, brincar, amar, e colabora para que a *aura*³ de mim mesma, o imaginário, seja gradativamente alimentada pelo coletivo, fazendo nascer uma infinidade de outros *eus*.

Sou o que a coletividade me faz ser. Nessa época do compartilhamento – tanto das redes sociais quanto no sentido de dividir anseios e paixões com o *outro* – sinto ainda mais evidente a força das relações. O hedonismo contemporâneo traz com ele a vontade de me procurar no *outro* e ver, nele refletido, também, um pouco de mim. Talvez, essa seja característica própria da sociabilidade que vivemos, na qual a construção do conhecimento é resultado do que se vive em comunidade, na qual as relações sociais advindas das experiências mais cotidianas e banais se mostram essenciais na edificação de nossas subjetividades, e onde o “laço social serve de cimento para a vida em sociedade” (SILVA, 2003, p. 21). Assim, existe sempre o contágio afetivo que faz com que eu me sinta o *outro* e viva com ele emoções que me transformam e que, assim, constituem o sujeito que sou. Tais laços sociais e afetivos representam a época que vivemos, na qual o estar-junto⁴ determinado pelo corpo social define a maneira com na qual pensamos o mundo e nos relacionamos com os ambientes à nossa volta. Com a internet e com as imagens que nela se apresentam, o estar-junto se torna uma constante seminal na pós-modernidade ao definir as formas com a qual nos relacionamos com os mundos e com as pessoas (MAFFESOLI, 1995). As imagens me ligam ao *outro* e acentuam a estética do cotidiano, do aqui e do agora.

É nessa mistura de “eus” que meu tema de pesquisa ganha corpo. Corpo imaterial, mas forte, pois leva muito de mim com ele. A pesquisa parte da suposição empírica, nascida a partir da experiência pessoal, de que o GIF pode funcionar como ferramenta de ativismo virtual. O GIF se constitui como signo das sociedades contemporâneas no momento em que passa a ser elemento de identificação e um dos representantes do coletivo no ambiente virtual. Como formato de imagem inserido na internet enquanto elo

³ Michel Maffesoli compara o imaginário à *aura*: “Não vemos a aura, mas podemos senti-la. O imaginário para mim, é essa aura, é da ordem da aura: uma atmosfera. Algo que envolve e ultrapassa a alma” (SILVA, 2001, p.75).

⁴ Expressão usada por Michel Maffesoli (1995; 1998; 2005).

que favorece o laço social e como manifestação sensível e estética do cotidiano vivido (tal qual diversos outros elementos visuais contemporâneos), assume um papel imprescindível na construção do conhecimento cotidiano e, conseqüentemente, na educação estética natural da vivência social. Esta investigação busca, através de seus objetivos, compreender de que forma o GIF pode fazer parte do cotidiano vivido virtualmente na pós-modernidade e de entender como as características da sociedade contemporânea podem estar refletidas na imagem animada a ponto de qualificá-la como possível instrumento de mobilização social. São eles: perceber como a sociedade considerada por muitos enquanto pós-moderna ainda apresenta características similares às da modernidade mais racional; discutir sobre como convivemos diariamente com o paradigma estabelecido entre individualidade e coletividade; discutir a importância do *outro* nas relações sociais da atualidade; entender se o cotidiano cada dia mais virtual nos afasta das vivências físicas e das ações presenciais; estabelecer um paralelo entre acesso e excesso constantemente vividos no cotidiano contemporâneo; contrapor passividade e comprometimento social, dois extremos muitas vezes vivenciados na pós-modernidade; apresentar o comprometimento social como passo inicial do ativismo virtual; descrever ativismo e ativismo virtual; compreender quais as possíveis relações entre ativismo, educação estética e afeto; contextualizar e caracterizar o GIF como elemento visual recorrente na contemporaneidade; discutir a relação entre GIF e afeto; propor a utilização do GIF como ferramenta de ativismo virtual; e, finalmente, construir GIFs ativistas que demonstrem a possibilidade de tais elementos funcionarem como instrumentos de mobilização social. Assim, para alcançar tais objetivos, a dissertação, que tem caráter teórico-prático e é focada na revisão bibliográfica, estrutura-se em três capítulos que pretendem abarcar essas principais questões.

No primeiro capítulo, denominado “Paradoxos contemporâneos: das dicotomias espaço-temporais às manifestações de afeto hoje”, apresento as principais características da pós-modernidade em relação à modernidade, ora em contraponto, ora em concordância. Determinadas características constantemente apresentam duas maneiras de serem interpretadas e compreendidas, transformando-se em paradoxos espontaneamente vividos na contemporaneidade. Neste tópico são abordadas reflexões geradas por temas como: coletividade e individualização, frivolidades e experiências estéticas, virtual e atual, passividade e comprometimento social, educação estética e ativismo virtual. As discussões provenientes do enfrentamento entre os assuntos colaboram para compreender um pouco da realidade hoje vivida e a perceber a importância do cotidiano nas experiências estéticas sociais.

Experiências, estas, construídas no cotidiano contemporâneo que é invadido por imagens, principalmente, nos ambientes virtuais. As redes sociais da internet apresentam quantidades significativas de manifestações visuais que acabam por criar laços sensíveis entre sujeito e imagem e, conseqüentemente, entre os próprios sujeitos. São as imagens funcionando como elos sociais e favorecendo as trocas com o *outro*. Na internet, tais imagens não raro se apresentam como imagens animadas, criando sensações e proximidades com o cotidiano vivido de forma diferente das imagens estáticas. Pensando nisso, o capítulo dois, intitulado “Os GIFs na pós-modernidade: as imagens animadas como manifestações contemporâneas”, apresenta as principais características dos GIFs organizadas em uma espécie de classificação a partir da minha experiência com tais imagens em algumas redes sociais.

Unindo as reflexões teóricas realizadas a partir dos assuntos abordados no primeiro capítulo referente aos paradoxos contemporâneos e às características dos GIFs discutidas no capítulo dois, apresento a imagem animada como possível ferramenta de ativismo. As manifestações sociais funcionam como tentativas de transformar os espaços nos quais vivemos em lugares mais harmoniosos a partir das premissas do afeto e do reconhecimento do *outro* como legítimo *outro*. Na conjuntura social atual, na qual a internet e as redes sociais ganham cada vez mais espaço e mais reconhecimento enquanto lugares de trocas sensíveis e de construção de conhecimento, as manifestações sociais se mostram gradativamente mais imagéticas. Nesse contexto, e com base nas imagens que encontramos compartilhadas em *sites* de relacionamento, encaminho-me para a discussão que sustenta o GIF como possível instrumento de mobilização. Assim, no terceiro e último capítulo, nomeado “GIFs Ativistas: imagens animadas como ferramentas de ativismo virtual”, trago novamente o debate sobre ativismo, desta vez de forma mais minuciosa e com exemplo mais concretos, principalmente no que se refere ao ativismo virtual, e exponho GIFs ativistas produzidos por mim, bem como as características e critérios de construção dos mesmos.

Contamos, nesta pesquisa, com o aporte teórico de Pierre Lévy (1999), Diana Domingues (2003) e Raquel Recuero (2009, 2012) e seus estudos sobre cibercultura, arte e características do meio virtual; Michel Maffesoli (1995, 1997, 1998, 2005, 2007, 2010) e Stuart Hall (2007) para tentarmos compreender a contemporaneidade imagética e as identidades culturais; Zigmunt Bauman (1998, 1999, 2001, 2009) para tratarmos de modernidade líquida e estabelecer um contraponto com as ideias propagadas por Maffesoli; João Francisco Duarte Jr. (2000) para discutirmos educação estética e saber sensível; e, finalmente, Manuel Castells (2004) e Dênis de Moraes (2010, 2014) para entendermos o ativismo e mobilizações sociais virtuais. Importa declarar que

consideramos Maffesoli e Bauman, e suas reflexões na maioria contraditórias, autores norteadores desta dissertação de mestrado. Como as pesquisas sobre GIFs ainda não estão consolidadas, o que apresentamos, além dos textos já legitimados, é também baseado 1) em postagens de *blogs*, 2) na experiência pessoal com esse formato de imagem através das redes sociais e 3) nos debates com outras pessoas familiarizadas com GIFs.

Justificamos a importância desta pesquisa pelo fato de ser um tema inédito e merecedor de ainda mais estudos já que vivemos intensamente as sociedades virtuais nas quais os GIFs são, gradativamente, mais e mais utilizados de forma a fazer parte do nosso cotidiano. Soma-se, a isso, a revelação de que a palavra GIF foi considerada, pelo dicionário Oxford, como a mais importante de 2012⁵, o que prova o quanto esse formato de imagem vem sendo, cada vez mais, intrínseco às formas imagéticas de se comunicar esteticamente através da internet.

A dissertação apresenta um formato diferenciado que busca representar o *eu designer* (meu devir designer) que ajuda a desenhar o caminho até o Programa de Pós Graduação em Artes do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e que se mostra constantemente presente e ativo. O projeto editorial apresenta-se em formato A4 para aproveitamento total da folha, evitando o desperdício bem como facilitando na melhor distribuição do conteúdo pela página. As tipografias utilizadas são sem serifa (a fonte Arial aplicada no corpo do texto e Bebas Neue para títulos) que, além de deixar a mancha gráfica mais sutil, relacionam-se com as tipografias utilizadas na internet: simples e de fácil legibilidade. Os GIFs impressos são apresentados, em sua maioria, através de seu primeiro e último *frame*, e, em seu formato original, em CD a fim de facilitar sua compreensão no contexto da pesquisa. Da mesma maneira, as cores utilizadas, em sua maioria tons de vermelho, traduzem o caráter ativista e engajado sobre o qual o trabalho se debruça; assim como a cor azul aparece em alguns detalhes para representar as emoções e afetos recorrentes no cotidiano pós-moderno.

⁵ “GIF Named ‘Word of the Year’ by Oxford Dictionaries”, matéria publicada por Lewis Wallace no *site Wired*, em dezembro de 2012

CAPÍTULO 1

PARADOXOS CONTEMPORÂNEOS:

DAS MUDANÇAS ESPAÇO-TEMPORAIS ÀS
MANIFESTAÇÕES DE AFETO

Apressados, rodeados de lixo físico, atolados de lixo mental e, por outro lado, libertos em nossas paixões cotidianas e motivações de vida, edificamos nossa existência nos paradoxos do *tempo*, que cura e fere, e do *espaço*, que mostra e esconde. Dicotomias que representam as experiências diárias da contemporaneidade e colaboram para a formação de seres cada vez mais sensíveis e decididos, e, por outro lado, constantemente informatizados, inseguros e duvidosos. Viver na era do “quase livre” acesso à informação, as vezes excessiva e superficial, não é tarefa fácil, mas tem algumas vantagens.

Tal era nasce da ruptura da modernidade para a pós-modernidade que se caracteriza principalmente pela mudança na forma de pensar o mundo, passando de absolutamente racionalizada para uma maneira que promete equilibrar razão e emoção. Na modernidade predominou a exclusão e alguns valores, como a sensibilidade, foram considerados ultrapassados. Foi uma época na qual o conhecimento do corpo, o senso comum e os valores comunitários, em muitos momentos, foram deixados de lado. Ao contrário, a pós-modernidade, que teve seu início nas últimas duas décadas do século XX, apresenta aspectos muito mais voltados ao viver em comunidade, retomando algumas características dos tempos arcaicos (MAFFESOLI, 1995). Podemos notar que a coletividade acaba por definir os sujeitos no cotidiano tornando a época hoje vivida muito mais híbrida, hedonista e, ainda, preocupada com as experiências diárias banais apreendidas a partir do conhecimento sensível.

[...] a modernidade foi puramente racionalista. São autores como Thomas Kuhn que mostraram isso. Ele diz que, a partir do século 17, a Europa seguiu a via recta, a estrada reta da razão. Quer dizer, um só valor. E para seguir a estrada reta da razão, deixou-se à beira da estrada toda uma série de bagagens inúteis - o sonho, o jogo, o simbólico, o imaginário - para ser eficaz. O resultado disso foi a sociedade moderna. O que eu digo é que atualmente nos damos conta da utilidade desta bagagem que tinha sido considerada inútil. Deste ponto de vista, sim, há uma relação estrutural, estreita entre o imaginário e a pós- modernidade. Para mim, a pós-modernidade é - e essa palavra não é do bom francês - a inteiridade (l'entierité). A inteiridade é aquilo que chamei de razão sensível. Ou seja, se diz a razão, mas na medida em que há o sentido, o sensível, isso se chama razão sensível (MAFFESOLI, 2013, p. 14).

Dessa maneira, tendemos a acreditar que o mundo configurou-se de modo diferente no momento em que os princípios da modernidade foram considerados ideais já ultrapassados. Passamos a falar em pós-modernidade e construímos uma barreira monumental, blindada e imaginária entre as duas formas díspares de se pensar o mundo. O problema – que talvez nem mesmo se configure definitivamente enquanto algo negativo – foi que percebemos que os pontos de vista, formas de pensar e maneiras

de agir de hoje eram, às vezes, muito distantes da modernidade e, em outras vezes, muito próximos. Descobrimos, assim, e para além dessa questão, a pluralidade da nossa época. Passamos a sentir seus efeitos e a questionar tais relações de similaridades e diferenciações.

Este questionamento se deu, e se dá, à medida que vamos percebendo o mundo a nossa volta e criando com ele significações para além da simples ação de deslocar-se pelo espaço, ou de cumprir tarefas automatizadas em determinado tempo. Tal questionamento surge no ato de (re)pensar não só o espaço no qual estamos inseridos e o tempo de duração de nossas ações como também, e essencialmente, de re(pensar) nossas vivências, motivações cotidianas e maneiras com as quais nos relacionamos com o *outro*. Tais indagações resultam na tentativa de compreender a época na qual estamos inseridos e quais os reflexos das nossas ações diante da sociedade que vivenciamos. Ou seja, buscam compreender a pós-modernidade através de nossas experiências estéticas – experimentando o mundo e o pensando ao mesmo tempo – e, a partir disso, apreender a estruturação plural e as diversas possibilidades existentes nesta época. Os questionamentos da época vivida levam também ao problema dessa pesquisa: *como o GIF animado, elemento visual recorrente nas redes sociais da atualidade, pode se inserir socialmente no cotidiano pós-moderno através da educação estética e do sensível e se configurar como um instrumento de mobilização social?*

Para começar a responder tal pergunta, este primeiro capítulo se divide em nove tópicos que pretendem aproximar e confrontar diferentes categorias e definições pós-modernas. São eles: Pós-modernidade e modernidade líquida; Coletividade e Individualização; Frivolidades e Experiências Estéticas; Liberdade e Aprisionamento; Virtual e Atual; Acesso e Excesso; Passividade e Comprometimento Social; Afeto e Movimentação Social; e Educação estética e Ativismo Virtual. Tais tópicos tem o objetivo de, com o aporte bibliográfico de, principalmente, Michel Maffesoli e Zigmunt Bauman, principalmente, apresentar de forma mais organizada as características dicotômicas dos tempos vividos com intuito de ajudar na construção teórica do objeto de pesquisa desta dissertação, qual seja, a possibilidade de encarar o GIF animado como ferramenta de ativismo virtual.

1.1 Pós-modernidade e Modernidade Líquida

Ao pensar o mundo que nos rodeia e as engrenagens que o movem percebemos, não raramente, que a sociedade ainda apresenta características próprias do século XX.

Tanto Maffesoli quanto Bauman reconhecem reflexos da modernidade no nosso tempo. Todavia, ainda assim, por vezes, discordam da forma como esses reflexos são vistos e vividos no âmbito social e público assim como dos modos de definir e nomeiar a contemporaneidade. Logo, a pergunta que fica ao problematizarmos as teorias dos autores em relação às características atuais e ao cotidiano experienciado é, essencialmente, uma: *como a sociedade considerada por muitos como pós-moderna ainda apresenta tantas características similares às da modernidade?*

Primeiramente, Maffesoli vê os reflexos da modernidade na época que vivenciamos, mas não deixa de acreditar que, sim, vivemos a pós-modernidade, um momento que sugere uma

(..) ordem comunicacional, simbólica em seu sentido mais forte, uma ordem que, depois do parêntese da modernidade, fundado no *principium individuationis*, reencontra o *principium relationis* das sociedades tradicionais ou primitivas (MAFFESOLI, 1995, p. 78).

Para o autor, o período vivido hoje, após anos de segmentação e individualismo, alude a uma maior inclinação à coletividade e à valorização do estar-junto (tanto através da convivência física quanto da relação permeada pela tecnologia virtual, por exemplo). A pós-modernidade, para Maffesoli (1998), representa o politeísmo e a diversidade da vida cotidiana.

Não se pode negar que a reflexão sobre as diversidades e as aglomerações de pessoas em coletivos unidos por interesses em comum é cada vez mais recorrente. Organizamo-nos, principalmente através das redes sociais, em grupos ou tribos – agrupamentos semi-estruturados, constituídos por pessoas que se aproximam por identificações e estilo de vida em comum (MAFFESOLI, 1998) – cujas relações são permeadas pela vontade de fazer parte da coletividade e, ao mesmo tempo, pela ansiedade de ver no *outro* um pouco de nós mesmos. Viver na pós-modernidade, como anuncia o autor francês, é, com certeza, viver permeado por uma infinidade de realidades que ultrapassam os limites do indivíduo e que, assim, configuram a tamanha pluralidade existente no mundo. Todavia, essa inclinação à coletividade, por vezes vazia e sem finalidade, realmente faz com que abandonemos as características individualistas próprias da modernidade?

Segundo Bauman, que em diversos momentos ainda não parece ter compreendido as formas de se relacionar contemporâneas, assistir as notícias veiculadas na televisão ou mesmo atividades expostas nas mídias alternativas, como a internet, talvez seja um indício do individualismo arraigado vivido e da racionalidade instrumental ainda em

voga. De acordo com o autor, a modernidade representava um crescente predomínio da racionalismo instrumental que operava, principalmente, através da ciência e do Estado (1998). Assim, a racionalização da sociedade tinha como objetivo, por parte da ciência, eliminar todas as incertezas e indeterminações; da mesma forma, por parte do Estado, o objetivo era a eliminação das contradições internas, ou seja, a exclusão de quem não se adaptasse ao sistema. Deste modo, a pós-modernidade hoje vivida ainda encontra-se em processo de construção, mantendo algumas das características modernas mas agora configuradas de uma forma diferente, mais líquida e escorregadia do que nunca (BAUMAN, 2001).

Para Bauman (2001, p.14), o termo pós-modernidade é tratado enquanto "modernidade líquida" que nada mais é do que "uma versão individualizada e privatizada da modernidade, e o peso da trama dos padrões e a responsabilidade pelo fracasso caem, principalmente, sobre os ombros do indivíduo". A questão é que não sabemos lidar com tal responsabilidade e frequentemente desistimos de agir. A partir do ponto de vista do autor polonês, diversos aspectos pioraram, em muito, nos dias atuais: estamos cada vez mais apressados, ocupados com nossas atualizações de *status* nas redes sociais, dedicados a mostrar como somos felizes, como nossas vidas são perfeitas e como nossos bens são os mais atualizados do mercado. E, ainda, somos constantemente reféns dos nossos próprios pensamentos reducionistas e, gradativamente, menos capazes de refletir sobre nossas próprias liberdades: sinais claros da sociedade adoentada que, para Bauman, despende tempo e energia em superficialidades.

O momento atual é caracterizado pela liquefação dos padrões sociais de referência que guiavam a ordem social.

O "derretimento dos sólidos", traço permanente da modernidade, adquiriu, portanto, um novo sentido, e, mais que tudo, foi direcionado a um novo alvo, e um dos principais efeitos desse redirecionamento foi a dissolução das forças que poderiam ter mantido a questão da ordem e do sistema na agenda política. Os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo no momento, o momento da modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projeto e ações coletivas – os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas, de outro (BAUMAN, 2001, p.12).

Para Bauman (2001), o tempo atual é uma fase de extrema privatização e individualização. Vivemos um rompimento entre a construção da vida individual, a "política-vida", e a construção da sociedade. A movimentação socialmente ativa é cada vez menor, assim como o esvaziamento dos espaços públicos é cada vez mais

acentuado. Além disso, para o autor, ao perdemos os padrões de referência também perdemos a consistência na formação de nossas identidades. Elas não são construídas para durar, pois são constantemente montadas e desmontadas. Afinal, na modernidade líquida, existe a ideia de que ao se prender a apenas uma identidade pode-se ter um desfecho infeliz, uma vez que assim poderíamos ter dificuldades de nos adaptar aos inúmeros papéis assumidos durante o dia ou, então, não seríamos bem aceitos socialmente. Com isso, fabricamos identidades que são facilmente descartadas no momento em que se tornam inconvenientes. Funciona mais ou menos como o mercado capitalista: no momento em que não estivermos mais felizes com nosso *eu* (*self*), podemos descartá-lo e comprar um novo no mercado dos produtos de estilo. Segundo Bauman, o poder consumidor define nossa vida cotidiana, nossas escolhas e, até mesmo, e enganosamente, se somos felizes ou não.

Nomenclaturas e posicionamentos à parte, as características abordadas por Maffesoli e Bauman representam o tempo vivido em diferentes âmbitos. Para Maffesoli (2013) a própria palavra "pós-modernidade" por ele usada para designar o que vivemos hoje não se trata de um conceito, ela apenas "descreve o que está sendo elaborado depois da modernidade" (2013). Portanto, os diversos pensamentos desenvolvidos nas teorias acerca tanto da pós-modernidade quanto da modernidade líquida, ajudam a construir – ora juntos, ora em contraposição – uma reflexão sobre a contemporaneidade e uma percepção mais complexa de um mundo repleto de possibilidades e de interpretações. Todavia, ainda existem pontos de divergência que devem ser discutidos e elaborados a fim de propor uma maneira mais abrangente de pensar nossa inserção no *espaço/tempo* assim como uma forma mais crítica de analisarmos nossas relações, frívolas ou não, tanto no domínio público quanto no privado.

1.2 Coletividade e Individualização

Os novos modelos de comunicação e de relacionamento que surgiram na pós-modernidade – advindos, geralmente, da revolução tecnológica aliada às diversas maneiras de se perceber o mundo nos dias atuais – guiam-nos para um cotidiano repleto de trocas afetivas moldadas no vínculo comunitário e de interesses individuais naturais em uma sociedade edificada a partir do mercado de consumo. Logo, são comuns as maneiras divergentes de se caracterizar o tempo vivido. Maffesoli (1995) considera a época em que vivemos essencialmente coletiva, propícia às relações, à comunicação e à convivência, e à preocupação com o *outro*. Bauman (1999; 2001) pensa diferente;

para ele a contemporaneidade assume como característica uma individualização muito agravante e, pior, fatídica: nem mesmo teríamos escolha, apenas seguimos o modelo de relação com a sociedade imposto pelo sistema.

As tribos, redes e grupos de afinidades e de interesse, unidos por paixões em comum, invadem nosso cotidiano. Para Maffesoli (1998), esta é uma das manifestações que melhor representam o que vivemos atualmente. Segundo ele, a tribalização do mundo é reflexo das nossas relações sociais cada vez mais coletivas; nos organizamos em grupo e desejamos fazer parte das coletividades, aspirações naturalmente respaldadas na afetividade e no estar-junto. Claro que ainda dedicamos tempo aos nossos valores íntimos e pessoais, mas estes são edificados para podermos nos entregar ao ideal comunitário. É nesta inserção coletiva que consiste a “transfiguração do político” própria da pós-modernidade, ou seja, o que resulta de “quando a ambiência emocional toma o lugar da argumentação ou quando o sentimento substitui a convicção” (MAFFESOLI, 2011, p.147).

Nesta estruturação social que se dá principalmente através do sentimento, do afeto e da vontade de estarmos unidos, compreende-se porque o sujeito só existe enquanto inserido na coletividade.

O indivíduo não é, ou não mais, dono de si, o que não significa não ser ator. Ele certamente o é, mas como quem recita um texto escrito por outro. Pode acrescentar a entonação, pôr mais ou menos calor, eventualmente introduzir uma réplica, mas continua prisioneiro de uma forma que não pode em hipótese alguma alterar a seu bel-prazer. Neste tempo em que é de bom-tom falar em individualismo, sendo difícil questionar esse pensamento institucionalizado, não é inútil lembrar a evidência empírica da imitação apaixonada, desse instinto animal que nos impulsiona, em geral, a ‘fazer como os outros’. Simmel via nisso um fenômeno sociológico dos mais instrutivos: ‘o indivíduo sente-se arrastado pela ambiência agitada da massa, como por uma força exterior, indiferente ao seu ser e à sua vontade individuais, entretanto essa massa é constituída exclusivamente por tais indivíduos’ (MAFFESOLI, 1997, p. 140).

O sujeito, sempre em relação com o *outro* e tentando ser aceito nos agrupamentos sociais, guia a sua existência com o foco no estar-junto. Suas ações, estilos, formas de pensar e de agir seguem o caminho que conduz à coletividade. Todavia, embora essas características traduzam as nossas ações enquanto seres humanos, ou seja, o desejo intrínseco à nossa espécie de viver em comunidade, elas não exprimem por completo a realidade vivida na pós-modernidade.

A época em que vivemos é, também, assinalada por aspectos que vão para além do ideal comunitário, e estes igualmente interferem na forma com que nos relacionamos com o mundo e com as pessoas a nossa volta. Para Bauman (2001), uma das principais particularidades do que denomina "modernidade líquida" é o mercado de consumo cada vez mais consolidado. Tal mercado – suas práticas e exigências de adaptação –, segundo o autor, é o que realmente guia nossas ações e escolhas, desde as mais banais até as ligadas às nossas identidades, por exemplo. É também esse mesmo mercado de consumo que torna a nossa sociedade tão individualizada. Vemo-nos presos às responsabilidades que nos são impostas, muitas vezes apresentadas como consequências de supostas liberdades, e acabamos por agir, incontáveis vezes, de forma individual. O consumo exacerbado e a posse de objetos de consumo que definem, hoje, nosso “grau” de felicidade, são reflexos do livre movimento de capital e da liberdade de mercado – principal preocupação da economia pós-moderna – que nos direcionam a uma existência individual por obrigação e não individual por conquista, um aspecto importante para vida coletiva. Para Bauman, esse é o principal problema da individualização contemporânea: ela nos é imposta e não construída (como deveria ser por cada um de nós).

Com as falsas liberdades que as novas configurações de economia nos oferecem (e sua recorrente individualização) os sujeitos se deparam com diversas responsabilidades que não deveriam caber somente a eles.

Se ficam doentes, é porque não foram resolutos e engenhosos o bastante ao seguirem o regime de saúde. Se ficam desempregados, é porque falharam ao aprender as habilidades para se saírem bem numa entrevista, porque não tentaram com afinco ou porque estão, pura e simplesmente, envergonhados de trabalhar. Se não estão seguros a respeito de suas carreiras futuras e se angustiam quanto ao futuro, é porque não são bons o suficiente em fazer amigos e influenciar pessoas, e porque falharam em aprender como deveriam as artes da auto-expressão e de impressionar os outros. É isso que lhes é dito, e o que eles chegaram a acreditar, de modo que se comportam "como se" essa fosse de fato a verdade sobre a questão (BAUMAN, 2008, p. 65).

Tais liberdades individuais e responsabilidades impostas, nos transformam em sujeitos cheios de incertezas, de hesitações e de falta de controle. E tudo isso resulta em ansiedade. Nossa sociedade, que segundo Bauman tem a vida pautada em inúmeras privações agravadas pelos interesses em comum, acaba por ter no coletivismo um remédio para tudo. Para o autor, a coletividade foi uma estratégia eficiente aos sujeitos que não conseguiram se “auto-afirmar como indivíduos por meio de seus próprios e escassos meios” (BAUMAN, 2008, p. 64).

De ambas as maneiras, essencialmente coletiva ou individualizada de forma imposta, a sociedade pós-moderna (bem como suas relações sociais e interpretações de mundo) tem suas reflexões configuradas de dois modos. Ora respaldadas nas características comunitárias intrínsecas ao ser humano e nos agrupamentos sociais encontrados no cotidiano; ora na individualização (por vezes construída, por vezes imposta) das nossas ações e convivências com as pessoas, com o ambiente e com os objetos de consumo cotidianos. Coletividade e individualização vêm, assim, a desembocar em nossas vivências e experiências estéticas, frívolas ou não.

1.3 Frivolidades e Experiências Estéticas

Se o que nos une enquanto sociedade são as vivências que temos ao longo da vida, o que nos define enquanto comunidade e enquanto sujeitos são as experiências resultantes de tais vivências. Um dos problemas da contemporaneidade, aliado aos novos paradigmas de *tempo* e *espaço* – ritmo acelerado e dissolução das fronteiras físicas –, é, justamente, que essas experiências estéticas, principalmente na esfera do sensível e do cotidiano, estão cada vez mais raras (DUARTE JR., 2000). Mal temos tempo, contato e vivência física para experienciar os espaços que nos rodeiam. Para autores como Maffesoli vivemos, na contemporaneidade, a valorização do cotidiano e do hedonismo e a busca pelos prazeres e pelas atividades que nos mantêm felizes. Porém, nem sempre é assim. Obviamente, existem discussões sobre a relevância da valorização do cotidiano em diversos aspectos, principalmente em relação à arte ou, então, à vida saudável. Todavia, estamos gradativamente mais encurralados em nossas carreiras profissionais e em práticas que nos distanciam de experiências estéticas fundamentais.

Frivolidades são normais no cotidiano e importantes para o desenvolvimento de nossas personalidades. O banal, o superficial, o corriqueiro e o diário propiciam experiências estéticas relevantes para uma construção de visão de mundo e para uma formação socialmente crítica. Experiências estéticas cotidianas, constantemente desenvolvidas durante nossa vida, conduzem às premissas da coletividade, da comunhão social, da valorização do estar-junto e do afeto, sem esquecer da individualização experiencial e intelectual construída por cada um de nós. Assim, é compreensível, até mesmo desejável, acreditarmos que “em todos os domínios, do mais sério ao mais frívolo, dos diversos jogos de faz-de-conta ao jogo político, na ordem do trabalho como na dos lazeres, bem como nas diversas instituições, a paixão, o sentimento, a emoção e o afeto

(re)exercem um papel privilegiado” (MAFFESOLI, 1998, p. 22). São estes, sempre e quase em qualquer âmbito, grandes motivadores, tanto pessoais quanto coletivos, já que propiciam a união em torno de alguma instância em comum.

Não temos mais tempo para “frivolidades”, essas experiências anódinas do cotidiano, mas que possuem importância por formar e sedimentar microvalores que fomentam nossa base comunicacional (MAFFESOLI, 2005). Não temos mais tempo para voltar a atenção às nossas vivências mais banais e corriqueiras e, nem mesmo, para as relações sensíveis com o mundo que nos rodeia (DUARTE JR., 2000). O mercado de trabalho nos mostra diariamente como precisamos nos portar para alcançar a vida dos sonhos (vida, esta, associada diretamente à dedicação profissional quase que exclusiva e ao aumento de poder consumidor). E qual é a maneira de conseguir tudo isso? Trabalhar muito, é claro. Logo, não é raro ouvirmos frases como “meu dia deveria ter 48 horas”. O irônico é que, mesmo com toda a evolução tecnológica que deveria nos auxiliar a ter mais tempo livre e poder dedicá-lo a atividades de lazer (uma das nossas premissas desde a Revolução Industrial) despendemos mais e mais tempo no trabalho. O incentivo pela alta produtividade cega-nos. Impede, muitas vezes, que percebamos a importância dos acontecimentos banais e das ações cotidianas mais simples com as quais temos contato diariamente. É constante a ideia de desperdício de tempo que nos assombra quando não estamos de fato sendo produtivos profissionalmente ou em qualquer outro aspecto. Ganhamos mais tempo com a evolução tecnológica na mesma medida que o perdemos ao desvalorizar o que não é efetivamente prolífero e bem-sucedido.

Parece que estes aspectos estão ligados à carência de experiências estéticas ou à falta de atenção e reflexão sobre elas. Como sujeito dúbio que sou ressalto que talvez este problema tenha raízes, ainda, em outros aspectos contemporâneos que também interferem na quantidade e qualidade de nossas experiências. Dentre os aspectos cito a racionalidade instrumental, a não valorização das ações cotidianas e banais e, principalmente, a deficiente educação para o sensível. Educação do sensível que é, essencialmente, a educação dos sentidos perante os estímulos mais ordinários, corriqueiros e comuns do cotidiano (DUARTE JR., 2000, p. 27). Ou seja, é um tipo de educação que tem papel relevante pra combater a contemporaneidade acomodada em uma rotina de experiências rasas. A sociedade da qual fazemos parte, inserida em uma política de consumismo exacerbado associado à falsa ideia de qualidade de vida e felicidade, tem suas regras pautadas pelos hipnotizantes bens de consumo. Em muitos casos nosso olhar encontra-se anestesiado em relação a tudo que esteja além das rotinas de trabalho, das telas de computadores, *smarthphones* e *tablets* e, principalmente, para além dos objetos do consumo encontrados, muitas vezes, em

excesso. Este é um agravante quando se trata da carência de experiências estéticas nas quais a educação do sensível se faz essencial. Assim, é preciso haver uma busca por

[...] experiências estéticas fora dos limites da mídia e dos *shopping centers*, experiências essas que [...] permitiriam a vivência de algumas das múltiplas formas de manifestação do belo, bem como o desenvolvimento de uma sensibilidade própria. Assim, não será demais insistir que a educação do sensível, antes de significar um desfile de obras de arte consagradas e de discussões históricas e técnicas perante os olhos e ouvidos dos educandos, deve se voltar primeiramente para o seu cotidiano mais próximo, para a cidade onde vive, as ruas e praças pelas quais circula e os produtos que consome, na intenção de despertar sua sensibilidade para com a vida mesma, consoante levada no dia-a-dia (DUARTE JR, 2001, p. 27-28).

Estar com a atenção voltada ao cotidiano ou à cidade que nos rodeia é estar também atento às diferentes vivências diárias que são, sim, individuais, mas que, ainda assim, são extremamente coletivas já que sozinhos não construímos o mundo, seus significados e percepções. Logo, é imprescindível que a atenção esteja voltada às experiências edificadas a partir das vivências sociais. Ou seja, é necessário que haja uma valorização das experiências ligadas aos interesses da sociedade como um todo, em seus aspectos mais constituintes como política e economia, por exemplo. Fazer com que este tipo de experiência seja mais recorrente na pós-modernidade é uma tarefa difícil já que as novas configurações sociais, tais como o livre comércio e a valorização dos bens de consumo e do poder financeiro, ditam as regras a serem seguidas e as atitudes a serem tomadas por parte da população em geral. Precisamos aprender a sermos novamente cidadãos e a educar o sensível a partir da reflexão sobre a nossa forma de encarar o mundo e as pessoas que dele fazem parte com um pensamento consciente e, aos mesmo tempo, amoroso.

Também falamos, aqui, em alteridade, em colocar-se no lugar do *outro* e entender a construção dos conhecimentos e das experiências enquanto união do *eu* individual e do *não eu*. Partimos do pressuposto de que todo o homem social interage e interdepende do *outro* e, assim, se modifica e se consolida enquanto sujeito a partir das relações estabelecidas com outras pessoas, com diferentes culturas, com diversos espaços e objetos.

A experiência da alteridade (e a elaboração dessa experiência) leva-nos a ver aquilo que nem teríamos conseguido imaginar, dada a nossa dificuldade em fixar nossa atenção no que nos é habitual, familiar, cotidiano, e que consideramos “evidente”. Aos poucos, notamos que o menor de nossos comportamentos (gestos, mímicas, posturas, reações afetivas) não tem realmente nada de “natural”. Começamos, então, a

nos surpreender com aquilo que diz respeito a nós mesmos, a nos espiar. O conhecimento (antropológico) da nossa cultura passa inevitavelmente pelo conhecimento das outras culturas; e devemos especialmente reconhecer que somos uma cultura possível entre tantas outras, mas não a única” (LAPLANTINE, 2000, p. 21).

Sendo assim, o sujeito, com suas identidades e particularidades, só é o que é individualmente devido à construção coletiva e só conhece a si mesmo no momento em que conhece o *outro*. São nestes processos de construção do mundo (nos quais a relação entre os paradoxos individual e coletivo se manifestam) que as paixões se fazem extremamente importantes. Sem paixão raramente existe a vontade de estar com o *outro* e fazer algo por ele – que tanto pode ser outra pessoa quanto o espaço que vivenciamos, ou nós mesmos. Ou seja, experimentar emoções e viver efetivamente em comunidade é experienciar o mundo em forma de afeto. Afetos que se configuram em sociedade enquanto paixões em comum o que é claramente próprio da estética e que favorece sempre – mesmo nas reflexões resultantes de experiências individuais – o pensar no *outro* e o agir inspirados pelo sentimento comunitário (MAFFESOLI, 1995).

1.4 Liberdade e Aprisionamento

Se existem paradoxos que giram em torno das questões individualidade /coletividade e hedonismo/cidadania, estes são permeados pelo modo como pensamos a liberdade na pós-modernidade. As novas configurações de *tempo* e *espaço* nos dão, constantemente, a sensação de livre circulação de informações e potencialização das relações devido às quebras de limites espaciais e temporais que ocorrem, principalmente, com a internet. Em contraponto, nossa busca incessante por segurança, assim como nosso desejo cada dia mais aflorado por objetos de consumo, mantêm-nos prisioneiros tanto em nossas casas quanto em nossos hábitos consumistas adquiridos e apreendidos para que nos adaptemos às “regras” contemporâneas. Logo, assola-me uma questão: *somos livres ou não?*

Podemos pensar a liberdade de diversas formas e a maneira como essa é encarada, também, pode variar em diversas culturas. Todavia, liberdade significa, essencialmente, o ato de

libertar-se de algum tipo de grilhão que obstrui ou impede os movimentos; começar a *sentir-se* livre para mover ou agir. “Sentir-se livre” significa não experimentar dificuldade, obstáculo, resistência ou qualquer outro impedimento aos movimentos pretendidos ou concebíveis (BAUMAN, 2001, p.23).

Ou seja, sentir-se livre para agir sem que nada nos impeça. Na configuração social vivida atualmente, em alguns momentos, temos a nítida sensação de sermos livres. A internet, por exemplo, apresenta-nos inúmeras possibilidades de relacionamentos assim como um encurtamento de fronteiras cada vez maior; as novas tecnologias digitais e virtuais nos mantêm conectados com os amigos que estão morando do outro lado do planeta nos permitem conhecer diferentes pessoas, culturas e lugares sem nem mesmo precisarmos sair de casa. Além disso, temos acesso a informações muitas vezes omitidas pelos meios de comunicação tradicionais, como televisão e rádio, e podemos assumir diversas identidades que nos possibilitam maior adaptabilidade e nos proporcionam uma quantidade ainda maior de relações sociais. Tudo isso muda a forma com a qual nos relacionamos com o mundo à nossa volta e muda a maneira pela qual refletimos acerca de nossas liberdades.

Maffesoli (2007) destaca o potencial da configuração de liberdade que temos hoje. Para o autor, na pós-modernidade temos a possibilidade de estarmos livres dos fardos metafísicos carregados ao longo do tempo e, assim, podemos celebrar a mutualidade das coisas e do mundo. Tal maneira de se vivenciar a liberdade na contemporaneidade nos permite a construção das “identidades múltiplas” e das “pessoas plurais” e nos dá a possibilidade de “não ser mais eu, de identidade tipificada e limitada, mas perder-se num conjunto mais amplo” (MAFFESOLI, 2007, p.110). É uma outra maneira de encarar a liberdade pós-moderna, mas que não elimina as questões levantadas por Bauman.

Sentimo-nos livres, é verdade, porém, segundo Bauman, nem sempre o somos. A questão é que “[...] sentimo-nos livres na medida em que a imaginação não vai mais longe que nossos desejos e que nem um nem os outros ultrapassam nossa capacidade de agir” (BAUMAN, 2001, p. 24). Isso está longe de acontecer na contemporaneidade. A vontade de obter objetos de consumo e uma condição de vida mais favorecida – normalmente vinculada diretamente à riqueza – são reflexos muito claros do conceito pós-moderno de felicidade. Os meios de comunicação colaboram nos vendendo a ideia de que bens adquiridos através de capital e de acumulação de riqueza e dinheiro são essenciais na busca pela felicidade. Afinal de contas, como seremos felizes sem o último modelo de celular, sem o carro do ano ou sem a casa na praia para reunir os amigos? Tais aspectos nos mantêm cada vez mais distantes da nossa imaginação. Temos, constantemente, ideais, estilos de vida e identidades moldadas ao que é considerado ideal pela mídia ou pelas configurações sociais. São aspectos construídos a partir do que nos é muitas vezes imposto e não o que deveria ser por nós estabelecido. Talvez

o que se sente hoje como liberdade não seja de fato liberdade; que as pessoas poderem estar satisfeitas com o que lhes cabe mesmo que o

que lhes cabe esteja longe de ser “objetivamente” satisfatório; que, vivendo na escravidão, se sintam livres e, portanto, não experimentem a necessidade de se libertar, e assim percam a chance de se tornar genuinamente livres (BAUMAN, 2001, p. 25).

As mídias, a preocupação política com a economia, os padrões de comportamento vinculados ao consumo e, assim, a dedicação (e valorização) maior às carreiras profissionais ao invés das ações cotidianas de lazer, são claros exemplos de como o que consideramos como liberdade se reflete em nossas vidas. Tais fatores nos mantêm tão ocupados que diversas vezes nos despreocupamos com nosso papel social. Esquecemos o quanto somos essencialmente coletivos e o quanto, enquanto coletividade, somos fortes e capazes. Todavia, tal coletividade (e decorrente possibilidade de ajudar a construir um mundo mais repleto de afeto) só é possível graças à maneira de se pensar e viver a liberdade hoje. Para Maffesoli (1998; 2012), a pós-modernidade significa a sinergia entre os fenômenos arcaicos e o desenvolvimento tecnológico que perpassa o vínculo entre ética e estética, a busca pelo gozo e a valorização do sensível. E tal sinergia existe devido às diversas liberdades de expressão e de ação que só foram conquistadas no século XXI.

1.5 Virtual e Atual

Hoje, as manifestações de coletividades e o aumento de possibilidades de relacionamento acontecem principalmente através da internet. É no meio virtual que nos comunicamos com frequência; que entramos em contato com diversas realidades e rotinas de vida; que nos informamos, descobrimos uma nova forma de ver e entender o espaço e ficamos conectados, de forma não física, ao mundo que nossos olhos não conseguem ver de perto e que alguns de nossos sentidos não podem perceber. O virtual é potência. Estar no ambiente virtual é estar diante de inúmeras opções de ação que, muitas vezes, potencializam nossas vivências diárias. O virtual está cada dia mais atrelado ao cotidiano, e essa é uma característica essencialmente contemporânea.

É impossível falar de pós-modernidade sem falar nas novas formas de comunicação surgidas com a internet. Estamos seguidamente conectados, mais em relação com o mundo e as pessoas que dele fazem parte. A variedade de informações propagadas pela rede de computadores nos permite estar cientes de inúmeras realidades com as quais, por vezes, nem mesmo teríamos contato através do convívio físico. Além disso, a nossa rotina virtual define não só muitas de nossas ações como, também, muitas de nossas identidades. O mundo virtual é uma porta aberta para o entendimento de parte

do nosso mundo, das nossas semelhanças e diferenças enquanto seres sociais. Mas será que esta crescente virtualização da sociedade prejudica a nossa visão de realidade?

Apesar da pré-concebida antagonia entre virtual e real, Pierre Lévy (1996) não acredita que ambos se contrariam. Para o filósofo da informação, a virtualização não se realiza apenas dentro de máquinas computacionais, mas, sim, em um processo de questionamento e problematização dos meios. Logo, o virtual existe, e se ele existe, é real. Para Lévy, o virtual, ao contrário do que costumamos pensar, se opõe diretamente ao atual. Virtualizar é o questionamento, atualizar é a resolução do problema em si. É a resposta aqui e agora. O virtual existe enquanto potência. O atual acontece.

Já o virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual. Contrariamente ao possível, estático e já constituído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização. Esse complexo problemático pertence à entidade considerada e constitui inclusive uma das dimensões maiores (LÉVY, 1996, p. 16).

Sanando as dúvidas sobre a virtualização em relação à realidade e pensando na crescente utilização dos ambientes digitais como meios de comunicação, me pergunto: *estarmos cada dia mais inseridos e mais dependentes do meio virtual nos afasta das vivências físicas e das ações presenciais?*

Para Bauman, a internet apresenta diversos reflexos negativos. Entre eles, o autor cita o fato de, hoje, os laços humanos se darem principalmente através da rede, ambiente no qual conectar e desconectar são ações muito fáceis. Essa relação permeada pelo computador, segundo o Bauman (2011), é muito diferente das relações que constituímos de forma pessoal. Nas redes sociais que povoam a internet, por exemplo, a ruptura é fácil e isso favorece a fragilidade dos laços estabelecidos entre as pessoas. O mesmo acontece em relação à movimentação ativa dos sujeitos da sociedade. Ficamos tão preocupados com as centenas de atividades tentadoras oferecidas pelas redes de relacionamento que, muitas vezes, esquecemos a importância social de cada um diante dos acontecimentos, principalmente políticos, do cotidiano que vivemos.

Em contrapartida, Maffesoli (1998; 2012) acredita que na pós-modernidade, caracterizada pela sinergia entre o arcaico e desenvolvimento tecnológico, as tribos contemporâneas “florescem” devido, justamente, à expansão da internet e da tecnologia. Segundo o autor, este efeito de encontro entre arcaico e tecnologia trata-se de um paradoxo já que ao longo do século XIX e de boa parte do século XX a tecnologia

era empregada como forma de racionalizar a vida social e, assim, deixar de lado o que pudesse ser da ordem do emocional, do afeto e das paixões. Na pós-modernidade a tecnologia, principalmente a internet e suas redes sociais, funciona de forma contrária. Serve como ferramenta que potencializa as relações e se caracteriza como facilitadora social no momento em que dá conta de todo o suporte emocional e afetivo natural dos vínculos humanos.

Em minhas constantes dúvidas diante dos posicionamentos e opiniões divergentes característicos do tempo vivido acredito que tanto Bauman quanto Maffesoli traduzem de forma qualificada os acontecimentos próprios da pós-modernidade. Por vezes, realmente, dedicamos-nos tanto à internet e a seus utensílios que esquecemos da possibilidade de afeto e de relação que pode se configurar através dela. As redes sociais podem, dependendo do uso que damos a elas, constituir-se tanto como espaços de troca onde a comunhão social, o afeto e a valorização das relações são claramente percebidos quanto como espaços de distração e manipulação, fazendo com que esqueçamos da importância da sociabilidade para além do virtual. A internet, as redes sociais e as inovações decorrentes de tais tecnologias devem potencializar e melhorar nossos relacionamentos com as pessoas e com os lugares que nos rodeiam. E não apenas substituir por completo nossas vivências cotidianas estabelecidas no tempo presente e no espaço físico.

1.6 Acesso e Excesso

Se a internet e suas redes sociais nos apresentam diversas formas de relacionamentos, assim como inúmeras informações com as quais não teríamos contato através das mídias tradicionais, elas também nos bombardeiam com uma quantidade absurda de estímulos visuais. O acesso quase livre à informação e aos gostos das pessoas que fazem parte das nossas redes de relacionamento se torna excesso. Vivemos em um mundo cada dia mais imagético e isso não vale apenas para quando estamos na frente do computador. A publicidade, por exemplo, invade a televisão, as ruas das cidades, os espaços fechados e até mesmo as escolas. Além disso, as possibilidades de vestimentas e acessórios enchem nossos olhos a cada passeio por algum lugar movimentado. Viver o cotidiano, tanto física quanto virtualmente, é estar permeado por inúmeros estímulos visuais que podem ou não comunicar.

As imagens fazem parte do nosso cotidiano, estão sempre presentes e influenciam, diretamente, a forma pela qual nos relacionamos com o mundo a nossa volta. Na pós-

modernidade, mais do que isso, os elementos visuais ajudam a formar nossas identidades e, ainda, quando apreendidos de forma coletiva, no aqui e agora, servem como fatores de agregação que nos permitem não só representar o mundo, como percebê-lo. “Nesse sentido, a imagem *constata* um elã vital, uma estética (*aisthesis*) emocional em todos os seus afetos, sejam eles refinados, de mau gosto, despojados, *kitschs*, explosivos ou conformistas” (MAFFESOLI, 1995, p. 92). Logo, os estímulos visuais, principalmente na internet, nos mantêm ligados às pessoas que se relacionam conosco no mundo virtual. Cria-se um laço imagético e, antes de tudo, afetivo. E o tipo de conteúdo, contido nessas imagens, para que se criem tais laços é infinito.

Perspectiva que não vê o aspecto continente da imagem: de fato, como conjunto vazio, a imagem é antes de tudo um vetor de comunhão, ela interessa menos pela mensagem que deve transportar do que pela emoção que faz compartilhar. Nesse sentido, a imagem é, de parte a parte, orgíaca, *stricto sensu* passional (*orge*), ou ainda estética: seja qual for seu conteúdo, ela favorece o sentir coletivo (*aisthesis*) (MAFFESOLI, 1995, p. 94).

De fato, qualquer imagem com qualquer tipo de conteúdo pode funcionar como um laço afetivo entre duas ou mais pessoas, basta que essa imagem seja experienciada no coletivo. A questão é que, apesar do bom funcionamento de qualquer imagem como objeto de ligação e relação entre os sujeitos, o esvaziamento de conteúdo ou a propagação imagética de conteúdos desnecessários é um problema. A invasão de imagens na *web* está, muitas vezes, associada ao esvaziamento de seus conteúdos. Grande parte das figuras visualizadas na rede ainda seguem um padrão descontraído. Isso não é algo ruim. O que preocupa é que, frequentemente, as imagens com conteúdos voltados para assuntos mais relevantes à sociedade são escassas.

É claro que a internet vem se transformando nos últimos anos e peças com conteúdos sociais e engajados tem se feito mais presente. Páginas nas redes sociais e pessoas que simpatizam com determinadas causas propagam, a cada dia, imagens com conteúdos referentes a assuntos que são do interesse de toda a sociedade. Além disso, existe ainda uma crescente preocupação em disseminar conteúdos que mostrem e incentivem uma vivência mais harmônica e afetiva entre as pessoas e os espaços com os quais convivem. Todavia, o bombardeio diário de imagens em quantidades estratosféricas cansam o olhar e impedem a percepção de muitos dos estímulos visuais que poderiam ser importantes.

1.7 Passividade e comprometimento social

A relação entre acesso e excesso, particularidade das redes sociais e da pós-modernidade, assim como os diversos paradoxos percebidos no tempo vivido, induzem-nos a uma experiencição de mundo diferente da que tínhamos em outras épocas. As características contemporâneas podem nos guiar por caminhos focados apenas na convivência e despreocupados com o comprometimento social, o que gera uma constante, e cada vez mais comum, passividade. Tal passividade repousa não só no fato de sermos sedentários e avessos a exercícios físicos e passeios ao ar livre; também se apresenta através da nossa falta de ação diante de causas sociais.

A forma com a qual nos relacionamos com o mundo e com as pessoas bem como a maneira como nos comportamos tanto no ambiente virtual como no espaço físico são reflexos do interesse ou da falta de interesse nas questões que vão para além do nosso ego (ou ainda, para além do interesse do grupo de pessoas com as quais mantemos uma relação de maior intimidade). Talvez nos falte interesse no *outro*. É aqui que novamente percebemos o quanto somos, não raro, individualistas. E o quanto a coletividade, não raramente, mostra-se apenas na convivência superficial e rápida facilitada pela internet e pelas novas configurações de relacionamentos.

O engajamento ativo na vida das populações subordinadas não é mais necessário (ao contrário, é fortemente evitado como desnecessariamente custoso e ineficaz) – e, portanto, o “maior” não só não é mais o “melhor”, mas carece de significado racional. Agora é o menor, mais leve e mais portátil que significa melhoria e “progresso” (BAUMAN, 2001, p. 21).

É claro que o não comprometimento social é muito visível. Percebemos isso, por exemplo, ao navegar pela rede e não presenciar tantos debates sociais, em forma de texto ou imagem, quanto gostaríamos. Por outro lado é fato, também, que as redes sociais realmente funcionam como espaço de convivência, de troca de informações e como ferramenta de encontro; afinal,

há nesse desenvolvimento tecnológico outra maneira de viver o laço social ou, como acho mais adequado dizer, o ‘laço societal’. Isto é, chegamos a uma sociedade que enfatiza a relação com o outro. E isso nos obriga a mudar nossa maneira de analisar a sociedade (MAFFESOLI, 2012, sem página).

Todavia, acredito que nem sempre unimos tal predisposição contemporânea ao laço social afetivo à preocupação real com o *outro* ou com a sociedade. Segundo Maffesoli (2012), a grande mudança vivida hoje é a passagem do indivíduo para a comunidade que, para Heidegger (1997), seria a transformação da sociedade do Eu para sociedade

do Nós. Sim, somos/estamos passivos e pouco engajados socialmente. Mas, talvez, o caminho seja o de consolidar essa passagem do *eu* para o *nós* pela união das novas maneiras de comunicação e relacionamento (que na pós-modernidade favorecem muito o estar-junto) com a preocupação com o *outro* e, principalmente, com a ação efetiva cujo intuito é construir uma sociedade mais afetiva. Afinal,

Existe hoje, em particular entre as jovens gerações, uma inegável vitalidade, que se exprime em novas formas de solidariedade e de generosidade. A web favorece antigas formas de hospitalidade, que foram a marca das sociedades pré-modernas (MAFFESOLI, 2012).

1.8 Afeto e Movimentação social

Percebemos que talvez nos falte mesmo união entre afeto e comprometimento social. O afeto é muitas vezes esquecido diante de tantos incentivos consumistas que proporcionam uma suposta, e falsa, felicidade e comprometimento social; é constantemente ocultado por trás dos elementos visuais em excesso e da valorização do eu (desvantagem do hedonismo contemporâneo). Sair do estado de inércia próprio do que vivemos hoje é fundamental. Entrar em movimento e acompanhar a constante evolução tecnológica que aprimora as formas virtuais ou não de se comunicar e trocar informações é uma necessidade pós-moderna.

O afeto se mostra aliado às experiências sensíveis da contemporaneidade que tendem a ser cada vez mais interativas. Com as novas formas pós-modernas de se comunicar temos a possibilidade de estar mais horas por dia conectados às pessoas e aos acontecimentos que despertam nossos sentidos. Tal modo de se comunicar, quando visto e pensado enquanto experiência relevante e construtora de um conhecimento para além do tradicional, ajuda a promover um tipo de educação ligada às vivências, ao cotidiano e, principalmente, à estética. A palavra estética “deriva do grego *aisthesis* e significa sensação, sentido, liberdade” (ISSE, 2007, p. 11), logo, ela está totalmente ligada às experiências sensíveis vivenciadas ao longo da vida. Contudo, ainda assim, precisa ser aprendida. Para Schiller (2002) é possível aprender estética e essa aprendizagem se dá lentamente através do equilíbrio entre sentimento e entendimento. Ou seja, aprendemos e percebemos a estética através da união entre os conhecimentos construídos de forma mais racionalizada e os conhecimentos sensíveis absorvidos que são edificados a partir do afeto e das paixões.

Podemos observar que o afeto, a vontade de estar com o *outro* e de fazer com que algo frutifique dessa relação é uma maneira, também, de despertar para a movimentação

social tanto nas nossas atitudes mais corriqueiras no espaço físico como nas nossas ações dentro do ambiente virtual. A união entre afeto e movimentação social já se faz presente nas redes da internet. Não raro observamos páginas e comunidades que propagam informações textuais e visuais com temas relevantes para a construção de uma sociedade mais afetiva e mais preocupada com todos os seus integrantes. Tais informações propagadas na rede tornam a internet, além de um espaço de convivência no qual o estar-junto é o mote principal, uma ferramenta de manifestações fundamentalmente coletivas.

Estar comprometido socialmente, tanto no espaço físico quanto no virtual, é estar constantemente em movimento. Estar em movimento é estar motivado, de forma corpórea e intelectual, pelas paixões que nos mantêm vivos. Acredito na paixão que move o mundo, que faz com que a existência caminhe de forma mais suave, tranquila e por vezes de forma firme e decidida. Por exemplo, relaciono-me com determinadas pessoas e com elas convivo assiduamente, pois identifico-me e, assim, mantenho um laço de afeto e de comunhão. O que não é diferente quando me filio a um partido ao estabelecer afinidades permeadas por paixão e respeito pelos ideais defendidos. E isso me conduz a uma determinada coletividade. Obviamente, nessas relações também são perceptíveis outros fatores como a vontade de fazer parte das coletividades e o anseio de me enxergar no *outro*. As paixões são cotidianas, banais, acompanham-nos quase que o tempo todo; inevitavelmente, nascem (ou fazem nascer) das experiências estéticas relevantes.

Por vezes, contudo, as paixões se configuram exclusivamente no campo pessoal, afastando-se do seu papel social. Assim, em diversos casos, as paixões em comum dão espaço ao individualismo e as experiências acabam se configurando de forma menos grupais ou motivadas socialmente. O comprometimento e participação social das pessoas que compõem a sociedade contemporânea são considerados desnecessários, pois são vistos como desgastantes e ineficazes (BAUMAN, 2001). Além disso, a necessidade de motivações apenas racionais (próprias da modernidade e até hoje vistas enquanto prioridade), desestimula outros tipos de movimento, como a criação de um lugar melhor para viver a partir de experiências não apenas racionais. Isto posto, pergunto-me: *quais as relações entre pessoas socialmente comprometidas, o desejo por um mundo mais suave e repleto de experiências e as realidades hoje vividas?*

Estar em consonância com o ritmo da movimentação social, ou seja, não estar passivo e estagnado ao que se apresenta, é estar em constante transformação por alguma aspiração em comum. Existe coletividade neste processo, e existe, também, o desejo

de reconfigurar o mundo com o olhar voltado ao *outro*. Trata-se de uma reestruturação. Por mim, pelos meus próximos e pela sociedade como um todo. Isso significa pensar em transformações guiadas a partir do afeto; é possível perceber amor nessa ação, e o amor tem pouco de racional. A modernidade, iniciada em meados do século XX, e a pós-modernidade ou modernidade líquida segundo Bauman (2001), sustentam grande parte de suas aspirações no racional, no explicável e na universalidade. Não sobra espaço para a imaginação e para as possibilidades. Não raro, deixamos de perceber as peculiaridades de cada situação ou, até mesmo, a importância da coletividade no contexto social. Novamente nos deparamos com o tal individualismo dito ultrapassado? Individualismo este que, lembrando, caracteriza nossas relações sociais tão coletivas de um lado (comunicação rápida e facilitada pela internet, agrupamentos de pessoas para assistir futebol, etc) e tão solitárias, de outro. Talvez a mudança de paradigma só aconteça quando, de fato, apreendermos que somos uma “coletividade individualista”.

Quem sabe se, caso os poderes individuais, tão frágeis e impotentes isoladamente, fossem condensados em posições e ações coletivas, poderíamos realizar em conjunto o que ninguém poderia realizar sozinho? Quem sabe... O problema é, porém, que essa convergência e condensação das queixas individuais em interesses compartilhados, e depois em ação conjunta, é uma tarefa assustadora, dado que as aflições mais comuns dos “indivíduos por fatalidade” nos dias de hoje são não-aditivas, não podem ser “somadas” numa “causa comum” (BAUMAN, 2001, p. 44).

Para Bauman, não existem mais lutas essencialmente coletivas; a pluralidade é tanta que os interesses em comum quase desaparecem. No entanto, relativizo tal opinião. Obviamente o que se realiza sozinho não tem a mesma força do que se realiza em conjunto; mas, nem sempre, a escolha das motivações em comum é um processo de responsabilidade exclusivamente nossa. Existem influências externas – como o Estado, o sistema econômico ou a mídia – que, muitas vezes, nos induzem a acreditar em certas verdades (não raramente, verdades absolutas e unificadas como o que acontecia no século passado) e a agir de determinadas maneiras. Por vezes, parece-me cada vez mais difícil – devido, talvez, ao acesso (excesso) de informações constantemente vazias ou sobre as quais são atribuídos valores irreais – entendermos nosso processo de construção de conhecimento e avaliar se ele, realmente, acontece de forma adequada e esperada. O excesso pode confundir e, em um mundo onde a “guerra” parece cada vez mais uma “promoção do livre comércio por outros meios” (BAUMAN, 2001, p.19), tornamo-nos gradativamente reféns dessas motivações reais e manipuladoras. E quase imperceptíveis.

Influências externas podem dificultar o processo de construção de conhecimento o que pode determinar nossas próprias escolhas. Mas, em contrapartida (e assumindo novamente as minhas dúvidas em relação aos paradoxos vividos), Maffesoli (2005) nos sugere que todas as manifestações contemporâneas podem ser relevantes e importantes. Assistir uma ópera ou acompanhar uma novela, para o autor, são ações de extrema acuidade, pois assim como muitas outras, representam a contemporaneidade e ajudam a construir a percepção de mundo que hoje temos. Além disso, são essenciais para a construção de nossas personalidades. Se tais ações, banais ou não, representam-nos enquanto seres e enquanto sociedade é porque devem ser levadas em consideração como fonte de conhecimento e de experiências.

É muito importante lembrar que, mesmo que para Bauman nossas atitudes cotidianas sejam cada vez menos motivadas socialmente e pareçam irrelevantes e que para Maffesoli todas as vivências se estabeleçam de forma a prover resultados frequentemente positivos, a falta de atenção ao nosso cotidiano é um aspecto que pode determinar a qualidade de nossa vivência estética e sensível. Além disso, fatores como a falta de atenção às experiências, políticas ou não, resultantes das nossas vivências diárias, além do descaso, ainda, com a educação para além das disciplinas tradicionais (com ementas e conteúdos programados que, muitas vezes, não permitem o vínculo entre conhecimento e vida cotidiana), são fatores que podem interferir negativamente na forma como experienciamos o mundo à nossa volta.

1.9 Educação Estética e Ativismo Virtual

Experienciar o mundo de modo a tentar vivenciá-lo coletivamente da melhor forma possível é experimentá-lo também a partir do afeto e das manifestações estéticas do nosso cotidiano. Tais manifestações se mostram muito produtivas quando apreendidas de maneira a levar em consideração e, principalmente, em relação, tanto experiências cotidianas frívolas quanto experiências voltadas ao comprometimento social. O equilíbrio e a reflexão sobre ambos os tipos de experiências são antecidos, ou antecedem, os questionamentos próprios da filosofia e da vida dos sujeitos que mantêm laços com o *outro*, com o espaço em que vivem e, ainda, com os interesses sociais e afetivos que insitam a movimentação e a inquietação física e mental. Infelizmente, nem sempre alcançamos esta compreensão bipartida, complexa e produtiva.

O que está errado na sociedade em que vivemos, de acordo com Cornelius Castoriadis (1996, p.3), “é que ela parou de se questionar”. Realmente, questionamos-nos pouco,

às vezes quase nada, e isso, apesar de parecer nos confortar, também nos acomoda. Talvez no falte uma base educacional sólida pautada na educação estética (naquela já citada educação dos sentidos). Para Duarte Jr. (1981), pode-ser dizer que a educação coloca (ou deveria colocar) as pessoas em contato com os sentidos que circulam em sua cultura, para que, assim, possam assimilá-los e nela viverem. Tal processo não significa que os sujeitos estarão assimilando o mundo de maneira passiva. Pelo contrário, para que se obtenha uma boa aprendizagem é necessário que as atitudes tomadas por tais sujeitos sejam conscientes isto é, sejam participativas e transformadoras da realidade interna e externa de cada um. Logo, segundo Paulo Freire (1996), o conhecimento necessita da curiosidade dos sujeitos e exige, da mesma maneira, a ação transformadora sobre a realidade, assim o processo de aprendizagem acaba por caracterizar-se por reinventar o que se aprende.

Entender as características do nosso tempo, suas particularidades, principalmente tecnológicas e de comunicação, é, também, reinventar o que aprendemos. Usar nossos conhecimentos em outros ambientes; experimentar as possibilidades e, enfim, experimentar construir, a partir dessas particularidades contemporâneas, a transformação interna e externa de nossas realidades, são ações que desenvolvem nossos conhecimentos e nos fazem aplicá-los ao cotidiano vivido. Educação estética, ou dos sentidos, é isso. É permitir inserir-se na cultura vivida para aprender com ela. Educar o sensível é entrar em um processo que permite a movimentação social. A configuração da pós-modernidade, com suas novas tecnologias de comunicação, principalmente a internet, potencializa as manifestações estéticas e permite, por vezes, um conhecimento da nossa atual cultura e dos hábitos próprios da nossa sociedade. A educação estética também é vislumbrada na internet.

No século XXI, principalmente devido à popularização da internet, novos meios de comunicação surgem e permitem que nossas experiências sejam potencializadas e levadas para além do *espaço* físico e do *tempo* conhecidos. Passamos a viver a cultura virtual dentro da própria cibercultura (cultura que surge a partir do uso dos computadores como meio de comunicação).

O termo [ciberespaço] especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo 'cibercultura', especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 1999, p. 17).

A internet e os ambientes virtuais passam a se configurar como espaços de troca e como promotores de comunhão social pelo viés da coletividade. Os ambientes virtuais, ainda, se mostram importantes aliados dos movimentos sociais – também, propulsores de experiências estéticas – já que desmentem (ou desmitificam) muitas das informações manipuladas da mídia tradicional, permitem um diálogo mais democrático e fortalecem alguns laços sociais.

O ambiente tendencialmente interativo, cooperativo e descentralizado da Internet introduz um componente criativo nas lutas sociais (...) O que se busca é promover a disseminação de idéias e o máximo de intercâmbios. Poder interagir com quem quer apoiar, criticar, contestar (MORAES, 2001, p. 127).

Com a internet são proporcionadas diversas possibilidades de relações sociais, de coletividades em torno de diferentes paixões em comum e de movimentações comprometidas socialmente. Mas ainda faltam peças que finalizem esse grande quebra-cabeça denominado contemporaneidade. Independentemente do ponto de vista, otimista ou não, podemos perceber e interpretar a contemporaneidade como uma época repleta de possíveis experiências nem sempre exploradas ao máximo. Uma hipótese talvez seja porque a carência de um saber sensível e, ao mesmo tempo, uma despreocupação com alguns movimentos socialmente comprometidos, mostrem-se constantes. A internet desvirtua, sim, muitos movimentos/conteúdos sociais ou mesmo desvaloriza diversos deles por meio de compartilhamentos de humor duvidoso e de dados irreais. Todavia, ainda assim, não faz inexistir os agrupamentos virtuais de cunho político e social, ou até mesmo, agrupamentos em torno de paixões cotidianas banais, tão importantes quanto os primeiros. *Web* e redes de comunicação virtuais se fazem importantes aliados nos processos de movimentação social crítica e, por isso, de conhecimento sensível.

A internet facilita a intercomunicação entre pessoas e agrupamentos que compartilham visões de mundo, sentimentos e desejos. Além disso, desbanca a hierarquização do poder comunicacional, tirando-o, muitas vezes, das mãos das mídias tradicionais onde o processo de comunicação é vertical, e o entregando aos sistemas horizontais de diálogo que favorecem o pluralismo político-cultural (MORAES, 2001). As redes funcionam como espaços virtuais de encontro que permitem, não raro, uma espécie de territorialização na medida em que extrapolam a comunicação virtual e se tornam ações no espaço físico. Além disso, transpõem o ambiente virtual, também, no momento em que a comunhão, o afeto e o anseio pela coletividade deixam de ser desejos para se tornarem aspirações reais, mesmo que por meio da internet. É o desejo de conviver com o *outro* aliado ao desejo de se viver em um mundo mais sensível.

Nessa esfera encontramos o "ativismo" e o "infoativismo" virtuais, ambos extremamente importantes como propulsores de ações e pensamentos críticos necessários à construção de um mundo mais democrático e compreensivo, e, conseqüentemente, ferramentas fundamentais na busca de espaços de convivência repletos de afeto. Ativismo é a busca a transformação da sociedade por meio da ação. O ativismo está sempre ligado a um conjunto de princípios, em âmbitos diversos (SPRENGER, 2008), que geram uma movimentação que pode ser direta (de caráter físico, como manifestações de rua) ou indireta (através de meios que apresentam informações sobre as bandeiras levantadas, como o infoativismo). Ativismo é a aplicação destes princípios em qualquer atividade que tem, geralmente, caráter revolucionário, contrariando sistemas consolidados e instaurados. Mas ainda, e para além disso, ativismo é uma demonstração de paixão e uma tentativa de tornar o lugar no qual vivemos melhor ou mais sensível. Ou seja, quando nos propomos a lutar por alguma causa, estamos movidos por sentimentos de coletividade e de amor que nos fazem entender que uma nova configuração social permitiria que seres sociais de um determinado grupo ou tribo vivessem de forma mais harmoniosa. Logo, a movimentação ativa da sociedade pressupõe as aspirações das experiências estéticas cotidianas e do saber sensível: o desejo de fazer parte das coletividades, a vontade de me enxergar no *outro* e reconhecê-lo como legítimo *outro* e, conseqüentemente, o anseio de estruturar nossas relações através do afeto.

Nestes aspectos se concentra a importância social do ativismo. A vontade de construir com o *outro* e para o *outro* lugares e condições melhores de se viver conduz nossas ações ativas através do âmbito da coletividade e faz com que nos deparemos novamente com a educação estética tão relevante para os tempos vividos. Fazer ativismo é, além de uma demonstração de afeto e de responsabilidade social, ensinar através da experiência. Quando levantamos determinada bandeira de luta em um protesto de rua ou compartilhamos uma imagem de conteúdo social estamos mostrando de forma estética, ou seja, através dos sentidos ou das sensações despertadas no *outro* a partir de nossa ação, que são outras possíveis maneiras de pensar determinado assunto. Além disso, junto às pessoas que partilham da mesma causa ou ação ativista e àquelas pessoas por ela afetada, estamos colaborando para a constante construção de nossos conhecimentos individuais a partir do viés coletivo. Assim, fazer ativismo é não só colaborar para a construção de conhecimento em conjunto como ajudar na estruturação do nosso próprio *eu*. É a união entre alteridade, educação estética e afeto.

Falar em ativismo é automaticamente falar em movimentação ativa da sociedade. Se para Bauman estes movimentos – de cunho político, preocupados com as causas

sociais no viés do público – estão escassos, as agitações virtuais vêm mostrar que isto pode estar começando a se configurar de forma diferente. É possível perceber como o ativismo se faz presente nas redes sociais e como é facilitado, potencializado e, até mesmo, enriquecido através das discussões em tempo real e das informações descentralizadas próprias da internet. Refiro-me ao ciberativismo, forma de ativismo realizado através de meios eletrônicos como a internet, usados para fazer reivindicações e organizar mobilizações. O ciberativismo acaba funcionando como uma alternativa aos meios de comunicação de massa tradicionais, permitindo a participação de novas formas de pensar, além das propagadas no monopólio da opinião pública.

É possível ser dito que a Internet se constitui uma ferramenta imprescindível para as lutas sociais contemporâneas, já que facilita as atividades (em termos de tempo e custo), pode unir e mobilizar pessoas e entidades de diferentes localidades em prol de uma causa local ou transnacional, bem como quebrar o monopólio da emissão e divulgar informações “alternativas” sobre qualquer assunto (RIGITANO, 2003, p. 2).

Podemos perceber e pensar o ativismo como ferramenta para propor uma nova maneira de se relacionar com os espaços que nos rodeiam e com as pessoas com as quais convivemos. É claro que existem diversas outras formas, já inventadas ou não, de fazermos nossa parte por um mundo mais sensível e de mobilizarmos a sociedade a buscar isso conosco. Todavia, as lutas em comum, permeadas por afeto, amor e reconhecimento do *outro*, são manifestações que se fazem em coletividade e que propiciam trocas de experiências individuais, construção de experiências em coletividade e, principalmente, proporcionam relações de afeto que através da internet podem se multiplicar e se fortalecer.

Após passar pelos nove tópicos que guiam este capítulo, posso concluir que, realmente, viver a pós-modernidade não é tarefa fácil. Menos fácil é compreender as contradições de uma época tão coletiva e ao mesmo tempo tão individualista (cujos aspectos em questão são influenciadores de todo o âmbito social). Todavia, mesmo com suas infinitas contradições de pensamentos próprias de um período de transição; das indagações sobre a importância do cotidiano e das frivolidades na construção de experiências estéticas; das dúvidas sobre a real liberdade do tempo vivido; da desvalorização da educação do sensível diante da racionalização; do não entendimento das diversas possibilidades de socialização oferecidas pela internet; e, ainda, da falta de comprometimento social decorrente das constantes dúvidas em relação ao que experienciamos na atualidade; o viver pós-moderno se mostra repleto de possibilidades de relacionamentos, ações e conhecimentos. Se a percepção de mundo começa a

mudar no século XXI, mudam com ela as aspirações sociais e os modelos de relação. Muda a maneira de nos comunicarmos e a importância que se dá ao estar-junto.

É nesse contexto metamórfico, próprio do re-pensar de um novo tempo, que encontramos em movimento constante os GIFs animados. Os GIFs, estes elementos estéticos, podem, quem sabe, justamente pelas características contemporâneas dicotômicas também nele refletidas, representar as maneiras com as quais nos relacionamos com o mundo a nossa volta e podem, talvez, enquanto ferramentas de educação estética, colaborar na construção de lugares de convivência mais sensíveis e afetuosos. Os GIFs, nesse sentido, estabelecem uma importante relação com o cotidiano o tornando mais dinâmico e, ao mesmo tempo, evidenciam as aspirações e desejos de uma sociedade virtual cada vez mais ativa.

CAPÍTULO 2

OS GIFS NA PÓS-MODERNIDADE:

IMAGENS ANIMADAS COMO
MANIFESTAÇÕES CONTEMPORÂNEAS

Os paradoxos vividos na pós-modernidade, tais como coletividade e individualização, frivolidades e experiências estéticas, acesso e excesso, liberdade e aprisionamento, dentre outros, refletem-se em todas as instâncias do nosso cotidiano, desde o acordar pela manhã até o comunicar-se física ou virtualmente. Comunicamos-nos de forma mais rápida, encurtamos distâncias, convivemos com as dicotomias naturais da individualidade e da coletividade, formamos nossas identidades múltiplas através das experiências frívolas e não frívolas, experimentamos o mundo através do afeto. Ou seja, nos movimentamos e nos comunicamos de diversas maneiras e a todo o momento.

No tempo de grandes deslocamentos no espaço, das trocas intensas de informação, da mudança bem vinda de posicionamentos, da mega evolução tecnológica, da agitação diária, do trânsito acelerado, das casas de *shows* repletas, do entra e sai das lojas, da obsolescência dos produtos, da correria do dia-a-dia, da fermentação política através da internet, da enorme quantidade de conteúdo nas redes sociais e da animação das imagens o *movimento ininterrupto* se torna, talvez, uma das mais fortes características da pós-modernidade. Há algo de emocional no movimento, algo que prende a atenção, que quase aprisiona a alma e a transporta para uma dimensão diferente. O movimento por si só é vivo. É essência de vida capturada através do olhar; em gesto, em vídeo, em imagem animada. Na contemporaneidade, principalmente no mundo virtual, o movimento transpõe o material, transforma-se em interação ao mesmo tempo em que enfatiza as relações. O movimento é, antes de tudo, aura de um estar-junto invisível e imaterial; é energia de ligação que conspira à favor da coletividade e ao mesmo tempo da individualidade consciente construída através da vivência diária.

É neste contexto do movimento que encontramos um elemento corriqueiro no cotidiano das redes sociais e, ainda, uma das ferramentas importantes nos processos de identificação e de propagação de ideias: o Graphic Interchange Format (GIF). O GIF, formato de imagem constantemente usado como maneira visual de se comunicar na contemporaneidade virtual, associado às propostas das redes de relacionamentos na internet, configura-se, muitas vezes, enquanto força que favorece as relações de forma a potencializar as experiências estéticas cotidianas. Mas, apesar de ser reflexo das sociedades virtuais da atualidade, o GIF nasceu há mais de vinte e cinco anos, com funções e utilidades muito diferentes das que possui hoje.

O formato de imagem foi criado em 1987, pela CompuServe⁶, com o intuito de levar cor ao ambiente virtual. Os formatos de imagem, até então existentes, eram pesados

⁶ Um dos primeiros servidores *online* a disponibilizar conexão com a internet.

demais para os *modems*⁷ da época. Assim, o GIF surgiu como possibilidade de arquivo leve que permitia transmitir, em rede, imagens a cores. Pouco depois, com a popularização da *web*, o formato chegou à internet e adquiriu movimento, pois seus diversos *frames*⁸ de imagens alternados criavam uma figura animada. Foi o suficiente para, na década seguinte, o GIF ser visto, em quantidades absurdas, piscando freneticamente em quase todas as páginas pessoais. O uso exagerado dos GIFs, naquela época, representava a empolgação natural da popularização da internet.

Mas, mesmo antes da popularização da internet e da descoberta da possibilidade de dar movimento às figuras através do GIF, as imagens animadas já existiam, embora de forma mais simples e com tecnologias próprias da sua época. Muitos dispositivos deram conta de animar imagens em formato de conjunto de *frames* em movimento. Um deles – que lembra bastante a forma como os GIFs animados funcionam – foi o Choreutoscope, criado em 1866 por L.S. Beale. O Choreutoscope funcionava como um sistema de projeção no qual cada imagem era projetada durante um tempo muito curto ao passar rapidamente por trás da abertura do suporte (MANOVICH, 1996). As imagens apareciam em movimento sucessivo, o que constituía uma espécie de animação.



Figura 1: *Choreutoscope*, dispositivo que simulava uma animação
Fonte: *Síte visual-media.be/*

⁷ *Modem* é “um dispositivo eletrônico que modula um sinal digital em uma onda analógica, pronta a ser transmitida pela linha telefônica (...). Utilizado para conexão à Internet, BBS, ou a outro computador” (PINHO, 2010).

⁸ *Frame* é cada uma das imagens fixas que compõem uma animação.

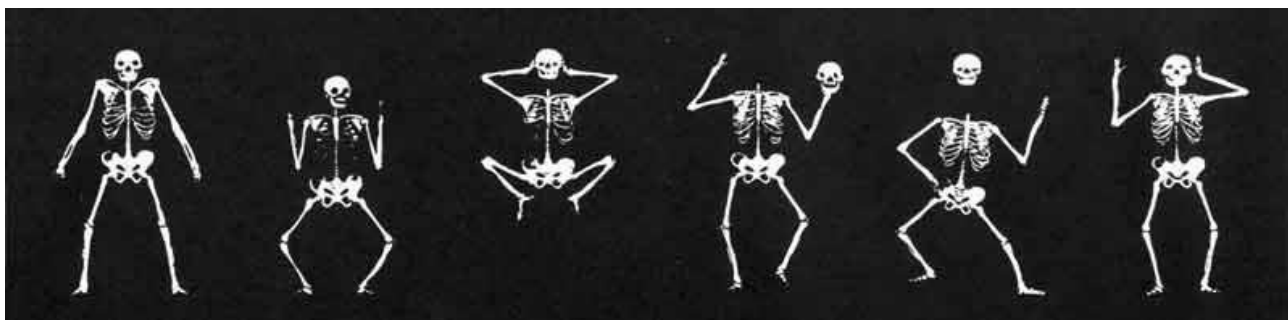


Figura 2: Faixa com imagens exibidas através do *Choreutoscope*
 Fonte: *Site visual-media.be/*

As definições de imagem animada em finais do século XIX, assim como nos anos 1990, são completamente diferentes das que *vislumbramos* na contemporaneidade.

Quando o novo século começou, tudo indicava que o GIF animado iria para a lixeira da história. Com a banda larga, transmitir vídeos e imagens grandes deixou de ser problema. Ao mesmo tempo, as figurinhas cafonas e manjadas eram tão anos 90 que não tinham mais lugar nos sites chiques dos novos tempos. Mas a vida dos GIFs passou por uma reviravolta aí por 2005, 2006 (RÓNAI, 2012).

Foi nesse período, entre 2005 e 2006, que o GIF voltou a entrar em cena, principalmente através de redes sociais como o Tumblr. Com trechos de filme ou fotos sobrepostas lembravam os *emoticons*⁹ que já usávamos em plataformas de *chat online*, como, por exemplo, Microsoft Network Messenger (MSN). As imagens animadas já surgiam, nesse período, com o intuito de despertar emoções. Cada uma continha contexto e situação próprios com os quais as pessoas se identificavam e, através do *share* das redes sociais, compartilhavam. Naquela época, quando tinha início o *boom* de compartilhamento, o GIF – assim como outros formatos de imagem – começa a se configurar como elemento importante de identificação.

Para entender a inserção do GIF no cotidiano da sociedade pós-moderna e na construção de um conhecimento voltado ao social, este capítulo pretende contextualizar e caracterizar a imagem animada a partir de oito tópicos. São eles: O GIF na Atualidade; Coletividade Compartilhada; Tempo e Espaço através das Imagens Animadas; Frivolidades e Contextos de Compartilhamento; Liberdade em *Frames*; Ritmo na Rede; GIFs, Caos e Comunicação e GIFs em um Contexto Social. Os temas escolhidos pretendem, a partir principalmente de relato e análise próprios, caracterizar os GIFs de

⁹ *Emoticons* são as famosas “carinhas” ou “smiles”. São convenções construídas através dos caracteres do teclado para representar emoções faciais (RECUERO, 2012, p. 263).

maneira à compreendê-los como parte relevante do cotidiano virtual frívolo ou socialmente ativo.

2.1 O GIF na Atualidade

As redes sociais *online* proporcionam uma maneira diferente de se comunicar com as pessoas e de filtrar e absorver as informações apresentadas. A comunicação mediada pelo computador mudou e ainda tem mudado profundamente as formas de organização, as manifestações de identidade, as mobilizações sociais e, principalmente, as possibilidades de conversação da sociedade. Com a internet e suas redes de convivência, as maneiras de se relacionar com o mundo e as pessoas se modificaram; muitas dessas mudanças foram fundamentais e ainda se desenvolvem e se manifestam. Uma das mais significativas é a "possibilidade de expressão e sociabilização" através dessas ferramentas de comunicação mediadas pelo computador (RECUERO, 2009). Ou seja, com a internet adquirimos uma nova maneira de nos expressar e de manter nossas relações sociais.

A nova configuração de conversação e de relacionamento apresenta diversas manifestações estéticas, visuais e textuais, que representam a maneira com a qual as pessoas se comportam na rede. O GIF é um desses elementos visuais que representa a contemporaneidade e que demonstra, enquanto manifestação coletiva em rede, a maneira pela qual vivemos nosso cotidiano. Hoje, o GIF segue mais ou menos os mesmos passos que traçava por volta de 2005 porém com a diferença de ter adquirido um grande leque de possibilidades, desde artísticas até comerciais, em proporções muito maiores. As imagens animadas acompanham os anseios das sociedades virtuais e os reflexos da vida cotidiana não virtual, e se inserem no ciberespaço de forma tão intrínseca que algumas redes sociais são inimagináveis sem elas. Esta volta do GIF só é possível graças à crescente valorização do nosso dia-a-dia entendido, atualmente, como questão seminal nos processos de conhecimento.

Se a contemporaneidade traz consigo a valorização do cotidiano é possível notar a presença do sensível e a reflexão sobre ele. Vivemos muitos anos sob a égide da razão instrumental, tratando como não importante aquilo que é próprio de nós, seres sociais. Desprezando a experiência cotidiana, por exemplo. Esquecemos, durante muito tempo, que esta vivência cotidiana também é conhecimento e, como tal, influencia as ações, estudos, escolhas; enfim, influencia todos os setores da nossa vida e o que nela realizamos. Na linguagem básica, expressada por palavras e de forma corporal utilizada

no dia-a-dia, é possível notar referências aos processos perceptivos próprios do nosso corpo e que são diretamente ligados ao desenvolvimento da sensibilização (DUARTE JR., 2000). Tais processos acontecem inicialmente nos sentidos para depois criar uma mediação entre o sentir e o pensar. Isso também é observado na linguagem virtual que, principalmente através do compartilhamento de imagens, de certa maneira transmite visualmente as nossas percepções de mundo que resultam da união entre o que sentimos e o que pensamos. É o mundo ligado ao nosso corpo e nosso corpo ligado à *web*. Na era do compartilhamento, com a valorização das percepções e emoções, o sensível e as experiências cotidianas ganham força e viram potência.

Podemos afirmar, então, que o compartilhar está diretamente ligado ao sensível. (Esqueçamos por alguns minutos o caráter e os conceitos técnicos do *share* das redes sociais). Compartilhar é, antes de tudo, dividir com o *outro* o que estamos sentindo ou pensando. Logo, compartilhar tem seu processo iniciado nos sentidos que desembocam na vontade de criar com o *outro* um laço que é, além de social, sensível. Compartilhar uma imagem ou um GIF acaba tendo o mesmo objetivo. GIFs transmitem sentimentos, emoções, representações das sensações cotidianas, através de seus *frames* infinitamente repetidos. Além disso, representam por meio da sua animação e de seu ritmo as particularidades do tempo que vivemos. São momentos e situações registrados nesse circuito de *frames* que fazem as imagens ganharem vida. Vida, movimento e representações que invadem nossas redes sociais e ajudam a construir a ideia que temos, atualmente, de GIF.

2.2 Coletividade Compartilhada

Compartilhar é partilhar, é fazer *parte* de algo. É uma ação essencialmente coletiva, pois não partilhamos nada sozinhos. Só o fazemos em parceria com o *outro*. Vale lembrar que compartilhar na *web*, através de imagem estática ou animada, de texto, vídeo ou áudio, pode ir além do conceito técnico de *share* característico das redes; compartilhar é partilhar emoções com o *outro* e criar um laço através do conteúdo compartilhado. É participar, assim, de uma ação coletiva respaldada no estar-junto.

É um erro grosseiro. A internet é o "nós". No Facebook, há o lado da agregação, do estar-junto, de compartilhar fotos. Há o discurso, mas também a foto, o lado emocional. É sempre o desejo de estar em contato com o outro. E não há vida privada (MAFFESOLI, 2013).

Enquanto ação, virtual ou não, e enquanto representação ativa dos nossos gostos e identidades, compartilhar é também movimento e potência de reação, é o reflexo da

movimentação cotidiana vivida por cada um. Os GIFs compartilhados – assim como as imagens estáticas, os textos, vídeos e áudios – carregam consigo uma carga de representação muito forte; podem demonstrar, através das redes sociais, os nossos anseios diários, nossas aspirações e desejos, nossos gostos e desgostos.

Essencialmente, o GIF não passa de uma animação, e animação é uma ação que gera uma percepção de movimento (anima/vida) no que está estático (inanimado) (ROUTT, 2007). Mas a questão é que o significado atual de GIF não se limita à explicação de formato de imagem animada constituído por diversas figuras estáticas. A palavra GIF está relacionada a sua recente utilização. Assim, podemos resumir a definição em poucas palavras: GIF é um conjunto de imagens que, sobrepostas em sucessão no meio digital, constituem uma animação que tem esse mesmo conjunto de imagens repetido infinitamente a fim de representar, perante o coletivo, as identidades, gostos e anseios do compartilhante (figura 3).



Figura 3: Frames de um GIF animado
 Fonte: Fonte: Site giphy.com

Além de curtas e repetitivas animações, os GIFs ainda funcionam como manifestações coletivas que acabam por estabelecer grupos de interesses. Ou seja, o GIF compartilhado – que leva com ele toda a bagagem estética, conceitual e de identidade do compartilhante – quando visualizado por pessoas com interesses condizentes, criam

laços de identificação entre elas e assim delimitam grupos específicos de interesses. Esse processo só funciona na coletividade já que o GIF só se completa quando visualizado e compartilhado por uma rede de pessoas. O GIF na pós-modernidade pode ser, e muitas vezes o é, a representação de identidade das tribos que, apesar de se formarem no ambiente virtual, têm toda a bagagem das experiências vividas também fora da rede. O GIF, portanto, tem seu pleno significado no que é experienciado em conjunto. A coletividade sempre pressupõe a participação ativa de duas ou mais pessoas que, principalmente através de elementos estéticos, relacionam-se de forma a trocar experiências em comum e a construir um conhecimento coletivo. Assim, podemos dizer que a coletividade, e suas manifestações virtuais, são a movimentação própria do ritmo estabelecido pelas redes.

Logo, GIF é, também, movimento. Movimento que envolve e faz transbordar toda vida que dele emana. E, assim como nos jornais do filme/livro Harry Potter¹⁰ nos quais as imagens das manchetes mexem-se dando vida às páginas, fora da ficção os GIFs trazem ao cotidiano uma dose diária de descontração em movimento. A animação dos GIFs se torna ainda mais interessante por representar nossa agitação diária, ou seja, por representar o movimento inerente à nós e ao tempo em que vivemos e, ainda, por emanar a coletividade vivida em diversos momentos na pós-modernidade. As imagens – ao simular o que pensamos e sentimos através da sucessão de *frames* que resultam em uma animação – criam conosco e com o *outro* uma relação de familiaridade. Assim, muitas vezes, enxergamos na imagem animada uma extensão do que percebemos acontecer na vida. Encarando o movimento enquanto organicidade, enquanto agitação própria da vida, dos gestos, da fala, do pensamento e das ideias, percebemos os GIFs, ainda, como possíveis extensões do nosso próprio corpo¹¹, da nossa própria memória, das nossas lembranças e desejos. São representações da agitação orgânica vivida no cotidiano e compreendida na coletividade.

¹⁰ Nos periódicos do conto Harry Potter, de J. K. Rowling, as imagens são animadas, o que exalta quase que instantaneamente aos GIFs comuns nas redes sociais.

¹¹ A expressão evidenciada por McLuhan (1969) “os meios como extensões do homem” demonstra a intensidade da relação estabelecida entre sujeitos e artefatos tecnológicos e, além disso, provoca uma reflexão sobre a pós-modernidade, quando os dispositivos acabam sendo usados no cotidiano com cada vez mais frequência e importância.

2.3 Tempo e Espaço através das Imagens Animadas

A pós-modernidade nos apresenta uma maneira diferente de vivenciar o tempo e o espaço. Com a internet, sobretudo, otimizamos nossos dias gastando menos tempo em atividades que agora podem ser feitas através da tela de um computador sairmos de casa. Além disso, o encurtamento das distâncias espaciais é muito característico já que cada vez mais conhecemos e nos relacionamos com lugares e pessoas através das redes e assim aumentamos, muitas vezes, o nosso círculo de convivência e nossos conhecimentos específicos. O movimento que remete ao cotidiano experienciado está inserido no virtual de forma a ocupar um espaço no *tempo*. Tempo e movimento são elementos que se relacionam simultaneamente. Movimento é mudança e qualquer mudança é temporal. Assim, todos os elementos visuais, sejam palavras, imagens, vídeos, movimentam-se no tempo e no espaço (LUPTON, 2008). No caso dos GIFs, mais precisamente, no ciberespaço.

Podemos conversar com amigos, ler um romance, ver cotações da bolsa, calcular as despesas domésticas e jogar um jogo, *tudo ao mesmo tempo*. Podemos ser vários personagens em diferentes jogos, cada um em uma janela. Nossa personalidade se divide, em uma espécie de "esquizofrenia digital". O mundo virtual nos chega através de um espaço pequeno - a tela de um computador, onde é fácil concentrar a atenção de nossos olhos e ouvidos. Com o apertar de um botão as janelas se alternam em nosso campo de visão (VERLE, 1997, p. 3, grifo meu).

Nos GIFs a relação entre movimento e tempo é percebida na velocidade de cada um dos *frames* da animação, ou seja, no período em que cada imagem que compõe o GIF permanece visível até que outra a sobreponha. O tempo de exposição de cada *frame* também interfere no significado da imagem animada. Um GIF que possua uma animação rápida pode ter uma interpretação completamente diferente em sua versão mais lenta; a escolha da velocidade desses *frames* pode, deste modo, interferir na eficácia da mensagem que deseja ser transmitida. Por exemplo, um GIF que mostra passos de dança deve, caso queira mostrar com eficácia o movimento da dança, apresentar seus *frames* animados de forma mais rápida, ou seja, cada uma das imagens que compõem o GIF precisa conter um tempo de duração menor (0.0s, 0.01s, 0.05s). No GIF de dança a seguir (figura 4) percebe-se que os *frames* possuem o tempo de duração de zero segundos. Isso significa que a animação passa de uma imagem à outra instantaneamente sem que haja uma pausa em cada uma delas.



Figura 4: Tempo de duração dos *frames* de um GIF
 Fonte: *Site giphy.com*

O pequeno tempo de exposição dos *frames* dá a ilusão de movimento contínuo muito próximo do que percebemos acontecer na vida, sendo quase impossível perceber a troca de uma imagem para outra, o que condiz com o que o GIF quer comunicar. Caso essa mesma animação contasse com *frames* cujos períodos de exposição fossem maiores, de longa duração, o movimento de dança seria comprometido; a transição de uma imagem à outra seria lenta e a continuidade da dança seria prejudicada. Logo, a narrativa também poderia ser outra.

Além de se manifestar de forma *temporal* em redes sociais virtuais que ressaltam os paradoxos contemporâneos do *tempo*, o GIF ainda ocupa um lugar *espacial*. Tal espaço, mais especificamente, o ciberespaço, configura-se de maneira a permitir aproximações das imagens animadas com a vida. Os GIFs povoam as redes sociais do ciberespaço tornando-os lugares mais animados, um pouco mais próximos dos espaços de convivência físicos. Mas, apesar de ocupar um lugar no espaço virtual, os GIFs ainda permitem que acessemos lembranças ou ideias de lugares ou acontecimentos, permitindo que assim nos desloquemos, a partir de variados contextos e interpretações, por diferentes espaços. A partir das imagens nosso pequeno território vai sendo gradativamente construído. É como se, a cada figura que adentra nosso olhar,

viajássemos, víssemos paisagens passarem pelo caminho e aportássemos em outro pedaço de terra. Um pedaço de terra nunca visto assim tão de perto, mas, por vezes, já visitado através da imaginação. E é como se, na bagagem de volta para casa, trouxéssemos tudo aquilo que poderia servir de lembrança e que representasse o mais novo território descoberto.

O homem vive na tecnosfera. Sistemas de locomoção e de comunicação articulam-se. Toda comunicação é um deslocamento: da mensagem, do interlocutor, do enunciador, do imaginário coletivo. Não há idéia, logo crença, sem técnicas de suporte e de divulgação (SILVA, 2003, p. 46).

Estar diante de um GIF é também pousar os pés sobre um solo ainda não tocado. É como uma viagem. Despedimos-nos da nossa terra de origem, do nosso lar, para vivenciar novas experiências, sem nunca deixar para trás o baú de lembranças e aprendizados colecionados até aquele momento. Ao observar pela primeira vez os *frames* de uma imagem animada os encaramos como algo novo, porém não nos desprendemos de todas as vivências que os dão suporte. Aprendemos com as imagens animadas e as ressignificamos a partir do nosso próprio repertório. Nos GIFs, assim como na imagem estática, a incessante ressignificação é uma das formas pelas quais as subjetividades são despertadas. Cada vez que nos deparamos com as imagens as observamos através do contexto no qual estão inseridas, através do meio no qual foram compartilhadas e dos textos que as apoiam. Todavia, sabemos que mesmo inserindo as imagens em contextos específicos nos deparamos com leituras pessoais próprias das vivências de cada um.

Interpretamos as imagens a partir de nosso próprio espaço construído, de nosso próprio território. Território, esse, erigido no cotidiano vivido. A questão é que tanto nosso cotidiano quanto nosso pequeno território são mutáveis; modificam-se a todo momento através de situações corriqueiras como, por exemplo, quando estabelecemos um diálogo ou passeamos desinteressadamente¹² pelas ruas da cidade. Assim, cada pessoa ressignifica um GIF infinitamente segundo suas subjetividades e em determinados instantes de vida. Deslocamo-nos a um novo ambiente imagético e deparamo-nos com os *frames* da imagem animada e, mesmo “longe de casa”, reconhecemos neles algo da nossa vida rotineira. Tais *frames* são ressignificados tantas vezes quanto forem repetidos. Mas, diferentemente do *looping* da imagem que mostra visualmente uma certa linearidade através da mesma sequência de imagens

¹² Experiência estética do prazer desinteressado em Kant na sua crítica ao juízo do belo e do sublime (JIMENEZ, 2000).

constantemente executadas, a interpretação do GIF pode ser diferente a cada novo contato, pois nele é refletido o *eu* que se manifesta naquele momento.

Os GIFs ainda podem ser ressignificados a partir da mudança de formato, meio e contexto. É como a diferença entre um cobertor enrolado e amarrado no meio da rua e o mesmo cobertor iluminado por um foco de luz em um museu¹³. Na primeira situação podemos acreditar que estamos diante de uma coberta pertencente a um sem-teto; na segunda, o local onde o objeto se encontra, museu, e a luz a ele direcionada nos fazem perceber que pode se tratar de uma obra de arte. O objeto é o mesmo em ambos os casos, mas a mudança de contexto interfere em sua interpretação. Há, assim, uma ressignificação a partir do contexto.

Como já declarado, muitos GIFs são produzidos a partir de trechos de filmes, desenhos animados, vídeos de música, etc, e, no momento que saem do seu “ambiente natural” para virarem imagem animada, estão suscetíveis à mudança de contexto. Em um filme, por exemplo, o conjunto de imagens tem um enredo específico que respeita não só o assunto da cena, como também o trama do filme. No momento em que retiramos esse trecho do filme transformando-os em GIF e o compartilhamos com intuito de representar algo ligado diretamente às nossas vivências estamos ressignificando contextualmente; estamos, de certa forma, deslocando-nos no ciberespaço e no espaço intelectual e experiencial construídos ao longo da vida. Apesar de ainda guardar em si a essência do filme representado, o GIF deixa de se relacionar com aquele roteiro e adquire novas interpretações, contextos e significações.

Na cena de dança entre John Travolta e Uma Thurman no filme *Pulp Fiction*, dirigido por Quentin Tarantino em 1994, o contexto da dança encontra-se na sua narrativa pois a cena faz parte da história que tem um enredo próprio de longa metragem. O GIF da cena em questão (figura 5) mostra quase exatamente o que vemos na cena do filme, mas, ainda assim, o GIF está desgrudado do enredo e pode estar deslocado de forma a não fazer mais parte do contexto do longa. Assim, podemos compartilhar a imagem animada tanto com o intuito de remetê-la ao filme preservando o seu contexto, como para remeter a qualquer outra coisa, como por exemplo “eu e meu namorado na festa de hoje a noite”, através de uma legenda de apoio.

¹³ Obra de Jason Dodge exposta na 9ª Bienal do Mercosul realizada em 2013 na cidade de Porto Alegre-RS.



Figura 5: Primeiro e último *frame* de um GIF ressignificado

Fonte: *Site giphy.com*

A ressignificação através dos deslocamentos nos espaços é inerente aos GIFs compartilhados na rede. Um GIF sofre milhões de ressignificações contextuais e subjetivas e elas são infinitas enquanto continua o processo de compartilhamento. As diferentes interpretações e as mudanças de sentido sofridas pelas imagens animadas as tornam ainda mais ricas e interessantes e nos proporcionam novas viagens, remetendo-nos à ideia de *ritornelo*.

(...) o ritornelo está totalmente ligado (...) ao problema do território, da saída ou entrada no território, ou seja, ao problema da desterritorialização. Volto para o meu território, que eu conheço, ou então me desterritorializo, ou seja, parto, saio do meu território (DELEUZE, 1997).

2.4 Frivolidades e Contextos de Compartilhamento

Abandonamos nosso pequeno território inúmeras vezes durante a vida e o fazemos frequentemente. A desterritorialização acontece quando nos permitimos abrir os olhos para o que está a nossa volta, para o que não havíamos enxergado ou, ainda, para o que podemos ver de outras maneiras. Vivenciar a pós-modernidade, de maneira virtual ou não, é estar solícito a todas as experiências que batem à porta, é entender a importância tanto das manifestações estéticas políticas e socialmente relevantes quanto das frivolidades que o cotidiano nos traz. A espontaneidade própria do cotidiano, principalmente o vivido na internet, carrega uma carga frívola para a construção dos conhecimentos fundamentais absorvidos e das experiências coletivamente vividas.

Os GIFs, assim como diversos conteúdos compartilhados na *web*, conservam tal caráter espontâneo, uma forma descontraída de perceber o cotidiano vivido. É como se ríssemos daquelas situações desconfortáveis acontecidas no passado. As imagens animadas tornam os momentos vividos normalmente mais divertidos. Cenas de quedas no chão, por exemplo, são por si só engraçadas. O GIF abaixo (figura 6) mostra um

jogador de *baseball* caindo em pleno jogo e pode remeter às nossas próprias quedas que, apesar de não serem agradáveis e de, por vezes, constrangerem-nos gerando uma sensação ruim, ao olhar o GIF o associamos aos nossos tombos e achamos graça da situação. Compartilhamos os GIFs, também, de forma a transformar os momentos ruins em instantes engraçados que deixam a vida mais leve e descontraída.



Figura 6: Frames 1, 32 e 56 de um GIF descontraído
Fonte: Site giphy.com

Além de suas características ligadas ao humor, os GIFs ainda podem ser usados como manifestações artísticas, ou então, como forma de disseminação de conteúdos ditos mais “sérios”. A forma pela qual eles se configuram e o ambiente onde são compartilhados favorecem o rápido acesso e absorção dos conteúdos apresentados na animação, fazendo com que tais informações, descontraídas ou não, se espalhem pela internet. Tanto as manifestações frívolas quanto as que tratam de assuntos mais consistentes se apresentam como importantes laços entre as pessoas que compõem uma determinada rede. Frivolidades e questionamentos sociais e filosóficos absorvidos enquanto troca de experiências favorecem as coletividades e ajudam a fortalecer tribos ou grupos.

Graças à Internet, com efeito, uma nova ordem comunicativa se coloca. Que favorece os encontros, o fenômeno do *flashmob* como testemunho; onde, a propósito das coisas fúteis, sérias ou políticas, as mobilizações se fazem e se desfazem no espaço urbano e virtual. Dá-se o mesmo com o *streetbooming*, permitindo que nas grandes megalópoles contemporâneas, nessas selvas de pedras que favorecem o isolamento, ao se conectarem a Internet as pessoas se encontram, se falam, se conhecem, criando assim uma nova maneira de estar junto, fundada sobre a partilha da criatividade (MAFFESOLI, 2010).

Na nova ordem comunicativa, na qual as pessoas constroem juntas uma maneira diferente de estar-junto, todos os conteúdos da internet e todas as imagens compartilhadas acabam por funcionar como manifestações criativas que colaboram na

diversificação das inúmeras coletividades edificadas através dos diversos contextos compartilhados. Os contextos, assim, fazem parte dos processos de identificação das tribos contemporâneas e são reflexos das identidades dos sujeitos que as constituem. Identidades pós-modernas são fluidas, múltiplas e multifacetadas (BAUMAN, 2005) e, embora construídas de forma pessoal e subjetiva pelas escolhas individuais, se manifestam no coletivo, sobretudo.

As redes sociais configuram-se como um local onde essa e outras vertentes das representações identitárias convergem. Veicula-se no Orkut, Twitter, Facebook, My Space, Linkedin e tantas outras, aquilo que se é, ou aquilo que se almeja ser. É um espaço de construção dos sujeitos. Um local onde aqueles que se identificam unem-se sob à perspectiva do pertencimento. Pertencer a uma determinada comunidade virtual é compartilhar um mesmo território, os mesmos sentimentos e impressões. É exibir-se da forma que se achar mais conveniente, carregando consigo a segurança de ter ao lado várias outras pessoas que pensam da mesma forma e que assim reforçam o ideal de grupo (NÓBREGA, 2010).

Tais grupos ou comunidades virtuais configurados a partir das representações identitárias edificam-se a partir dos conteúdos acessados ou compartilhados por seus membros. Os contextos – em torno dos quais as coletividades se organizam – estão presentes em tudo que encontramos na internet: na proposta de cada *blog* ou rede social, nos textos e *hiperlinks*¹⁴ de cada página ou postagem, nos vídeos e nas imagens compartilhadas. Nos GIFs acontece o mesmo. Cada imagem animada carrega consigo um contexto a partir do qual a vitalidade visual cria a sua significação e, assim, atinge determinadas tribos que vêem na animação algo que represente sua identidade coletiva. Os diversos contextos abordados pelos GIFs podem ser manifestados de diferentes maneiras. Seja de forma mais implícita, estabelecida através do ambiente virtual no qual o GIF é compartilhado; seja de forma explícita, com textos ou legendas que dão suporte e direcionam a interpretação da animação. Independentemente de um ou outro, o GIF também encontra seu significado no contexto criado a partir da mistura entre figura e contexto.

As interpretações das imagens também dependem do contexto e do ambiente cultural onde estão inseridas e, mais ainda, das experiências de vida de quem as lê. Uma

¹⁴ *Hiperlink* ou *link* “é, em si, um caminho para outra informação. Pode ser um vídeo no YouTube, uma matéria em um blog ou mesmo, uma foto no Flickr ou no Tumblr. Cada link, portanto, representa uma informação já mediada dentro de outra mediação” (RECUERO, 2012, p. 217).

imagem pode ter um significado, ou então, um *punctum*¹⁵ diferente de uma pessoa pra outra. Se essas pessoas são de diferentes culturas, grupos sociais, ou tribos, este abismo significativo pode ser ainda maior. Dessa maneira, um mesmo GIF pode ter diversas interpretações já que depende do contexto e da vivência pessoal de cada um. O GIF abaixo (figura 7), por exemplo, poderia remeter à expressão de alguém ao encontrar uma nota de dez reais no bolso de uma calça antiga; assim como poderia representar a outrem sua reação ao abrir a geladeira e deparar-se com um lindo pudim vegano. A imagem animada proporciona uma relação

(...) que faz de cada indivíduo o simples “punctum” de uma cadeia ininterrupta ou, ainda, que lhe atribui uma multiplicidade de facetas, que fazem cada qual um microcosmo, cristalização e expressão do macrocosmo geral (MAFFESOLI, 1998, p. 14-15)



Figura 7: Primeiro e último *frame* de um GIF que apresenta expressão de surpresa
Fonte: *Slte* giphy.com

As leituras são infinitas. Assim, nem sempre o compartilhamento do GIF vai suscitar no *outro* o mesmo que provocou em quem está a compartilhar. Além disso, a imagem animada abre, sozinha, um leque tão grande de interpretações que os *frames* podem remeter, também, a diversas situações cotidianas. Deste modo, alguns GIFs são compartilhados com pequenos textos de apoio que funcionam como legenda e direcionam a leitura da imagem. Em outras situações, GIFs já têm o texto inserido em seus próprios *frames*. São muito recorrentes, em *posts* nas redes sociais, GIFs que utilizam-se de textos externos, geralmente pequenas frases que direcionam a interpretação da imagem – o que denomino *elementos textuais de apoio*. Esse tipo de legenda é bastante encontrada em *blogs* como, por exemplo, Como Eu Me Sinto Quando, hospedado na plataforma Tumblr, cujos GIFs são sempre acompanhados de legendas externas.

¹⁵ “(...) *punctum* é também picada, pequeno buraco, pequena mancha, pequeno corte — e também lance de dados. O *punctum* de uma foto é esse acaso que, nela, me *punge* (mas também me mortifica, me fere)” (BARTHES, 1984, p. 46).

Segundo Barthes (1990) o texto dirige o leitor através de significados da imagem e o conduz a considerar alguns desses significados, assim como, deixar outros de lado. A imagem dirige o leitor ao significado antecipadamente escolhido e direcionado através do texto. Para Barthes, esse fenômeno é chamado de ancoragem. Individualmente, sem o apoio do texto externo de postagem (figura 9), ou seja, sem a ancoragem o GIF compartilhado pelo *blog*, diversas interpretações são permitidas pois as reações dos personagens podem representar diferentes possibilidades de contextos. No momento em que se usa a legenda externa (figura 8) como forma de descrever a situação aplicada ao GIF delimita-se o contexto no qual o compartilhante deseja que a imagem seja lida. Isso é muito recorrente em vários Tumblrs: compartilham-se GIFs e atribui-se a eles um texto de apoio externo para indicar o que se deseja comunicar.



Figura 8: GIF com ancoragem externa no Tumblr Como Eu Me Sinto Quando
Fonte: Print screen da página do Tumblr Como Eu Me Sinto Quando



Figura 9: Primeiro e último *frame* do GIF compartilhado no Tumblr Como Eu Me Sinto Quando
Fonte: Tumblr Como Eu Me Sinto Quando

Podemos encontrar GIFs nos quais o elemento textual está incorporado à imagem fazendo com que o texto inserido nos *frames* funcione como parte da figura (figura 10). Estes casos são muito utilizados em GIFs retirados de trechos de filmes ou desenhos

animados. Neles, a fala do personagem é importante para a contextualização pois a ancoragem funciona de fato como uma legenda uma vez que o formato não suporta áudio. Este recurso não só direciona a interpretação como credita o que se queria vincular, de modo visual e sonoro, no produto original.



Figura 10: Primeiro e último *frame* de um GIF com ancoragem incorporada
Fonte: Site giphy.com

O contexto da imagem animada é relevante quando se comunica algo na rede. Porém, mesmo que os elementos textuais sejam usados a fim de efetivar a comunicação e tentar definir o grupo ou tribo para o qual a imagem é direcionada, a interpretação por parte do *outro* nunca é garantida (BARTHES, 1990). Apesar de guiadas por legendas, as figuras não deixam de reforçar no *outro* as suas próprias experiências de vida e visões de mundo. Muito provavelmente cada um será remetido a situações específicas próprias de vivências particulares. A interpretação subjetiva sempre existe independentemente da presença e do tipo de texto apresentado. Todavia, ressignificamos as imagens para torná-las parte da gente e as ressignificamos novamente para torná-la parte das coletividades nas quais estamos inseridos. A subjetividade da interpretação e a coletividade sobre qual o conteúdo compartilhado faz sentido, formam, juntas, a significação da imagem animada.

2.5 Liberdade em *Frames*

Embora de forma complexa, a liberdade é algo que nos pertence. Liberdade, apesar de ser o que nos faz sentir livres, sem amarras e sem impedimentos de ação, é sempre aliada à dependência seja essa referente ao espaço no qual estamos ou à hierarquia

existente em determinados setores ou ainda, seja referente à dependência inevitável do Estado. “Não só não há contradição entre dependência e liberdade: não há outro caminho para buscar a libertação senão ‘submeter-se à sociedade’ e seguir suas normas” (BAUMAN, 2001, p. 28). Esse modelo de liberdade possível, apropriado ou conquistado socialmente, geralmente é o modelo aceito. Embora algumas tribos questionem tais poderes hierárquicos e a falta de aplicabilidade das liberdades pessoais e de grupos, conhecemos os propósitos de seguir determinadas regras e nos adaptamos a elas.

Apesar desta noção de liberdade já estar absorvida e aceita pela maioria de nós, na internet nos sentimos ainda mais livres. Fala-se muito em liberdade de expressão, em se “dizer” o que se pensa e o que a vontade manda. Sim, a liberdade de expressão é muito importante e deveria ser efetivamente ensinada nas escolas; deveríamos aprender a manifestar nossas opiniões, a exigir e por em prática nosso direito de protesto, de reclamar enquanto consumidores. Isso tem acontecido muito através das redes sociais e da ascensão da comunicação empresarial e institucional delas decorrente. Constantemente exigimos nossos direitos a partir da rede e, assim, conseguimos melhores resultados. O problema é quando encaramos a internet como um lugar sem regras, um lugar onde podemos fazer tudo o que “no mundo real” não poderíamos ou não nos encorajávamos. Todavia, leis e processos referentes a abusos da liberdade de expressão têm mostrado à sociedade que a via virtual é um meio sério que pode interferir negativamente em nossas vidas.

A liberdade através dos GIFs deve seguir princípios de não abuso. E normalmente o faz. É claro que, em um meio que tem a construção de seu conteúdo totalmente descentralizada (cada integrante da rede é um gerador de conteúdo), é impossível que todas as pessoas compreendam, ali, a noção ética contemporânea de liberdade. Assim sendo, é possível encontrarmos GIFs ofensivos e preconceituosos. Em sua grande maioria os GIFs carregam características descontraídas que não agradem eticamente nenhuma pessoa ou tribo, e se aproveitam da liberdade de expressão própria do seu tempo, como também da liberdade imagética adquirida através da animação em *frames*. Ao contrário das imagens estáticas os GIFs permitem despertar diversas sensações através de seus *frames*; a animação, curta ou longa, pode mostrar, de forma mais próxima do cotidiano experienciado, as realidades vividas diariamente. Assim, essas imagens animadas nos permitem, através da própria animação, uma aproximação maior com nossas experiências e nos permitem maior liberdade de comunicação e de interpretação. Além disso, tais imagens podem ser usadas também, como forma de expressar nossa liberdade, reivindicar nossos direitos ou, até mesmo, denunciar

agressões sociais. Logo, o GIF funciona tanto como ferramenta de descontração quanto como ferramenta de movimentação social, mostrando, na forma ou no conteúdo, a liberdade vivida na contemporaneidade.

2.6 Ritmo na Rede

Nas imagens animadas há "um quê" de melodia e um *ritmo* que nos faz querer admirá-las por um bom tempo. É como ouvir aquela música favorita no *repeat* por horas e sempre vibrar ao invés do pedacinho mais perfeito da sinfonia. GIFs são assim. Reproduzidos constantemente de forma cíclica adquirem um ritmo dionisíaco e, ao mesmo tempo, harmônico. É nesta dicotomia que o sensível, a manifestação da experiência e o seu reconhecimento podem se instaurar. O ritmo que os GIFs dão aos conteúdos compartilhados na rede mostram o quanto as imagens animadas podem ser dinâmicas. Ao nos depararmos com um GIF em nossa *timeline* podemos constatar como eles representam de forma imagética e animada o que vivemos no dia-a-dia. Essa movimentação, percebida através da sucessão de *frames*, mostra o compasso natural da imagem animada que é edificado a partir do tempo de duração de *frames*, do assunto abordado em sua narrativa e, principalmente, do tipo de sequência de imagens apresentadas.

O conjunto de *frames* das figuras é constantemente repetido, ou seja, não pára de se reproduzir nunca, o que parece ser uma das características mais marcantes dos GIFs. Parece ser necessário esta relação de familiaridade com a imagem para absorvermos tudo o que ela quer nos comunicar. Ou, simplesmente, porque a repetição é engraçada já que representa a rotina ou as ações que constantemente reproduzimos no cotidiano. É o ritmo que ressoa das ações do dia-a-dia.

O ritmo é um padrão forte, constante e repetido: o toque dos tambores, o cair da chuva, os passos no chão. Um discurso, uma música, uma dança, todos empregam um ritmo para expressar uma forma no tempo (LUPTON, 2008, p. 29).

Na execução ilimitada as ações representadas se repetem infinitamente (figura 11) em um movimento que, por ser cansativo, acaba por transformar os GIFs em objetos ainda mais atraentes. Com isso, podem ser percebidos dois tipos de GIFs, os contínuos e os não-contínuos. Um GIF contínuo é aquele no qual fica difícil decifrar quais as imagens de início e de fim da animação. Ou seja, a transição de uma repetição para outra é sutil e geralmente a última imagem do GIF é parecida ou tem sua continuidade na primeira

imagem fazendo com que, na reexecução dos *frames*, tudo se encaixe de forma harmônica.

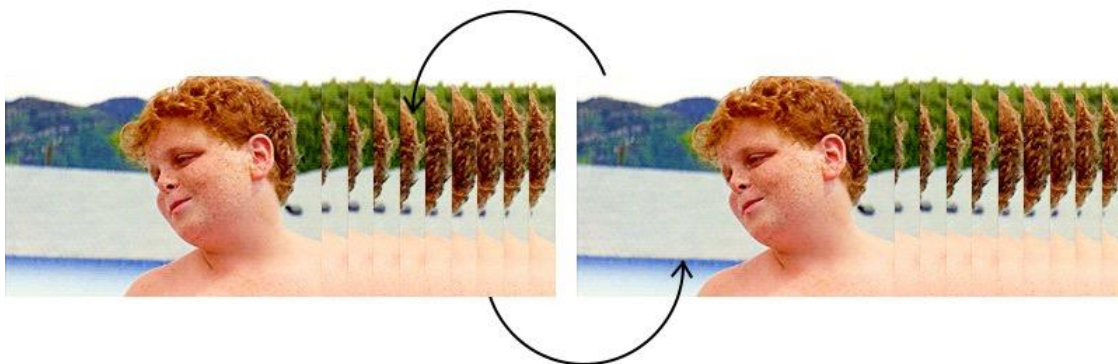


Figura 11: Repetição de *frames* de um GIF
Fonte: Da autora

A partir dos *frames* do GIF contínuo (figura 12) constata-se que não é possível saber qual a imagem de início ou a imagem de fim da animação; o conjunto constitui uma cronologia de movimento que faz com que o GIF seja executado infinitamente sem uma quebra visual, ou ruído, entre uma repetição e outra.

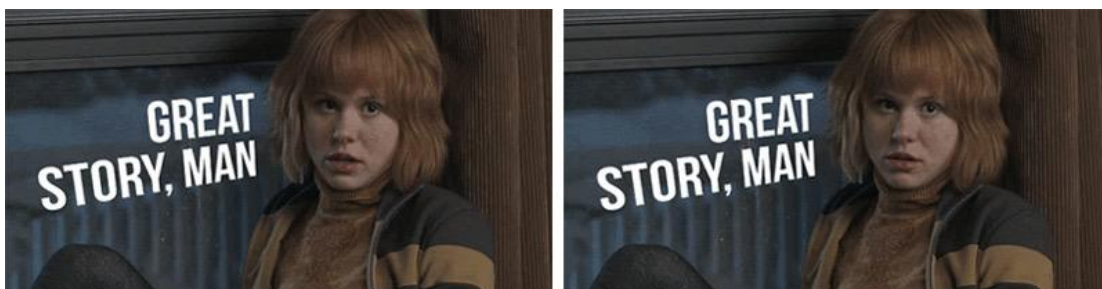


Figura 12: Primeiro e último *frame* de um GIF contínuo
Fonte: Site giphy.com

No GIF não-contínuo, ao contrário, é possível notar a “emenda” entre as repetições (figura 13). A ação ocorrida na animação no final de cada série de reprodução de *frames* é visualmente interrompida para que os *frames* sejam novamente executados. A grande maioria dos GIFs retirados de trechos de filmes, vídeos de músicas, cenas de novela, etc, são do tipo não-contínuo. São fragmentos de vídeos que não fecham um ciclo. Como é possível notar nos *frames* da figura abaixo, a animação possui começo e fim muito bem definidos. O inverso ocorre nos GIFs contínuos, nos quais a última imagem do GIF não tem sua continuidade na primeira, o que gera um ruído na animação, ou seja, existe uma pausa abrupta antes dos *frames* serem novamente executados.



Figura 13: Primeiro e último *frame* de um GIF não contínuo
 Fonte: Site giphy.com

Contínuas ou não contínuas, as repetições presentes nos GIFs esbanjam melodias e ritmos que nos aproximam da vida cotidiana de forma mais poética. Na pulsação dançante das imagens animadas encontramos a beleza própria do dia-a-dia. A beleza do banal, “Assim como a consonância melódica e a fervorosa dissonância da música, a repetição e a variação despertam justaposições visuais vitais. A beleza surge dessa mistura” (LUPTON, 2008, p. 30). Para além do tipo de repetição os GIFs representam o ritmo próprio da época em que vivemos e as identidades dos grupos coletivos. Através de seus *frames*, narram um pouco, ou muito, da nossa trajetória social; o que as pessoas de determinadas culturas pensam, como se comportam e como se relacionam. Os GIFs, assim como outras manifestações imagéticas contemporâneas, funcionam como registro de nossa época. Um registro quase que instantâneo, por vezes efêmero e passageiro, mas um registro que, percebido através do ritmo, representa-nos enquanto seres sociais.

2.7 GIFs, Caos e Comunicação

A maneira frenética e, muitas vezes, caótica que caracteriza o funcionamento dos GIFs e, até mesmo, de algumas redes sociais, abre a discussão sobre a real visibilidade das imagens animadas como manifestações estéticas bem aceitas no ambiente virtual. Ambiente que, justamente por ser um espaço relativamente livre de expressão e por representar uma das formas mais recorrentes de comunicação da contemporaneidade, apresenta milhares ou milhões de informações em forma de texto, imagem, vídeo e áudio. Esta grande quantidade de manifestações estéticas que nas redes de relacionamento funcionam como cimento social podem nos confundir e cansar, mas, ainda assim, retratam as características dionisíacas, até mesmo anarquistas, próprias da época que vivemos.

Para mim, a pós-modernidade se orienta em direção a algo de anarquista, não anárquico. Quando se diz anárquico, é a desordem. [...] estamos ultrapassando a lei do pai pela lei dos irmãos. O anarquismo é a lei dos irmãos. Há uma lei, mas ela é horizontal. Algo que vai funcionar sobre a interação. Wikipedia é uma enciclopédia anarquista, poderia-se dizer. Os fenômenos wiki, sob suas diversas formas, são processos de interação” (MAFFESOLI, 2013, p. 19).

Essa característica pós-moderna se reflete na maneira pela qual nos relacionamos com espaços, objetos e pessoas. Por exemplo: nossa forma de enxergar os espaços ultrapassa o material e tem seus padrões de referência modificados; nossas escolhas por interagir com determinados objetos é, muitas vezes, definida através do sensível e da memória, instâncias “caóticas”; nossa comunicação, principalmente através da *web*, é cada vez menos linear e não se submete a caminhos pré definidos. Além disso, a anarquia contemporânea modifica, também, a forma com que construímos nossos conhecimentos. Hoje, época na qual existem discussões e reflexões voltadas ao cotidiano, às experiências diárias e ao que apreendemos coletivamente, a construção dos nossos conhecimentos racionais e sensíveis se dá a partir de nossas vivências cotidianas. O que vivemos define o que somos e o que vamos absorver e processar enquanto conhecimento. Aprender pela experiência vivida, que não possui regras pré estabelecidas e nem mesmo certos e errados, é estar em uma lógica dionisíaca, voltada ao sensível.

(...) sem caos, não há conhecimento. Sem frequente renúncia à razão, não há progresso. [...] Não há uma só regra que seja válida em todas as circunstâncias, nem uma instância a que se possa apelar em todas as situações (FEYERABEND, 1989, p. 279)

Os GIFs refletem e refratam, através dos seus *frames* incansavelmente repetidos e, muitas vezes, do seu excesso de informações, um pouco das características da pós-modernidade. Logo, são elementos visuais que se mostram muito bem aceitos justamente por estarem de acordo com quase tudo o que vivemos atualmente. Assim como o ambiente virtual, a vida fora da rede se mostra também repleta de informações que se apresentam de forma visual. Isso mantém o laço de similaridade necessário para que a imagem animada seja, cada vez mais, compreendida enquanto expressão de determinadas tribos. Os tempos e os espaços são caóticos e o GIF também. É o caos da animação, da representatividade de múltiplas identidades, dos relacionamentos coletivos, da comunicação não linear, das trocas sociais guiadas por paixões. Assim, as imagens animadas, enquanto manifestações estéticas coletivas, funcionam, sim, como cimento social. Cimento que, constituído de imagens e emoções, de memórias e identificações, de realidades e imaginações, ajudam a edificar a ideia de sociedade

conectada. “O jogo das paixões, a importância das emoções, a pregnância dos sonhos como cimento coletivo. É isso a orgia dionisíaca” (MAFFESOLI, 2010, p. 92).

2.8 GIFs em Contexto Social

Os GIFs se apresentam como importantes laços sociais enquanto elementos visuais que compartilham identificações e paixões. Através deles (e de diversas outras manifestações estéticas virtuais) podemos criar com o *outro* uma relação que tende a ser permeada por afeto. Em tal relação, independentemente de sua configuração, de sua quantidade de *frames*, sequência de animação, conteúdo visual ou textual, o GIF sempre acaba por fazer sentido se pertence a uma determinada coletividade inserida no sistema de compartilhamento e de troca de experiências.

A maioria dos GIFs encontrados atualmente na rede se utilizam de assuntos descontraídos voltados ao cotidiano como forma de registro de vivências, lembranças e ideias, mas podem, mesmo que por esse viés, funcionar como ferramenta de informação desmitificadora cujo objetivo é gerar uma ação posterior. É cada dia mais comum encontrarmos nas redes de relacionamento virtuais conteúdos de cunho social, sejam eles em formas textual ou visual, descontraída e/ou comprometida.

Percebo que os assuntos dos GIFs raramente acompanham as questões sociais abordadas em muitas imagens estáticas (figura 14) que, ao contrário, apresentam fatos de cunho político, social ou econômico de maneira crítica ou questionadora. Tais imagens buscam despertar no *outro* algum tipo de reflexão que pode se configurar como uma nova maneira de se pensar determinado assunto. Neste caso, a imagem funciona como ferramenta de ativismo.

Este novo ativismo (...) fez da comunicação mediada por computador (CMC) seus sentidos cognitivos e sua mente. Ele integrou nela seu olho, suas imagens, seu ouvido, suas sonoridades, sua boca, suas falas, sua pele, seus contatos até construir este corpo comunitário apto a viver no ciberespaço, programando os softwares [...] como novos instrumentos para o pensamento e a ação. Com isto igualou o meio à mensagem através da prática da ação direta, fazendo da CMC um lugar de percepção, afeto e atividade para as novas comunidades (ANTOON, 2001, p. 138).



Figura 14: Imagem estática ativista compartilhada na rede social Facebook
 Fonte: Página de Facebook Feminismo Sem Demagogia - Original

Apesar de pouco comum os GIFs podem seguir essa nova tendência. E mais. Os GIFs, devido ao seu movimento, dinamicidade e proximidade com o cotidiano, podem funcionar como ferramentas de incentivo à movimentação ativa da sociedade de modo ainda mais qualificado do que as imagens estáticas. As imagens animadas já fazem parte do imaginário de muitos internautas. Constantemente, visualizamos postagens em *blogs* intitulados Os melhores GIFs da semana, que apresentam uma seleção das animações mais destacadas nos últimos dias. Aproveitar-se da simpatia e familiaridade conquistadas pelos GIFs é saber usufruir, das imagens, seu potencial social, criando uma aproximação ainda maior com as nossas vivências. Criar e compartilhar GIFs de cunho social é uma das possibilidades de educação pelo sensível.

O GIF, neste sentido, é uma forma de educação estética que partilha informações, emoções e percepções de mundo através da sua imagem animada. É o conhecimento sendo construído a partir da estética entendida enquanto sentido, do estar-junto e, logo, do afeto. Sentido, coletivo e afeto são aspectos estruturais do conhecimento construído em rede que têm como premissas a vontade de estar com o *outro*, de fazer com que algo frutifique dessa relação e, principalmente, de desejar que nosso mundo seja mais sensível para que *eu* e o *outro* vivamos melhor. O processo de construção deste conhecimento que emana dos conteúdos compartilhados nas redes sociais só é possível quando passamos a enxergar, no *outro*, a chave para a compreensão racional e sensível do tempo vivido. É o conhecimento que só se torna possível e o comprometimento social que só se torna efetivo quando projetados e desenvolvidos em coletividade.

Compreender o GIF e caracterizá-lo a partir de sua inserção no cotidiano pós-moderno permite enxergar, nele, uma possibilidade de ativismo virtual. Logo, falar sobre o GIF na atualidade, da coletividade que dele emana, do tempo e espaço que se configuram a partir dele, assim como entender de que forma as liberdades se manifestam através dos contextos compartilhados e do ritmo ditado pelo GIF, e de que maneira estes elementos visuais contemporâneos estabelecem uma relação entre o caos e a comunicação, ajudam a edificar efetivamente o GIF como instrumento que favorece a movimentação social. Tais assuntos, neste capítulo tratados, colaboram para o raciocínio necessário à construção do próximo capítulo que, ao relacionar GIF, internet e ativismo, apresenta a minha produção de GIFs ativistas.

CAPÍTULO 3

GIFS ATIVISTAS

IMAGENS ANIMADAS COMO
FERRAMENTAS DE ATIVISMO VIRTUAL

Compreender de que maneira o GIF se insere nos ambientes virtuais, atentando para suas características estruturais e de contexto, é o primeiro passo para explorá-lo teórico e praticamente enquanto ferramenta de ativismo virtual. Para atingirmos tal objetivo e, assim, sanar as dúvidas e comprovar ou não as pressupostos que fizeram surgir a dissertação de mestrado, neste último capítulo apresento de forma mais demorada alguns assuntos; dentre os quais ativismo; ativismo virtual; GIFs e ativismo; e, por fim, idealização e construção de GIFs ativistas. O último tópico é fragmentado para entendermos detalhadamente o processo de criação e produção dos GIFs aqui desenvolvidos. A discussão nascida de tais assuntos colabora na resolução das questões que fazem essa dissertação possível, ou seja, os temas abaixo explorados pretendem responder de que maneira os GIFs podem funcionar como instrumentos de ativismo virtual.

3.1 Ativismo

A coletividade própria do nosso tempo, embora não raro dê espaço para a individualidade, é característica fundamental quando o assunto é a mobilização social de grupos de pessoas. Tais ações que unem os sujeitos em busca de lugares e condições melhores e mais sensíveis de se viver e nas quais aspectos como afeto e amor são imprescindíveis, têm como norteador o comprometimento social que, posto em prática, se transforma em ativismo. Ativismo é, como já declarado, a busca da transformação da sociedade por meio da ação de caráter revolucionário já que, normalmente, traz como premissa a oposição a sistemas consolidados e instaurados. Mas, para além disso, ativismo é demonstração de afeto, é impulso de nos moverem em favor do *outro* e construir com ele um mundo mais sensível e harmonioso. Me refiro à mundo enquanto espaço, físico ou não, de convivência. Mundo, quando aqui usado, geralmente alude aos pequenos territórios a nossa volta. Não deve ser interpretado enquanto mundo em seu sentido literal, visto que, mesmo que se trate de luta e interesse mundial, a mudança global depende de diversas pequenas mudanças pessoais e coletivas, cada quais devidamente inseridas no contexto social e cultural do lugar onde se está.

O ativismo que pretende pelo viés da ação ajudar a construir ou a transformar esses diversos mundos em lugares mais sensíveis se reflete sempre, independentemente do que pretende abordar, em ações mobilizadas pelo afeto. Afeto que segundo Deleuze é “a variação contínua da força de existir na medida em que essa variação é determinada

pelas idéias que se tem" (1978, p.16). Assim, o afeto é não apenas o intelectual, nem tão pouco apenas o corporal, é a mistura de ambos em uma miscelânea que instiga a perceber e a pensar tudo de uma forma diferente. O afeto acaba muitas vezes nos permitindo "ver com outros olhos" ou "pensar de outro jeito", configurando-se como uma variação do emocional residente no ato da percepção. Afeto é uma "onda de choque para o pensamento" (DELEUZE, 1978), e "o choque é a forma mesma da comunicação do movimento nas imagens" (DELEUZE, 2007, p. 1991).

O pensar e o sentir proporcionados por esse choque permite perceber o mundo com outros olhos, de maneira a unir a percepção intelectual, absorvida a partir do racional, e a percepção sensível, construída com base nas experiências e nas emoções que fazem parte desses processos. Essa construção bilateral se mostra importante quando o assunto é ativismo visto que, de um lado, o racional dá o suporte a todo embasamento teórico necessário para a construção do pensamento em pauta; e, de outro lado, as emoções agregam potencial de movimentação às ações já que são elas que nos unem na construção coletiva. Afinal, "sem emoção não há nada, não há interesse algum. Não é uma questão de entender e ouvir tudo, mas de acordar a tempo de captar o que lhe convém pessoal" (DELEUZE, 1988, p.75). Sem emoção, sem o sensível e o racional unidos, não há movimento, não há ativismo.

Esses aspectos dicotômicos unidos, assim como a coletividade, fazem com que o ativismo se torne possível. Na construção de pensamento e na ação propriamente dita, seja ela atual ou virtual, há sempre o viés do estar junto. É a estética social própria da nossa época que, através do vibrar, sentir e experienciar em comum, organiza-se em torno de quatro polos: a prevalência do sensível, a importância do ambiente ou do espaço, a procura do estilo e a valorização do sentimento tribal (MAFFESOLI, 2005). Todos os quatro polos também são imprescindíveis quando se trata de mobilização social. O sensível, ou seja, a prevalência dos sentidos, da emoção e do afeto nos encoraja a buscar uma transformação dos ambientes ou espaços que habitamos, ao mesmo tempo em que definimos nossas identidades individuais e de grupo. Assim, esse processo de construção da estética social contemporânea e do ativismo em si só é possível graças à coletividade, à inclinação tribal que nos conduz a desejar estar com o *outro*.

se no passado o outro era de fato diferente. distante e compunha uma realidade diversa daquela de meu mundo, hoje, o longe é perto e o outro é também um mesmo, uma imagem do eu invertida no espelho, capaz de confundir certezas pois, não se trata mais de outros povos, outras línguas, outros costumes. O outro hoje, é próximo e familiar, mas não necessariamente é nosso conhecido (GUSMÃO, 1999. p; 44-45).

O *outro* é essencial em nossa construção de conhecimentos. Sem ele não existe padrão de referência. Sem o *outro* a aprendizagem cotidiana, principalmente ligada ao sensível e às experiências, fica debilitada como se lhe faltasse uma peça para funcionar. Sendo assim, o *eu* só pode existir através do *outro* e é neste *outro* que consiste o ideal comunitário. Logo, o ativismo. É a alteridade que permite que nos coloquemos no lugar de outras pessoas e queiramos com estas e para estas construir mundos mais sensíveis. A relação de alteridade, do *eu* com o *outro*, define, assim, a sociabilidade contemporânea da mais simples (civildade, vizinhanças...) à mais complexa (memória coletiva, imaginário social) (MAFFESOLI, 1996). Tais manifestações do social colaboram na tentativa de sensibilização dos espaços. Sem alteridades nem mesmo existe estética, a capacidade humana que permite conhecer o *outro* por meio de si próprio, "sem forma não há relação, sem cotidiano não há extraordinário e sem coletivo não há pessoa" (BIÃO, 2009, p. 124).

A noção de ideal comunitário contemporâneo e de ativismo, que também possui as premissas da coletividade, da alteridade e do afeto, é construída e constantemente atravessada pela educação. Principalmente a que se refere ao cotidiano e às experiências, ou seja, a educação estética. Aquela que nos conduz a perceber e compreender além do viés racional, que nos permite experienciar o mundo de maneira a entendermos a relevância das emoções, e, logo, das relações individuais e coletivas na construção dos nossos próprios *eus*.

Sem que tomemos em consideração alguma lei ou fim, ele (o homem) pode aprazer-nos na mera contemplação e apenas por seu modo de aparecer. Nesta última qualidade, julgamo-lo esteticamente. Existe, assim, uma educação para a saúde, uma educação do pensamento, uma educação para a moralidade, uma educação para o gosto e a beleza. Esta tem por fim desenvolver em máxima harmonia o todo de nossas faculdades sensíveis e espirituais (SCHILLER, 2003, p. 103).

Tal "educação para o gosto e a beleza" está diretamente ligada à um educar dos sentidos que quando levados a uma relação harmoniosa com o mundo externo faz com que se constitua uma personalidade integrada entre consciência, percepção e inteligência (READ, 2001). Essa personalidade nos define enquanto seres e define também a maneira com a qual nos relacionaremos com os espaços e pessoas a nossa volta. Assim, aspectos como coletividade, afeto, alteridade, educação estética e saber sensível se mostram definidoras quando se trata de construção de micropolíticas, ou seja, de estratégias para constituição de novos territórios, espaços de vida e afeto, "em busca de saídas para fora dos territórios sem saída" (GUATTARI; ROLNIK, 2010, p. 18). Logo, o ativismo, além de uma possibilidade de ajudar a construir ou transformar os

espaços nos quais estamos inseridos em lugares mais sensíveis, se mostra uma estratégia prática de questionamento individual e coletivo através da expressão e da criação. Fazer ativismo é, por meio do afeto e graças a preocupação com o *outro*, buscar saídas para labirintos sociais. É participar de um processo criativo e ativo de construção intelectual que sempre desemboca no cotidiano, na coletividade e no pensar de maneira comunitária.

3.2 Ativismo Virtual

As novas tecnologias e maneiras de se comunicar fazem com que constantemente repensemos a forma com a qual nos relacionamos com mundo e a maneira que o percebemos através da razão e do sensível. Essas novas tecnologias de comunicação e informação surgem com a informática possibilitando a veiculação, por meio do computador, de diversas possibilidades de mensagens (LEMOS, 2008). Mensagens e formas de se relacionar que interferem em nossos processos de conhecimento individuais e coletivos graças à mudança no modelo de comunicação que agora não mais estabelece um nível de autoridade do emissor sobre o receptor.

Essa revolução digital implica, progressivamente, a passagem do mass media (cujos símbolos são a TV, o rádio, a imprensa e o cinema) para formas individualizadas de produção, difusão e estoque de informação. Aqui a circulação de informações não obedece à hierarquia da árvore (um-todos), e sim à multiplicidade do rizoma (todos-todos) (LEMOS, 2008, p.68).

Tal multiplicidade rizomática muda toda a forma de se pensar os espaços virtuais, ou não, ao mesmo tempo em que, juntamente com os paradigmas nascidos ao longo da pós-modernidade, resulta em vivências mais permeadas pela coletividade e conectividade. Características que interferem também na forma com a qual as manifestações sociais e o ativismo são postos em prática.

O meio digital e, principalmente, a internet, criam possibilidades comunicacionais que potencializam o ativismo antes visto quase que apenas em protestos de rua ou manifestações gráficas de menor alcance, como *flyers* e cartazes. Grandes redes de relacionamento propiciam uma comunicação mais democrática, passível de alcançar quantidades muito maiores de grupos e pessoas; assim, informações, peças gráficas de cunho social e até mesmo divulgação de ações de rua, atingem um público muito maior e acabam por ter melhores resultados. Além disso, a internet e as redes sociais, justamente por seu caráter coletivo de troca constante, muitas vezes favorecem um

pensar mais voltado para o *outro* visto que nos apresentam de maneira mais explícita as realidades vividas por diferentes seres sociais. Esse fato também nos permite criar laços socialmente mais consistentes no momento em que podemos conhecer mais dos diversos *outros* inseridos na sociedade e, assim, perceber afinidades e paixões em comum que podem servir como motivadores de agrupamentos e manifestações, e propulsores de ativismo.

A comunicação de valores e a mobilização em torno do sentido são fundamentais. Os movimentos culturais (entendidos como movimentos que têm como objetivo defender ou propor modos próprios de vida e sentido) constroem-se em torno de sistemas de comunicação – essencialmente a Internet e os meios de comunicação – porque esta é a principal via que estes movimentos encontram para chegar àquelas pessoas que podem eventualmente partilhar os seus valores, e a partir daqui atuar na consciência da sociedade no seu conjunto (CASTELLS, 2004, p. 170)

É cada vez mais comum notarmos a presença de grupos socialmente motivados nas redes sociais da internet, já que estas servem como bons suportes de propagação de ideias devido uma de suas principais características: o potencial de compartilhamento. Compartilhar, segundo Dixon (2000), tem dois significados: dar uma parte do que se tem e possuir em comum um sistema de crenças compartilhado. Na língua portuguesa a palavra compartilhar é sinônimo de dividir, o que significa dividir e distribuir, logo, o compartilhamento sempre implica em partilhar com o *outro* alguma coisa que possuímos. É um processo que depende de generosidade e senso comunitário e, dessa maneira, resulta também em uma partilha do sensível que, para Rancière (2005), é o "sistema de evidências sensíveis" que revela a existência de um comum e dos recortes responsáveis pela percepção de lugares. Partilhar o sensível é estabelecer uma ligação afetiva com o *outro*, uma ligação que resulta da união de nossas vivências individuais cotidianas, das experiências advindas dessas vivências e dos conhecimentos construídos em coletividade a partir da relação com outras pessoas.

Na internet, o compartilhar possibilita que as mensagens se espalhem pela rede de maneira exponencial, fazendo com que estas tenham mais alcance e, logo, cheguem de forma efetiva à uma quantidade maior de pessoas. Compartilhar ainda nos permite conhecer um pouco mais do *outro* e criar com este laços sociais e sensíveis de identificação que podem resultar em agrupamentos de pessoas com interesses em comum. Tais agrupamentos normalmente são permeados pelas premissas da paixão, do afeto e do reconhecimento do *outro* como legítimo *outro*.

Nas sociedades pré-modernas, prevaleciam as histórias particulares ou "crônicas locais". Hoje vivemos o retorno dessas histórias locais, que

agora contam com a ajuda do desenvolvimento tecnológico. Estamos no coração do que chamo de "tempo das tribos". Assim como o desencantamento do mundo conduziu à solidão, o Facebook, o Second Life etc., para o melhor e para o pior, recuperaram o "ideal comunitário". Há nesse desenvolvimento tecnológico outra maneira de viver o laço social ou, como acho mais adequado dizer, o "laço societal". Isto é, chegamos a uma sociedade que enfatiza a relação com o outro. E isso nos obriga a mudar nossa maneira de analisar a sociedade (MAFFESOLI, 2012, sem página).

Tais laços sociais são constantemente construídos e resignificados na pós-modernidade através de redes sociais de relacionamento que ressaltam a importância do coletivo e do cotidiano nos tempos vividos. Já diria Marteleto (2001) que as redes sociais representam um conjunto de participantes autônomos que unem ideias e recursos em torno de interesses e valores compartilhados, ou seja, interesses e valores que só possuem seu sentido completo quando experienciados em conjunto. Todas essas características da pós-modernidade virtual (capacidade de alcance das mensagens, coletividade, partilha de interesses em comum, compartilhamento de conteúdo e construção de conhecimento coletivo através das redes sociais) favorecem que a internet e as próprias redes de relacionamento se configurem como ótimos suportes para manifestações sociais. Isso já é constantemente observado.

O objetivo dos movimentos sociais contemporâneos é o de promover a democratização das relações sociais redefinindo normas, identidades individuais e coletivas, conteúdos e modos de interpretação de discursos já existentes (COHEN, 1994). Assim, os movimentos sociais lutam pela possibilidade de construção e definição de significados em uma sociedade ainda baseada no controle de informação por parte da grande mídia. Os meios de comunicação de massa funcionam como importantes configuradores do nosso cotidiano definindo identidades e, logo, nossa maneira de agir tanto na esfera privada quanto na pública (DELLA PORTA, 2006). Diante da importância desses meios e do constante controle de informação por parte deles, os movimentos sociais acabam por desenvolver sua própria maneira de comunicar através de meios mais democráticos e abertos como, por exemplo, as redes sociais da internet. Dessa maneira, buscam definir e enquadrar suas demandas, investir nos potenciais alvos (ou seja, ter um alcance social maior), organizar a ação coletiva e, também, atrair a atenção dos meios massivos para, assim, atingir outra parcela da população que não se encontra *online*. O ciberativismo, segundo Santos (2011), tem seu início no Brasil na década de 1990, época que ocorreu o avanço da internet no país. Com o objetivo de driblar os meios de comunicação tradicionais, os ciberativistas (ativistas virtuais) usam a internet para se manifestarem e superarem as fronteiras, ampliando o espaço de difusão de suas ideias.

“A cyberdifusão de determinadas informações e/ou repertórios de conflito é uma das grandes características que diferenciam a internet de outros meios de comunicação de massa” (PEREIRA, 2011, p. 8). A internet faz com que os conteúdos sejam mais facilmente disseminados e permite um aumento nas possibilidades de ação.

A internet pode vir a ser a nossa primeira esfera pública global, um meio pelo qual a política pode tornar-se realmente participativa, tanto em âmbito regional quanto internacional. E é o primeiro veículo que oferece, aos indivíduos e coletivos independentes de todo o mundo, a chance de comunicar-se, com suas próprias vozes, com uma audiência internacional de milhões de pessoas. Portanto, as possibilidades técnicas da internet como esfera pública são ilimitadas (FORD; GIL, 2002, p. 271).

As possibilidades de ação são inúmeras e podem ser encontradas hospedadas na rede de diversas formas; todavia, nas redes sociais mais acessadas e significativas em propagação de informação e em grau de interatividade dos usuários (tais como alguns *blogs*, Facebook, Twitter e redes como Avaaz), algumas possibilidades de manifestações sociais são mais recorrentes: textos longos ou com número menor de caracteres, eventos que convidam para ações de rua ou ações virtuais, abaixo-assinados *online*, imagens e vídeos de cunho social compartilhados, dentre outras. Textos ativistas longos são recorrentes em alguns *blogs* (figura 15), normalmente apresentam informações mais detalhadas sobre o assunto em pauta e tendem a abordar de forma mais completa as informações necessárias para o entendimento do tema. Tais textos nem sempre têm um grau de impacto muito grande já que, na maioria das vezes, atingem quem já tem interesse no assunto e, além disso, precisam de um certo investimento de tempo para que a mensagem seja absorvida por completo. Ainda assim, são constantemente compartilhados em redes como Facebook aumentando o grau de propagação da mensagem, o que, não garante que tal texto seja lido por completo.



Figura 15: Blog que apresenta textos ativistas longos, neste caso abordando a questão feminina
 Fonte: Print screen do site blogueirasfeministas.com

Em contrapartida, o Twitter – *blog* que permite postagens textuais com número limitado de cento e quarenta caracteres – tem suas pequenas sentenças mais facilmente absorvidas. Todavia, os textos curtos publicados no *microblog* apresentam apenas pequenos fragmentos de informação sobre o assunto em pauta que normalmente funcionam mais como questionamento, como um *fazer pensar*, do que como um esclarecimento mais amplo do tema (figura 16). Nesta rede também é comum o compartilhamento de *links*, muitas vezes de imagens, textos longos ou vídeos, que complementem a pequena quantidade de caracteres publicados. No Twitter ainda existe a opção de “retweet” que permite aos usuários da rede que compartilhem a mensagem publicada por algum perfil, potencializando, desta maneira, sua propagação. Textos ativistas também são encontrados em outras redes sociais, como o Facebook.



Figura 16: Texto curto (*tweet*) publicado pelo perfil Movimento Feminista no Twitter
 Fonte: *Print screen* da postagem do Twitter

Assim como os textos, longos ou curtos, os eventos que convidam para ações de rua ou ações virtuais são muito recorrentes nas redes sociais. Antes da popularização de *sites* de relacionamento, a internet já era usada como ferramenta para divulgação de ações ativistas; o *email* era o principal suporte para tal divulgação e um convite para manifestações. Embora não tivesse a força de compartilhamento e propagação das redes sociais da atualidade, o *email* já agregava uma nova característica à divulgação de causas e ações: a possibilidade de atingir um número muito maior de pessoas (MORAES, 2001). Com o surgimento do Facebook, por exemplo, e seu aprimoramento, a divulgação de manifestações sociais atingiu um patamar diferente, fazendo que pudessem ser mais vistas e disseminadas e, logo, permitindo com que mais pessoas aderissem aos movimentos. O Facebook dá a possibilidade de criar eventos públicos e/ou privados e convidar um número ilimitado de usuários do *site* para participar (figura 17). Nestes eventos é possível indicar dia, hora e local da manifestação em pauta, que pode ser uma ação de rua ou, até mesmo, uma ação virtual que não exija que o participante saia de casa. Aliás, em muitos eventos, a simples ação de indicar a participação já funciona como manifestação. Eventos criados no Facebook ainda permitem fazer publicações com textos, imagens, vídeos e *links* externos, o que possibilita um melhor entendimento do assunto abordado e, ainda, permitem que os participantes contribuam com publicações. Ou seja, eventos no Facebook podem se configurar como espaços democráticos de discussão e de manifestação por si só.



Figura 17: Evento do Facebook convidando para manifestação social
 Fonte: Print screen da página do evento do Facebook

Ainda encontramos outro tipo de movimento social muito frequente na internet: os abaixo-assinados *online*. Se antes coletar assinaturas em uma abaixo-assinado era um trabalho árduo e que nem sempre atingia os resultados necessários (visto que era preciso uma força tarefa de rua muito grande coletando tais assinaturas), com a internet e a criação de *sites* como Avaaz e Change esse processo ficou muito mais fácil e eficiente. Tais plataformas *online* permitem que sejam criadas petições de cunho social que visem alguma mudança efetiva politicamente (figura 18). Para tanto, após a assinatura virtual com o simples preenchimento dos dados pessoais é comum que tais documentos sejam encaminhados aos órgãos responsáveis pela possível mudança, seja de posicionamento ou legislativa. *Sites* como estes assumem uma postura efetivamente ativista; o próprio Avaaz se denomina “uma comunidade de mobilização *online* que leva a voz da sociedade civil para a política global”. Essa comunidades se configuram como espaços normalmente sem inclinação política ou partidária já que ali encontramos em pauta diversos assuntos de diferentes posicionamentos políticos e notamos que qualquer participante da comunidade pode criar a petição que acha relevante. É muito comum, ainda, serem abordados temas ambientais e sociais oriundos de várias partes do mundo, não só da região ou país no qual o *site* é acessado. Todas as petições podem ser compartilhadas nas principais redes sociais da atualidade, como Facebook e Twitter, e permitem, também, que sejam enviados convites para assinatura aos emails dos cadastrados nas plataformas.

AVAAZ.ORG O MUNDO EM AÇÃO

ENGLISH 中文 DEUTSCH РУССКАЯ FRANÇAIS ESPAÑOL 繁體中文 简体中文 INÍCIU UNA PETIÇÃO

11-8-20 NEDERLANDS ITALIANO 日本語 TÜRKÇE POLSKI ROMÂNĂ ΕΛΛΗΝΙΚΑ

Antes que as abelhas sejam extintas



3.500.000
3.397.115
3.397.115 assinaram. Vamos chegar a 3.500.000

Silenciosamente, bilhões de abelhas estão sendo dizimadas, **pondo em risco nossa produção de alimentos.** Abelhas não apenas fazem mel – elas são uma força de trabalho imensa, polinizando 75% das plantas que cultivamos. Mas em poucos dias os EUA podem dar um passo em direção à proibição dos pesticidas tóxicos responsáveis pela mortandade.

Nós sabemos que podemos conseguir a proibição – depois de uma mega-campanha da Avaaz no ano passado, a União Europeia baniu essa mesma categoria de venenos, considerada por diversos cientistas como a responsável pela morte em massa das abelhas. Nesse exato momento fábricas de componentes químicos estão fazendo forte lobby junto às autoridades norte-americanas para impedir uma mudança. Mas informantes da Avaaz dizem que uma pressão pública massiva poderia ser o fiel da balança a nosso favor. Vamos fazer pressão! **Um banimento feito pelos EUA pode deflagrar um "efeito dominó" no resto do mundo.**

Não temos tempo a perder – a força-tarefa que cuida do assunto na Casa Branca apresentará propostas para a regulação nesses dias. Não estamos falando apenas da sobrevivência das abelhas, **estamos falando da nossa própria sobrevivência.** Assine a **petição imediatamente** – vamos fazer um zunido global pedindo que os EUA proíbam esses químicos assassinos, **antes que as abelhas sejam extintas.**

ASSINE A PETIÇÃO

Para os membros da força-tarefa sobre abelhas da Casa Branca:

66 Nós pedimos a imediata proibição do uso de pesticidas neonicotinóides até e a não ser que novos e independentes estudos científicos provem que eles são seguros. O desaparecimento catastrófico de colônias de abelhas pode colocar em risco toda a nossa cadeia alimentar. Se os senhores agirem urgentemente e com precaução, nós podemos salvar as abelhas da extinção.

Você já é um apoiador da Avaaz? só precisa preencher seu email e clicar "Assine"

email **ENVIAR ▶**

Primeira vez aqui? Por favor preencha o formulário.

nome completo

email

País CEP

Avaaz.org vai proteger sua privacidade e lhe manter atualizado sobre essa e outras campanhas semelhantes. **ENVIAR ▶**

ASSINATURAS RECENTES

3 minutos atrás  zattil, França

6 minutos atrás  Eva erler, Áustria

6 minutos atrás  John pickett, Reino Unido

12 minutos atrás  Alba, Espanha

13 minutos atrás  Gabriella Ladanyi, Hungria

Avisar Seus Amigos

 facebook **974K** Compartilhe essa campanha no Facebook.

 twitter **68K** Clique aqui para compartilhar no Twitter

 orkut **552** Clique para compartilhar esta campanha no Orkut!

Clique para copiar: **COPIAR ▶**

Figura 18: Petição para assinatura online na comunidade Avaaz
Fonte: Print screen de petição do Avaaz

Embora todas as formas de manifestações sociais citadas anteriormente sejam recorrentemente encontradas na internet, o produto ativista de maior visibilidade, principalmente nas redes sociais é a imagem compartilhada (que pode ser estática ou então se apresentar em forma de vídeo, lembrando que este último nada mais é do que uma sucessão de imagens que nos dão a ilusão de movimento). Não é de hoje que a imagem é uma das maneiras de comunicação mais utilizadas. Afinal, ela atrai nossa atenção devido aos seus elementos visuais, muitas vezes nos remete à algo que já conhecemos facilitando a interpretação e aumentando o laço de familiaridade importante para a construção de significado e, ainda, tem sua mensagem facilmente absorvida.

O meio figurativo pode fornecer, para isso, uma ajuda fecunda. A figura permite fazer sentido e dar sentido, não enquanto finalidade distante ou alvo a ser atingido, mas enquanto o que eu comunico ou o que eu partilho com outros. "A figura é o que vos olha, o que me olha". Esta fórmula, de Gilbert Durand, resume bem meu ponto de vista, a figura é particular, e ela induz, por isso mesmo, um entusiasmo específico, entusiasmo estático, ou uma intensidade emocional que vai agir em profundidade na vida social. É um tal entusiasmo que foi a origem das revoluções dos tempos passados, sendo bem-possível que também seja a origem da dolorosa gestação, que vivemos, da socialidade que está por vir (MAFFESOLI, 1995, p.141).

Deste modo, as imagens, assim, se fazem importantes instrumentos favorecedores do laço societal contemporâneo que comunica e permite, através do compartilhamento, um olhar voltado para o *outro* e uma inclinação à coletividade. Logo, é cada vez mais comum encontramos figuras cuja mensagem de cunho social seja voltada ao questionamento e que representam as mudanças julgadas necessárias na sociedade. No Facebook, por exemplo, existe um número muito grande de comunidades que abordam temas sociais e que usam a imagem como principal meio de comunicação com seus seguidores (figura 19). Acontece o mesmo no Tumblr (espécie de *blog* muito utilizado para postagens de imagens, vídeos e GIFs) e diversos perfis de caráter ativista publicam figuras que abordam temas questionadores (figura 20). Em ambas as redes a imagem funciona como ligação direta entre a página que publica e seus seguidores estabelecendo um esquema de comunicação que se torna bilateral no momento em que tais seguidores podem comentar, curtir e até mesmo compartilhar as imagens em questão. Este compartilhamento potencializa o alcance da figura e, assim, potencializa também a manifestação realizada a partir dela.



Figura 19: Imagem publicada pela página Não Mate no Facebook
Fonte: Comunidade Não Mate no Facebook



Figura 20: Imagem publicada pela página Feminista Indelicada no Tumblr
 Fonte: Perfil Feminista Indelicada no Tumblr

3.3 GIFs e ativismo

Embora manifestações sociais visuais, tais como as imagens compartilhadas em redes de relacionamento, sejam cada vez mais comuns na internet, percebe-se uma rara inserção do GIF como ferramenta de ativismo virtual. O GIF, assim como muitas imagens estáticas, é constantemente utilizado de forma a representar nossas identidades e desejos, estabelecendo laços sociais entre as pessoas conectadas e, assim, desempenhando um papel importante nos processos de identificação contemporâneos. Tal formato de imagem ainda é muito bem aceito nas redes, principalmente no Tumblr, o que o torna muito utilizado, facilitando uma possível disseminação por meio do compartilhamento, fato já observado com frequência.

Todavia, o GIF parece ainda não ser explorado por completo e, assim, a sua pouca utilização como ferramenta de ativismo pode estar refletida em duas questões. A

primeira se refere ao caráter frequentemente descontraído e engraçado apresentado pelos GIFs mais compartilhados atualmente na internet, o que pode não nos permitir enxergar como instrumento de mobilização. A segunda questão é a não reprodução dos GIFs em uma das redes com maior número de usuários, o Facebook; tal *site* não reproduz as imagens animadas automaticamente como acontece no Tumblr, diminuindo o seu potencial de compartilhamento no Facebook e criando dificuldades para que essas afetem um número maior de pessoas. Ainda assim, existem perfis da rede Tumblr que possuem páginas no Facebook com publicações que levam, através do *link* externo, à postagem original com a execução automática do GIF. O *site* Como Eu Me Sinto Quando é um bom exemplo de perfil do Tumblr que se insere no Facebook desta maneira e que consegue manter um bom alcance, gerando quantidade de compartilhamentos considerável.



Figura 21: Página de Facebook Como Eu Me Sinto Quando
Fonte: Print screen do perfil Como Eu Me Sinto Quando no Facebook

Apesar dessas limitações encontradas em relação à abordagem mais recorrente na internet e ao compartilhamento em redes sociais populares, o GIF ainda apresenta características que permitem com que ele seja usado como uma possível ferramenta de mobilização social, assim como as imagens estáticas cada vez em número maior em *sites* de relacionamento. Na contemporaneidade imagética que vivemos, o GIF desempenha um papel relevante em relação à educação estética cotidiana. Não trato aqui do conceito tradicional de estética, ligado ao belo, mas, sim, da estética enquanto processo de interação entre os sujeitos e das formas de sociabilidade ali existentes. A estética encontra uma relação entre o conhecer, o desejar e o sentir (KANT, 1790) e mostra que o conhecimento do mundo provém muito mais da experiência sensível estabelecida com as coisas do que com o pensamento racionalizado sobre elas. Assim, os sujeitos acabam por se tornar o que são a partir, principalmente, de uma educação que antes de tudo é estética; uma educação que faz com que as subjetividades e as relações sociais assumam papel essencial nos processos de conhecimento.

Há, pois, certamente uma estética do cotidiano, que é inaugurada com os objetos e que se conforta por sua valorização. Porém, no caso, é preciso entender estética no sentido (etimológico), que tantas vezes lembrei: aquilo que faz experimentar sentimentos, sensações e emoções com os outros. O *design*, a publicidade, as mídias, a música ininterrupta, e, bem-entendido, a moda, em suas diversas acepções, tudo isso mostra a junção do inanimado com o animado, tudo isso exprime a sinergia, cada vez maior, entre o objeto e a imagem (MAFFESOLI, 1995, p. 128).

O GIF enquanto elemento estético inserido em um contexto de conhecimento voltado às experiências sensíveis cotidianas, desempenha de forma muito clara tais ações – conhecer, desejar e sentir –, próprias da educação estética. A imagem animada permite conhecer no momento em que transmite uma mensagem que, além de comunicar, leva consigo um pouco de nós mesmos. Ao compartilhar um GIF, principalmente com possui um conteúdo social, permitimos que o *outro* tenha contato com tal conteúdo e conheça um pouco mais sobre o assunto abordado, e, ao mesmo tempo que também conheça um pouco mais de nós mesmos. Este processo de conhecimento que assume dois lados, o racional e o subjetivo, acentua a coletividade e o caráter societal quase natural nas redes sociais da internet. Esta característica societal acentuada pelas aprendizagens cotidianas e sensíveis, por sua vez, permite que as imagens nos representem enquanto sujeitos de múltiplas identidades e, ainda, nos dão a possibilidade de partilhar com o *outro* desejos e sentimentos. Desejar e sentir se tornam partes integrantes dos elementos visuais compartilhados e atores principais nas relações estabelecidas nas comunidades virtuais. Assim, a "figura permite fazer sentido,

e dar sentido, não enquanto finalidade distante ou alvo a ser atingido, mas enquanto o que eu comunico ou o que partilho com outros" (MAFFESOLI, 1995, p. 141).

Conhecer, desejar e sentir se fazem essenciais quando pensamos em ativismo virtual através da imagem animada. A prática de mobilizações sociais perpassa essas três ações de forma muito clara fazendo com que elas se tornem essenciais no processo de ação, desde a criação das peças de conteúdo social até a implementação e compartilhamento nas redes. A vontade de mudança tem seu início no desejo por lugares mais afetuosos e harmoniosos para se viver. Desta maneira, passamos a sonhar com novas realidades e as ambicionamos transformando-as de passivos frutos do nosso imaginário a objetivos bem definidos. O *desejar* dá o *start* da ação, ele nos apresenta claramente os propósitos da mobilização social. Ao mesmo tempo, toda a aspiração advinda do desejo vem acompanhada do *sentir*, do perceber através dos sentidos. É o mundo interferindo sobre nossos *eus* e criando, através dessa relação, um conjunto de percepções que se unem ao desejo em direção à movimentação. Movimentação social, ou mobilização, que, inserida em um contexto de crítica à determinados sistemas ou ideias instaurados, está sempre diretamente ligada ao *conhecer*. Para entrar em movimento, sair da condição passiva na qual constantemente nos encontramos, precisamos ter consciência sobre o que vivemos, necessitamos passar a saber mais sobre o mundo que nos cerca. Logo, conhecer permite que nos sintamos parte do mundo. Assim como o mundo, parte de nós. E é essa sensação de pertencimento própria do conhecimento sensível que nos conduz ao movimento.

Estar em movimento é deslocar-se através do espaço ou entre um ponto e outro. É, também, ação, variedade e animação. Estar socialmente em movimento é estar em constante deslocamento, seja ele físico ou intelectual, e estar ativo diante dos acontecimentos que eclodem ao longo de nossas vivências. A partir desse viés percebo como o GIF pode funcionar enquanto ferramenta de ativismo virtual. Através do movimento de mudança entre os *frames* da animação e de seu caráter ativo (representado tanto pela sua reprodução infinita quanto pelo seu potencial de compartilhamento), o GIF traduz a movimentação característica da pós-modernidade: nossas constantes alternâncias de identidade, as mudanças rápidas de tendências, as possibilidades de comunicação, as variedades de laços sociais, a animação do cotidiano vivido e as sensações experienciadas a partir da relação com os espaços atuais e virtuais.

É somente quando o movimento se torna automático que a essência artística da imagem se efetua: produzir um choque no pensamento, comunicar vibrações ao córtex, tocar diretamente o sistema nervoso e cerebral. Porque a própria imagem cinematográfica ‘faz’ o movimento, porque ela faz o que as outras artes se contentam em exigir (ou em dizer), ela recolhe o essencial das outras artes, herda o essencial, é como o manual de uso das outras imagens, converte em potência o que ainda só era possibilidade (DELEUZE, 2007, p. 189).

3.4 Idealização e Construção de GIFs ativistas

Pensando em todos os aspectos que indicam que o GIF pode se configurar como uma eficiente ferramenta de ativismo virtual e devido à não constatação desse formato de imagem abordando assuntos de cunho social, optou-se pela construção de GIFs ativistas. As imagens animadas tem seu processo de construção iniciado na escolha dos temas que serão abordados nos *frames*; passa pela seleção dos conteúdos, pela decisão da abordagem utilizada, do tempo em que cada imagem aparecerá e do ritmo empregado na animação. O processo é finalizado com a definição do design que será aplicado nas imagens, bem como da escolha do lugar onde os GIFs serão compartilhados e dos tipos de informações ancoradas enquanto *hiperlinks*.

3.4.1 Temas Escolhidos

Escolher é se deparar com opções e eleger as que mais nos representam. A ação de escolher passa por diversas avaliações cognitivas e sensíveis que nos ajudam a decidir por uma opção ou outra. Tais avaliações, que acontecem a partir dos conhecimentos e experiências que adquirimos e vivemos até o momento da escolha, são reflexo das nossas diversas identidades construídas, reconstruídas e reinventadas centenas de vezes durante a vida. Assim, nossas escolhas são a projeção de tudo que somos ou que um dia fomos, são nossa personificação perante o mundo. Ao mesmo tempo, enquanto sujeitos que constroem o conhecimento de forma coletiva, nossas escolhas acabam por retratar não apenas nossos *eus* mas, também, o *outro* que em nós se manifesta. É pensando nisso que percebemos o quanto as pequenas e banais decisões que tomamos no cotidiano dependem diretamente dos processos de identificação aprendidos individualmente e em comunidade.

Nas identificações adquiridas o outro entra na composição do si mesmo. (...) A identidade é feita dessas identificações com valores, normas, ideais, modelos, heróis, nos quais a pessoa, a comunidade se reconhecem. O reconhecer-se *no* contribui para o reconhecer-se *com* (RICOEUR, 1990, p. 147).

Desta maneira, os temas escolhidos para a construção dos GIFs ativistas estão diretamente ligados aos conhecimentos e as sensações experienciadas por mim até o momento. Os assuntos elegidos me representam enquanto sujeito e, simultaneamente, retratam os *outros* com os quais me identifico e que em mim estão incorporados. Com pensamento crítico desde cedo, alguns dos temas abordados me acompanham há alguns anos, outros foram apropriações mais recentes feitas a partir do aprofundamento das pesquisas e da convivência com pessoas que me fizeram ver o mundo de uma forma diferente.

Escolhi 1) o feminismo: o contato próximo com algumas pessoas da família e, posteriormente, com amigos e contatos de redes sociais, me fizeram perceber a importância da luta pelos direitos da mulher, diariamente oprimida e subjugada por uma sociedade ainda normativa, machista e sexista. Escolhi 2) a política: meus pais me ensinaram o quanto um pensamento politizado e voltado às causas sociais poderia me tornar uma pessoa mais crítica e, ao mesmo tempo, me fazer perceber o *outro* além de mim. Mais tarde, a convivência com pessoas que pensavam de maneira semelhante e o conhecimento adquirido através de estudos reforçou meu lado político com inclinação aos posicionamentos de esquerda. Escolhi 3) a orientação sexual e de gênero: ter conhecidos e amigos homossexuais e bissexuais desde a infância fez com que eu acompanhasse de perto os preconceitos e agressões por eles sofridos, passei a discordar do tratamento dado a essas pessoas, entendendo que elas têm os mesmos direitos que todas as outras. Recentemente, por meio de leituras e depoimentos em *blogs*, conheci um pouco mais sobre o universo transsexual e travesti e incorporei, também, essa causa. Escolhi 4) o veganismo: o conhecimento adquirido nos últimos anos me permitiu entender o direito dos animais de forma mais ampla e me mostrou o quanto a sociedade banaliza e tortura esses seres que são, essencialmente, iguais à nós, humanos. Finalmente, escolhi 5) a sustentabilidade e qualidade de vida: associados ao veganismo e em convivência com pessoas que me mostraram a importância desses temas, adquiri a compreensão de como uma vida mais saudável e com menos impacto ambiental pode fazer bem não só à natureza, mas também para as pessoas que estão a minha volta e, principalmente, ao meu próprio *eu* (mente e espírito).

Além de escolhas pessoais os temas que os GIFs apresentam – o feminismo, a política, a orientação sexual e de gênero, o veganismo e a sustentabilidade e qualidade de vida

– são discussões contemporâneas e que estão diariamente em pauta principalmente nas redes sociais: fatos que facilitam na melhor absorção do conteúdo das imagens e colaboram para que estas possam adquirir um maior potencial de compartilhamento.

3.4.2 Conteúdos Seleccionados

Se a escolha dos temas apresentados pelos GIFs se encontra na bipolaridade entre o *eu* e o *outro*, entre o individual e o coletivo, os conteúdos seleccionados para compor cada imagem animada também encontra sua sinergia em dois paralelos: a *subjetividade* e a *apropriação*.

Para Guattari, a “(...) subjetividade não é passível de totalização ou de centralização no indivíduo” (GUATTARI; ROLNIK, 2010, p. 31). Logo, ela não implica em um sentimento de posse, mas, assim como no processo de construção do conhecimento, em uma produção constante que ocorre a partir das situações experienciadas com o *outro*. Podemos perceber, novamente, que o campo social interfere diretamente no individual e que, assim, a “subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro do social” (GUATTARI; ROLNIK, 2010, p. 31). A subjetividade se apresenta nos GIFs aqui confeccionados através das informações anunciadas por meio de pequenos textos de apoio de minha autoria (figura 22). Tais textos são escritos a partir do conhecimento adquirido, da própria interpretação dos conteúdos com os que tive acesso e das sensações despertadas em mim a partir das problemáticas abordadas.



Figura 22: Frames de GIFs contendo textos de minha autoria
Fonte: Da autora

Concomitantemente à manifestação subjetiva podemos perceber nos GIFs ativistas a recorrente apropriação de imagens e vídeos. A apropriação das imagens utilizadas facilita o processo de criação dos GIFs diminuindo o tempo despendido nesse

procedimento e, ao mesmo tempo, permite criar um vínculo afetivo com as figuras. Os trechos de vídeos usados, além de, também, facilitarem na confecção dos GIFs, permitem, muitas vezes, criar uma relação de familiaridade através do reconhecimento do conteúdo que pode já ter sido anteriormente conhecido. É o caso do GIF (figura 23) que faz uso de um pedaço do vídeo *Potty-Mouthed Princesses Drop F-Bombs for Feminism* (2014), muito compartilhado nas redes sociais em um período de tempo. A apropriação de imagens e vídeos possibilita uma sucessão de ressignificações resultantes de fatores que vão desde a mudança de plataforma (site) e de formato de arquivo da imagem ou vídeo (jpg, avi, gif, ...), até a reinterpretação do conteúdo utilizado a partir das experiências pessoais e coletivas vividas por quem tem acesso ao GIF. É "a apropriação de imagens com sentido e identidade estabelecidos, conferindo-lhes um sentido e uma identidade novos" (DANTO, 2006, p. 18-19).



Figura 23: *Frame de GIF feminista que se apropria do vídeo *Potty-Mouthed Princesses Drop F-Bombs for Feminism**
Fonte: Da autora

3.4.3 Abordagem

Os GIFs ativistas têm seu impacto e eficácia de interpretação na forma com que o seu assunto é abordado ao longo dos *frames*. Essa abordagem pode ocorrer de diversas maneiras e depende do modo no qual se pretende que a leitura da imagem ocorra. Nos GIFs desenvolvidos para esta dissertação foram utilizadas, na maioria das vezes, dois tipos de abordagem: de *questionamento* e de *negação*. Ambas estabelecem uma importante relação entre educação e ativismo. É possível notar o *questionamento* em alguns textos no qual utilizo perguntas com o intuito de pôr em dúvida os saberes edificadas e instaurados através da construção intelectual e das experiências vivenciadas por cada um (figura 24). A dúvida se configura como uma incerteza sobre as realidades conhecidas e, assim, se mostra como uma maneira de promover um "choque no pensamento". A filosofia constantemente faz uso do questionamento com objetivo de despertar no sujeito a curiosidade sobre si mesmo e sobre o mundo e, logo, buscar entender as realidades nas quais está inserido. O questionar funciona como um arrombamento mental que nos obriga a pensar.

O que é primeiro no pensamento é o arrombamento, a violência, é o inimigo, e nada supõe a filosofia; tudo parte de uma misosofia. Não contemos com o pensamento para fundar a necessidade relativa do que ele pensa; contemos, ao contrário, com a contingência de um encontro com aquilo que força a pensar, a fim de elevar e instalar a necessidade absoluta de um ato de pensar, de uma paixão de pensar. (DELEUZE, 1988, p. 230)

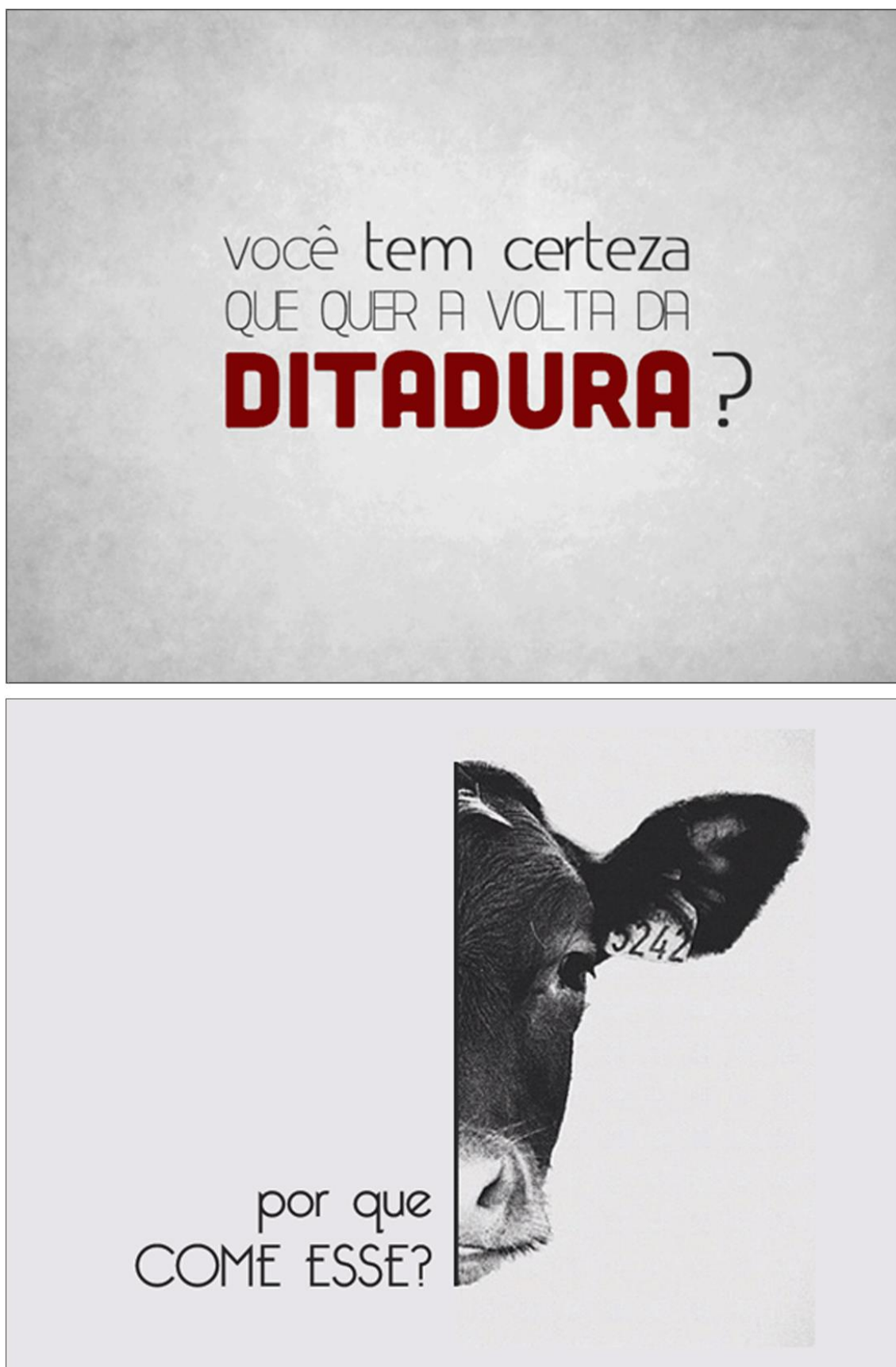


Figura 24: *Frames* de GIFs contendo textos com abordagem questionadora
Fonte: Da autora

A *negação* também foi utilizada na confecção dos GIFs. É possível notá-la em frases que negam, de maneira crítica, realidades vividas atualmente. Segundo Sartre a negação é a recusa da existência (1943). No caso de sua utilização nas imagens animadas aqui criadas ela não funciona como uma recusa, mas, sim, como um basta, como uma manifestação de repúdio a determinados acontecimentos e práticas (figura 25). Os GIFs ainda apresentam, em sua maioria, um caráter informacional devido à utilização de dados e referências que informam, mesmo que de forma sucinta, o assunto que está sendo tratado. Esse caráter informacional tem relação direta com o tempo de duração dos *frames* da animação visto que a leitura dos textos depende do tempo em que cada imagem permanece visível.



Figura 25: *Frame* de GIF contendo textos de negação de minha autoria
Fonte: Da autora

3.4.4 Tempo de Duração dos *Frames*

No ciberespaço as noções de espaço e tempo se modificam. Os lugares se organizam sem uma localização definida e são possíveis de serem acessados sem se sair de casa;

além disso, muitos desses lugares estabelecidos através das redes sociais, diferentemente dos espaços físicos atuais, apresentam *hiperlinks* que ligam um lugar a outro de forma muito rápida. Dessa maneira, o ciberespaço encurta o tempo, tornando os limites cada vez menores e aderindo um ritmo acelerado ao ambiente virtual. É nesse contexto que o GIF se encontra, inserido em uma realidade na qual a experiência com os elementos visuais é constante e frenética. Passamos de uma imagem à outra quase sem nem perceber. Assim como no GIF, alternamos entre um *frame* e outro em um período muito curto de tempo.

O GIF possui um tempo de reprodução total normalmente curto, possuindo, na soma de todos os *frames*, alguns segundos de duração. Esse total de segundos é dividido entre as imagens que compõem o GIF; assim, cada uma dessas imagens permanece de maneira fixa por um tempo determinado que raramente ultrapassa três segundos. A determinação da permanência de cada *frame* é feita antes ou durante a construção da imagem animada e depende do tempo em que cada um desses *frames* precisa para ser interpretado ou lido (no caso de textos). Nos GIFs produzidos os *frames* apresentam desde imagens que necessitam de milésimos de segundo para serem absorvidas, passando por imagens que precisam de permanência com média de um segundo, até textos que exigem pausa de até quatro segundos para permitir a leitura de toda a sentença (figura 26). No caso dos GIFs nos quais me reaproprio de trechos de vídeos, o tempo de duração de cada *frame* geralmente é bem pequeno (em média alguns milésimos de segundo), o que mantém a continuidade da animação mais próxima do vídeo original (figura 27).



Figura 26: Tempo de duração de *frames* de GIF de minha autoria
Fonte: Da autora

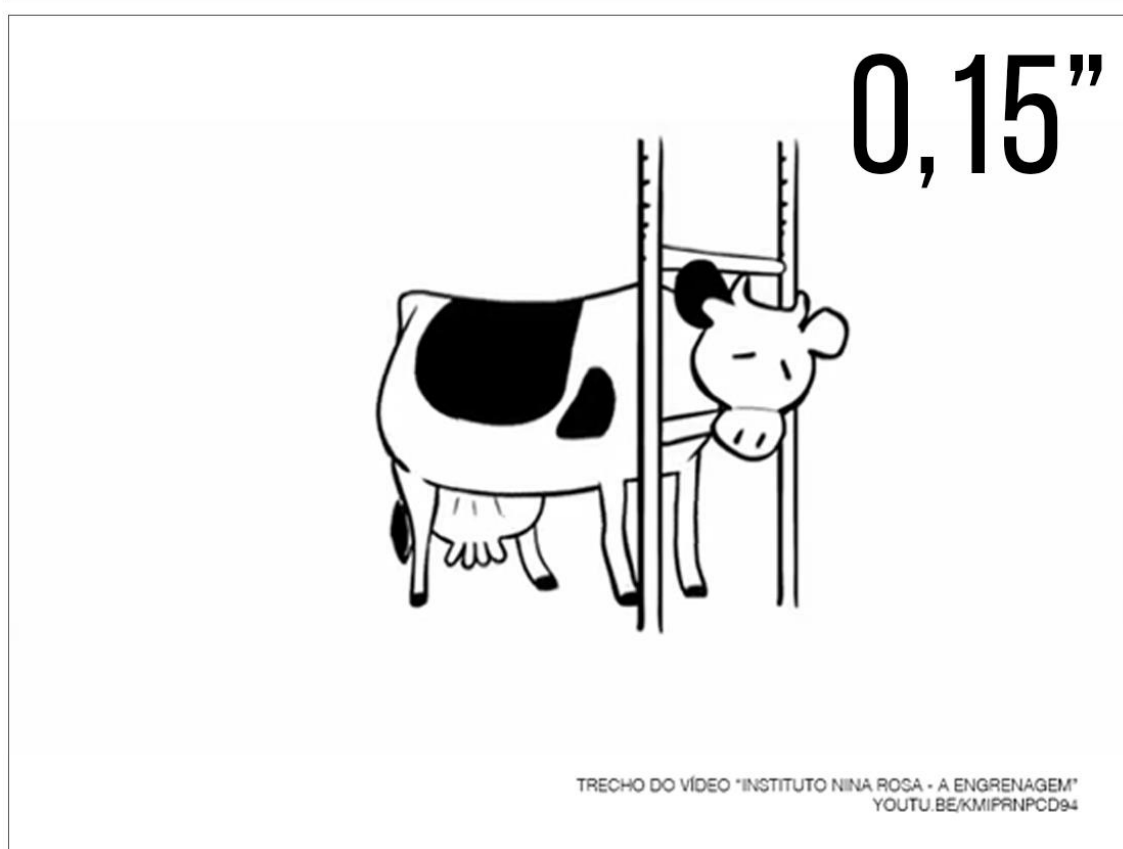
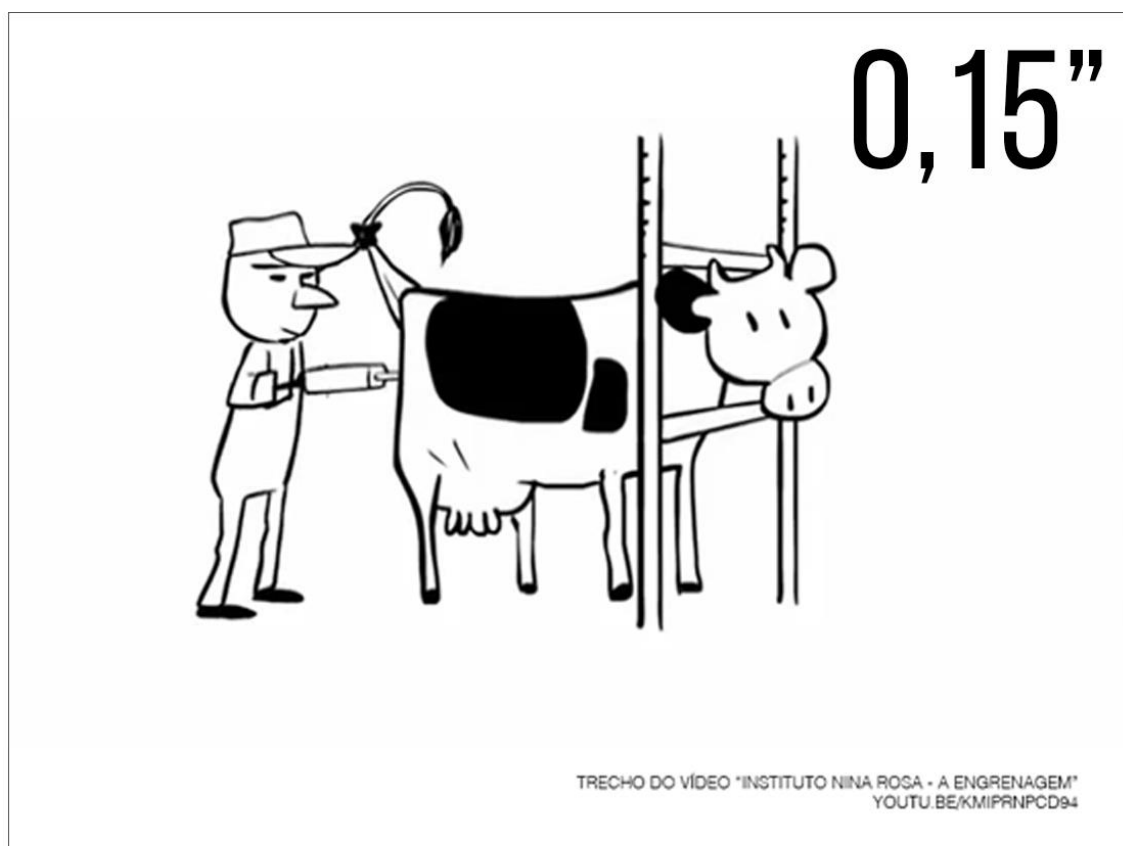


Figura 27: Tempo de duração dos *frames* do GIF que se apropria de trecho de vídeo
Fonte: Da autora

3.4.5 Ritmo (GIF contínuo ou não-contínuo)

O ritmo dita a harmonia que compõe a imagem em movimento. Na sucessão de tempos fortes e fracos, de *frames* de duração curta e longa e de imagens e textos, todos intercalados em intervalos regulares, o ritmo conduz ao compasso poético e à cadência racional que coexistem na animação ativista que se estrutura em *frames*.

O homem para compreender o movimento o organizou. O organizou de duas maneiras: uma abstrata consciente a que a gente dá o nome de tempo (minutos, horas, dias, semanas, etc.) e outra expressiva subconsciente que tem o nome de ritmo. O tempo é a organização abstrata do movimento. O ritmo é a organização expressiva do movimento (ANDRADE, 1983, p.78).

No GIF, o ritmo é determinado através do tipo de continuidade entre uma reprodução e outra. A imagem animada tem seus *frames* infinitamente repetidos e a consonância, ou não, entre o primeiro e último *frames* interferem diretamente na interpretação da animação. Os GIFs produzidos nesta pesquisa mantêm seu grau de familiaridade através de uma assinatura que aparece nos últimos *frames* de todos eles; essa assinatura final faz com que a última imagem do GIF tenha um elemento que a primeira não possui. Ou seja, a última e a primeira imagem (que sucede a última devido à reprodução infinita) não estabelecem uma relação de continuidade entre si; acontece um ruído na animação e, assim, é possível perceber nitidamente onde esta começa e onde termina (figura 28). Logo, por apresentarem uma assinatura como elemento conclusivo, os GIFs ativistas de minha autoria são não-contínuos em sua totalidade.



Figura 28: Primeiro e último *frame* de um GIF não-contínuo de minha autoria
Fonte: Da autora

3.4.6 Direção de Arte dos GIFs

Pelo fato do design ser minha área de formação acadêmica, seria pertinente que os GIFs produzidos para a presente investigação revelassem uma preocupação visual voltada à direção de arte. Dessa maneira, atentei para que apresentassem cores, tipografias, imagens e composições harmônicas que não só evidenciassem esta preocupação estética com a forma como, também, representassem os significados dos assuntos abordados em cada pequeno detalhe das imagens animadas.

Como conceito específico, o processo de design do layout é algo um pouco mais amplo do que o simples arranjo de elementos na página. Um design só pode ter resultado satisfatório se constituir a síntese de todos os dados úteis, traduzidos em palavras e imagens e projetados de forma dinâmica. (...) as palavras e as imagens podem ser organizadas de modo a ser obtido um layout de real valor (...). O equilíbrio é o elemento-chave do sucesso de um design (HURLBURT, 2002, p. 8).

As cores escolhidas para os GIFs variam, sobretudo, entre tons de cinza, vermelho, rosa e azul. A utilização de tais cores tem o intuito de manter a identidade entre as imagens utilizadas e os trechos de vídeos, e, ainda, o objetivo de estabelecer uma relação com os assuntos que permeiam os temas escolhidos. O vermelho e o azul são usados juntos, por exemplo, em um GIF que trata de igualdade sexual no qual parte-se da ideia de que todas as formas de afeto e de amor são válidas; neste caso a cor vermelha representa o amor e a cor azul o afeto (figura 29). O vermelho ainda é utilizado em outros GIFs com a finalidade de impactar e chamar atenção para o que está sendo comunicado através de texto e imagem. A cor rosa, por sua vez, é usada em dois casos: no primeiro, foi escolhida por fazer alusão às cores do trecho do vídeo apropriado para a produção da imagem animada; no segundo, é empregada para representar amor e paixão (figura 30). Por fim, os tons de cinza aparecem frequentemente por serem neutros e proporcionarem uma boa legibilidade, requisito primordial quando se trata de GIFs que tem *frames* reproduzidos em um tempo determinado.

onde existe
AFETO ...

NÃO HÁ
NADA de
ANORMAL

Figura 29: Cor vermelha e azul aplicadas em *frames* de um GIF de minha autoria
Fonte: Da autora



Figura 30: Utilização da cor rosa em um GIF de minha autoria
Fonte: Da autora

A escolha das tipografias também é parte importante da produção. Tipografia é “um conjunto de signos de função notacional, cujo significante não é a palavra (semema, morfema ou fonema), mas o desenho das letras do alfabeto” (GRUSZYNSKI, 2008, p.31). Tais signos ajudam a reforçar a mensagem que está sendo comunicada e permitem criar uma relação com as figuras utilizadas. Nos GIFs produzidos, a opção por tipografias sem serifa (figura 31) que, por não possuírem traços e prolongamentos das hastes das letras, facilitam a legibilidade do texto, possibilitando que a informação seja transmitida de forma mais clara e pertinente. O uso de textos curtos também colabora nesse quesito e permite uma leitura mais rápida, fator bem vindo em conteúdos compartilhados na internet.



Figura 31: Utilização de tipografias sem serifa em GIFs de minha autoria
Fonte: Da autora

Em termos de direção de arte, e considerando que diversas peças compõem esse trabalho, é necessário do desenvolvimento de uma marca para o projeto. O nome, Afeto em Movimento, remete diretamente aos assuntos discutidos durante o andamento teórico dessa dissertação e exibe duas palavras essenciais para estabelecer o laço entre a educação estética cotidiana, o ativismo e o GIF. O desenho da marca consiste em duas letras, *A* e *M*, construídas a partir de círculos que remetem à ideia de movimento circular e continuidade própria dos GIFs, do ativismo e da vida corrente. *A* e *M* se sobrepõem assim como os *frames* das imagens animadas (figura 32). A marca não possui cores definidas, suas cores são aplicadas conforme as cores exploradas em cada GIF. Além da marca é criada uma assinatura visual que, também construída a partir de círculos, apresenta elementos como as setas que aludem ao movimento contínuo dos GIFs e como o coração que remete ao afeto (figura 33). Ambos os elementos, marca e assinatura, são usados nos *frames* finais de todos os GIFs produzidos, criando unidade entre eles e uma identificação com a pesquisa.



Figura 32: Construção da marca Afeto em movimento
Fonte: Da autora

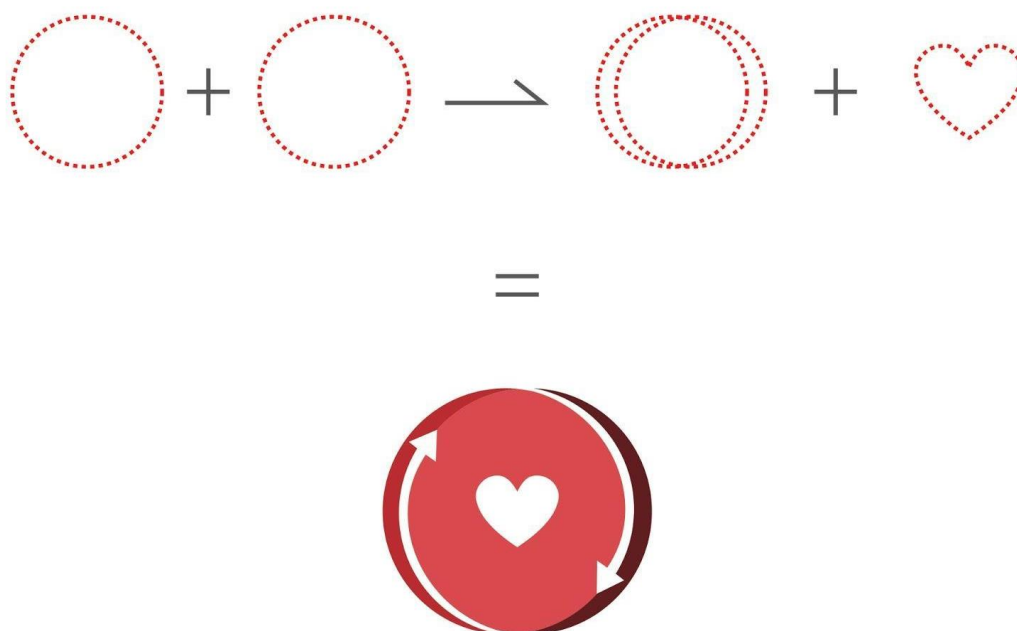


Figura 33: Construção da assinatura visual
Fonte: Da autora

3.4.7 Plataformas de Compartilhamento

Os GIFs completam sua significação quando compartilhados em rede. Sem estarem inseridos em um contexto coletivo virtual, as imagens animadas não podem ser assimiladas enquanto objetos que propiciam os laços sociais afetivos. É necessário que elas estejam colocadas na rede, em ambientes que favoreçam as relações e as trocas coletivas, gerando uma consonância entre o cotidiano vivido, a educação estética e o conhecimento construído de forma comunitária.

A Internet é o coração de um novo paradigma sociotécnico, que constitui na realidade a base material de nossas vidas e de nossas formas de relação, de trabalho e de comunicação. O que a Internet faz é processar a virtualidade e transformá-la em nossa realidade, constituindo a sociedade em rede, que é a sociedade em que vivemos. (CASTELLS, 2004, p. 287).

Por estarem em contato direto com os sujeitos sociais e funcionarem como ferramentas de impacto é imprescindível que os GIFs ativistas façam parte de redes sociais populares que possuam um grande número de usuários e que favoreçam o compartilhamento dos conteúdos. Assim, são mantidos hospedados na plataforma

Tumblr os GIFs ativistas resultantes dessa pesquisa e os que serão construídos *posteriori* à defesa da dissertação visto que pretende-se que esse seja um projeto de vida e não apenas um trabalho acadêmico. O Tumblr é a rede social escolhida por permitir que tais GIFs sejam reproduzidos automaticamente, sem que seja necessária alguma ação (figura 34). Isso permite que os usuários da rede tenham acesso ao conteúdo explorado de forma mais rápida. Além disso, o Tumblr tem sido constantemente usado como ferramenta de protesto e de compartilhamento de conteúdos críticos em relação a problemas sociais; já são inúmeras as páginas (mesmo que, por vezes, efêmeras e com um tempo de vida muito curto) que se inserem nesse contexto (figura 35).

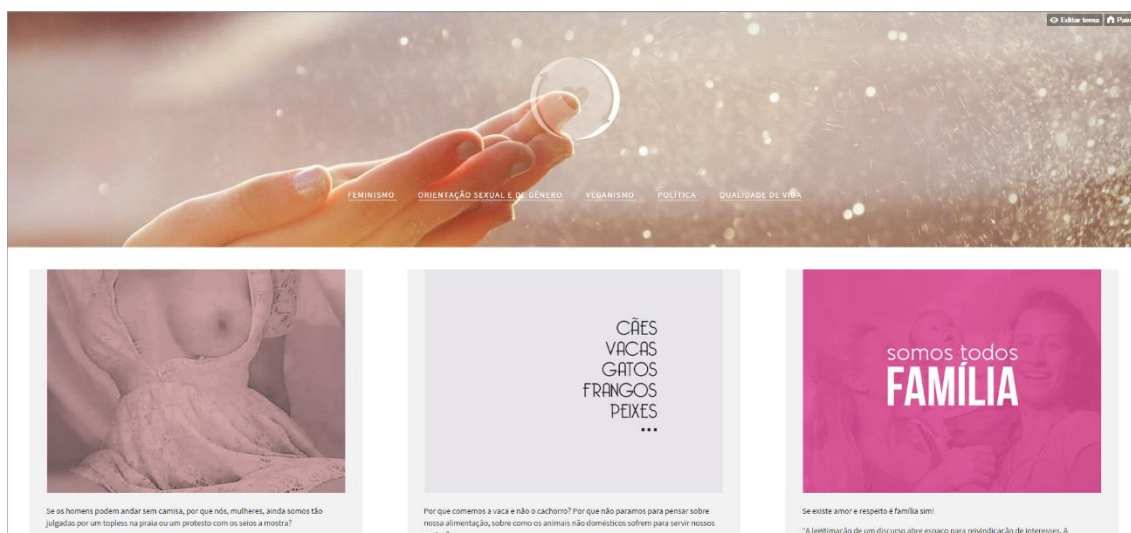


Figura 34: Página criada no Tumblr para o projeto Afeto em Movimento
Fonte: Da autora



Figura 35: Exemplo de página do Tumblr que apresenta conteúdo de cunho social
Fonte: Da autora

Apesar do Tumblr ser uma rede com milhões de usuários, é necessário que o projeto esteja também inserido no Facebook, atualmente o *site* de relacionamento com o maior número de usuários espalhados pelo mundo. Como o Facebook não reproduz os GIFs de forma automática, uma página diretamente relacionada com o perfil do projeto no Tumblr é desenvolvida. Deste modo, as imagens animadas serem compartilhadas no Tumblr, são postamos no Facebook os *links* que correspondem à URL (endereço do *site*) referente à cada imagem (figura 36).

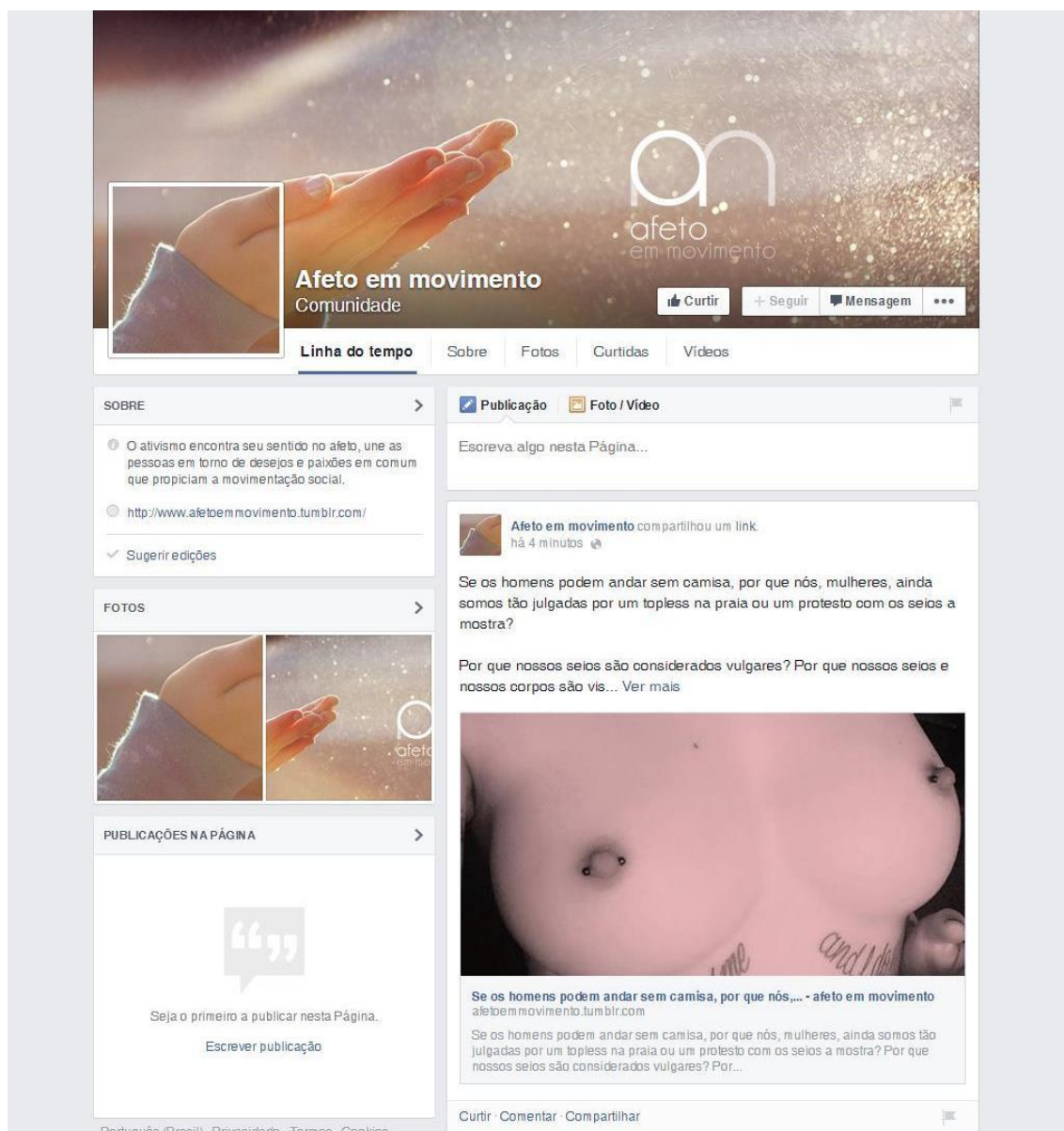


Figura 36: Página do projeto Afeto em Movimento no Facebook
Fonte: Da autora

Como não interessava para este movimento da pesquisa, páginas criadas não foram divulgadas para que atingissem maior número de pessoas. Essa divulgação deve ser

feita na futura, já que pretende-se que o projeto Afeto em Movimento seja parte do cotidiano que segue para além da dissertação de mestrado.

3.4.8 Hiperlinks e Textos de Apoio

Os GIFs projetados, em sua maioria, apresentam textos curtos que apenas sugerem o que se quer comunicar e, por esta razão, não abordam os assuntos discutidos com riqueza de detalhes merecida. No momento da postagem, tanto no Tumblr quanto no Facebook, são necessários textos de apoio que expliquem de forma mais demorada e didática o assunto em pauta. A utilização destes textos potencializa a compreensão dos temas e cria um laço primordial com as pequenas sentenças presentes nos *frames* dos GIFs. Ainda como elemento de apoio, em alguns casos, usam-se *links* externos para publicações em *blogs*, matérias, gráficos explicativos, etc, que apresentam informações mais minuciosas e completas sobre a temática em debate. Ainda faço uso de *hashtags* (sinal "#") como forma de indicar o que a imagem animada se refere e criar uma espécie de *hiperlink* que remete às postagens sobre determinado assunto que se utilizam da mesma *hashtag*. "A hashtag, seguida de uma ou mais palavras, assim, provê o contexto da mensagem, informando à rede social sobre o que se trata" (RECUERO, 2012, p. 8). Através desse recurso que indica o contexto da imagem é possível acompanhar a mobilização do tema em questão e o impacto que a discussão gera na conversação em rede.

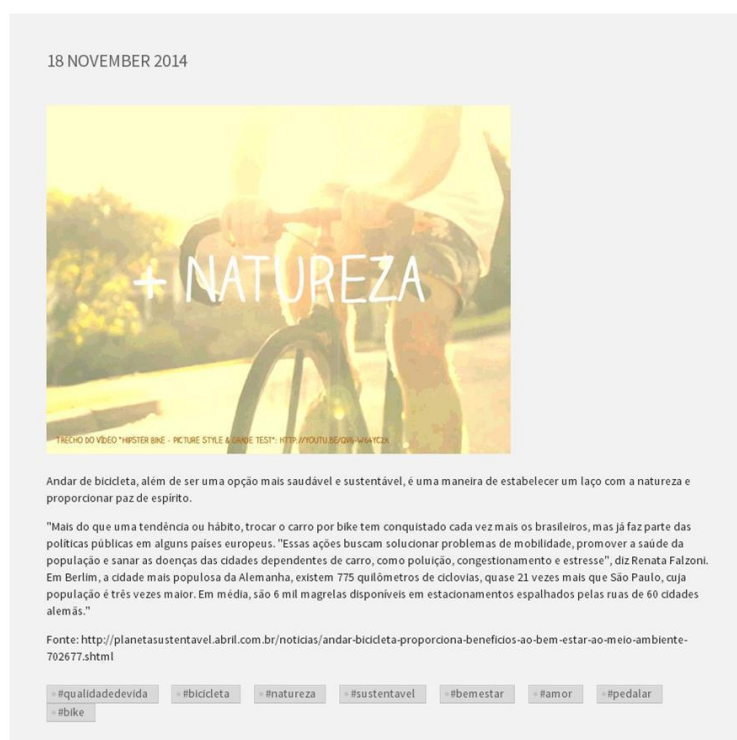


Figura 37: Postagens no Tumblr e no Facebook com textos e *hiperlinks* explicativos
 Fonte: Da autora

Viver a contemporaneidade é estarmos envolvidos por um sentimento comunitário que pertence à quase todas as instâncias do cotidiano. Estamos constantemente em relação, seja experienciando espaços físicos ou nos comunicando através de plataformas virtuais. E todas essas e outras formas de sociabilidade interferem diretamente em nossas vivências. Para além disso, a sociabilidade nos define enquanto sujeitos e nos coloca no mundo de maneira a valorizar os acontecimentos mais banais e os compreender como parte importante na construção de nossas identidades. É nesse contexto que o ativismo se faz essencial. A mobilização social estabelece uma relação importante com o cotidiano e se insere nas comunidades como forma de tornar a convivência entre os seres sociais mais harmônica. O ativismo pretende transformar os mundos dos quais fazemos parte em lugares mais justos e afetuosos e esse processo

gira em torno do amor e do reconhecimento do outro como legítimo *outro*. Afinal, sem o *outro* não existe o *eu*. Sem o *outro* não existe experiência. Sem o *outro* a contemporaneidade não faz sentido. A época que vivemos tem evidenciado esse fator coletivo da construção do próprio *eu* a partir do *outro* e é provavelmente por isso que o ativismo tem, cada vez mais, se inserido no cotidiano. É possível constatar isso claramente nos ambientes virtuais nos quais eclodem as manifestações sociais de todas as ordens. São as novas tecnologias unidas ao sensível e ao sentimento comunitário arcaico que ainda nos identificam como seres sociais.

O que nos interessa é a vida, com suas múltiplas sensibilidades e formas de expressão. A cotidiana, com todo o saber nela encerrado e que a movimenta por entre as belezas e percalços do dia. A sensibilidade que funda nossa vida consiste num complexo tecido de percepções e jamais deve ser desprezada em nome de um suposto conhecimento “verdadeiro”. (DUARTE JR., 2001, p. 22).

A internet potencializa muitas formas de expressão e, conseqüentemente, potencializa diversas relações sociais nascidas de nossas experiências sensíveis. Assim, o ativismo virtual nos possibilita uma aproximação afetiva com o *outro* e, ainda, permite uma democratização através da rede. É inserido nesse cenário atual que os GIFs ativistas acabam por estabelecer um importante vínculo com a educação estética cotidiana, com os processos de identificação e, ao fim e ao cabo, com a mobilização social que cada dia está mais integrada às novas tendências de comunicação e novas possibilidades de relacionamento. Os GIFs ativistas aqui projetados se inserem nos ambientes virtuais possibilitando a criação de laços que, além de sociais, são sensíveis. Para tanto, as imagens animadas seguem uma logística de produção que se organiza a partir de alguns passos que vão desde a escolha dos temas, das características técnicas e do ritmo da animação, até direção de arte das imagens animadas. Passos importantes para que esses elementos visuais tenham a cara das sociedades contemporâneas e possam se configurar como verdadeiras ferramentas de mobilização.

CONCLUSÃO

A sociedade contemporânea se configura de maneira ímpar, unindo aspectos de tempos passados com características inéditas. Essa miscelânea, que nos mantém por vezes ainda muito próximos da modernidade, também nos permite perceber o quão distantes dela estamos. O tempo em que vivemos perpassa paradoxos e dicotomias tão tenuemente próximos que necessitamos refletir muito mais ainda sobre tais aspectos para tentar compreender as complexidades de uma época plena de peculiaridades. Desta forma, a contemporaneidade se constrói, intrinsecamente, com características tão inéditas quanto arcaicas. Que não raro se contradizem.

Ao mesmo tempo, o banal também acaba por nos aproximar ainda mais do individualismo decorrente do distanciamento físico virtual e da frequente despreocupação com o *outro*. Embora nossa época, como aprendemos com Maffesoli, retome características arcaicas tais como o ideal comunitário – e que isso tenda a aproximação do *outro* – ainda é muito constante a falta de reconhecimento e inclusão desse *outro*. Tal processo gera um afastamento afetivo que prejudica nossa percepção sobre as experiências sociais e cotidianas. Todavia, não cabe afirmar que a individualidade é sempre negativa. Pelo contrário, os processos de conhecimento de nós mesmos e do entendimento do nosso estar no mundo, ou seja, da construção de nossas subjetividades, dependem diretamente das trocas afetivas, das experiências sociais e, na, prática, do que aprendemos com o *outro*. Assim, a concepção dos conhecimentos, tanto individuais quanto coletivos, é sempre o resultado da união entre o *eu* e o *outro* constantemente percebida através das redes sociais que tendem à potencialização das relações.

Com suas novas maneiras de ver e vivenciar o mundo a internet apresenta-nos diversas possibilidades de relacionamento colaborando para que estejamos cada vez mais conectados tanto do ponto de vista técnico, quanto do afetivo. Estando mais próximos do *outro*, de seu cotidiano e suas paixões, podemos ter as trocas sociais multiplicadas. Tais trocas colaboram na elaboração de nosso entendimento de mundo e, principalmente, na construção de nossas diversas singularidades, processo essencial na inserção em uma sociedade virtualizada e eclética. Conquanto, a aproximação nem sempre acontece, e muitas vezes a falta de contato físico acaba por fragilizar os laços sociais. Isso acontece, também, por resistirmos ao fato de a internet funcionar como ambiente de aprendizagem bem como por ainda não considerarmos o banal e cotidiano, pelo viés da estética, enquanto efetivos educadores. Desta maneira, muitas vezes não permitimos nos enxergar no *outro* e passamos a ignorar quaisquer ações que sejam beneficiadoras deste mesmo.

Isso se reflete em uma maior passividade e, conseqüentemente, em um menor comprometimento com a sociedade. Estar aberto a uma agenda política e social é, antes de tudo, estar aberto a relacionamentos plenos com o *outro*, no qual ambas as partes trabalham juntas na busca de lugares e situações melhores de se viver. O comprometimento social, então, está diretamente ligado ao ativismo, ou seja, ao desejo de estabelecer um laço com o *outro* e fazer com que algo frutifique desta relação. Assim, o ativismo pressupõe um agir coletivamente em consonância com o *outro* numa relação de amor e respeito e acaba, igualmente, e através deste afeto, por funcionar como manifestação que contesta sistemas e ideologias já instaurados. Com a internet essas manifestações sociais têm se tornado mais frequentes e têm, da mesma maneira, alcançado e conquistado um número maior de pessoas. São as redes sociais potencializando as maneiras de se relacionar com as pessoas e com a sociedade em sua totalidade. Nesse contexto encontramos diversas formas de fazer ativismo: textos em *blogs*, petições *online*, vídeos e imagens com conteúdos sociais, etc. Através da internet esses modelos estéticos se propagam de forma exponencial e se mostram tão importantes quanto às manifestações de rua, por serem, justamente, elementos com os quais nos identificamos e que são constantemente visualizados em nosso cotidiano.

O GIF animado é um desses elementos estéticos contemporâneos que aparece inserido no cotidiano de maneira a expressar nossas identidades e enfatizar uma nova forma de se relacionar com os objetos virtuais; agora animada e mais próxima de como efetivamente vivemos: em movimento. Apesar de representar a coletividade e o afeto compartilhados em rede, o GIF, diferentemente das imagens virtuais, ainda não é utilizado como ferramenta de ativismo. Talvez o reconhecimento da imagem animada como possível instrumento de mobilização social não aconteça pela razão de que tal formato de imagem não ter total compatibilidade, por exemplo, com o Facebook, maior rede social da atualidade e com o maior número de usuários. Além disso, o tom descontraído frequentemente apresentado por estas imagens podem distanciá-las das concepções mais conservadoras de comprometimento social. Todavia, o GIF pode funcionar, sim, como instrumento de ativismo, principalmente quando inserido em redes como o Tumblr nas quais é perfeitamente executado.

No *primeiro capítulo*, compreendemos que viver a pós-modernidade é tão difícil quanto aceitar as contradições de uma época coletiva e, ao mesmo tempo, individualista; que, ainda assim, o viver pós-moderno se mostra cheio de possibilidades de relacionamentos e ações, e de múltiplas maneiras de construir nossos conhecimentos. Como estudamos no *segundo capítulo* esses conhecimentos são também apreendidos esteticamente o que ajuda a tornar os GIFs importantes elementos cotidianos contemporâneos pois, ao

estabelecer uma relação entre o caos e a comunicação, ajudam a construir a ideia de movimento no ambiente virtual, o que o viabiliza como instrumento que favorece a movimentação social. A internet potencializa muitas relações sociais nascidas de nossas experiências sensíveis e, conseqüentemente, potencializa as formas de mobilização que nos possibilitam uma aproximação afetiva com o *outro*. É nesse contexto que GIFs ativistas, como os projetados e desenvolvidos para esta dissertação e apresentados no *terceiro capítulo*, colocam o *afeto em movimento* e colaboram na criação de laços que, além de sociais, são sensíveis.

Através de seus *loopings* infinitos o GIF representa a agitação da vida contemporânea e contribui para a potencialização das relações permeadas pela internet bem como apresenta os assuntos atuais, ao ser *compartilhado* com a efetiva premissa de *partilha* com o *outro* (partilha do cotidiano, das identidades, dos anseios e dos afetos de uma sociedade conectada em rede, cujo aprendizado também apóia-se pelo banal, pela coletividade e pelo reconhecimento do *outro*). Essa miscelânea de afeto e educação estética, constantemente observada nas redes sociais bem como nos GIFs animados, contribui com a formação de seres mais preocupados com as pessoas a sua volta e mais dedicados aos papéis desempenhados em sociedade. E cria, ainda, uma nova percepção de educação, construída pelo contato com o mundo e pelo relacionamento entre as pessoas, ambos experienciados através do sensível. Desta maneira, o GIF, por ser essencialmente coletivo e por impulsionar gostos, desejos e ideais da sociedade contemporânea, torna-se possível instrumento de educação, de aproximação afetiva, de preocupação com o *outro* e, assim sendo, de ativismo.

Tão sensíveis conclusões só despertam, mais e mais, a vontade de continuar pesquisando novas maneiras de fazer ativismo através do virtual. A partir dessas descobertas também surgem novas questões: *como fazer ativismo na academia e como abordar em sala de aula uma mobilização social e virtual que perpassa os conceitos de afeto e de reconhecimento do outro?*

O GIF é apenas um dos elementos que podem ser usados como ferramentas de mobilização social e a tendência (com base no fato de que cada vez mais pessoas assumem uma postura engajada nas redes sociais) é que outros elementos passem a se fazer importantes no nicho do ativismo virtual que a cada dia cresce. Buscar e descobrir tais elementos não me parece suficiente e o desejo de entender como a educação estética se manifesta no cotidiano tampouco sana a minha vontade de pesquisar. Para mim, da pesquisa “GIFs: Educação estética, afeto e ativismo através da imagem animada”, resta toda a satisfação de compreender o GIF – um dos meus

elementos visuais favoritos – como possível ferramenta de ativismo; resta, sobretudo, a compreensão do ativismo enquanto ato de amor. Reaprendo a me manifestar, reinvento meu *eu* ativista e reencontro meu sonho de fazer ativismo através da educação em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fabio. **Timeline: Conceito e Definição**. Internet Innovation. 2013. Disponível em: <<http://www.internetinnovation.com.br/blog/timeline-conceito-e-definicao/>>. Acessado em: 10 out. 2013.

ANDRADE, Mário de. **Introdução à estética musical**. São Paulo: Pensamento, 1983.

ANTOUN, Henrique. **Jornalismo e ativismo na hipermídia: em que se pode reconhecer a nova mídia**. Revista FAMECOS. Porto Alegre, n. 16, dez., 2001.

AVAAZ. Disponível em <<http://www.avaaz.org/po/>> Acessado em: out., dez. de 2014; jan., fev. de 2015.

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BARTHES, Roland. **A retórica da imagem**. In: **O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BAUMAN, Zigmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BASSALO, José Maria. **Uma Breve História da Cinematografia**. Disponível em: <<http://www.seara.ufc.br/folclore/folclore278.htm>>. Acessado em: 25 set. 2013.

BIÃO, Armindo. **Etnocenologia e a cena baiana: textos reunidos**. Prefácio: Michel Maffesoli. Salvador: P&A Gráfica e Editora, 2009.

BOX 1824. **Youth mode: um estudo sobre liberdade**. Medium. 2013. Disponível em: <<https://medium.com/p/d0466e1be491>> Acessado em: 15 out. 2013.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia Internet: reflexões sobre Internet, negócios e sociedade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

CHANGE. Disponível em <<https://www.change.org/>> Acessado em: out., dez. de 2014; jan., fev. de 2015.

COHEN, J. ANDREW A. **Civil Society and Political Theory (Studies in Contemporary German Social Thought)**. Boston: MIT Pressão, 1994.

DANTO, Arthur. **Após o fim da arte: a arte contemporânea e os limites da história**. São Paulo: Odysseus Editora/Edusp, 2006.

DELLA PORTA, Donatella. DIANI, Mario. **Social Movements: an introduction**. Oxford: Blackwell, 2006.

DELEUZE, Gilles. **Cinema 1: Imagem-Movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

DELEUZE, Gilles. **Cinema II: A Imagem-tempo**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

DELEUZE, Gilles. **Cours Vincennes: Intégralité du cours**, 1978. Disponível em: <http://www.webdeleuze.com/php/texte.php?cle=194&groupe=Spinoza&langue=5>.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 4. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Ed.34, 1997.

DELEUZE, Gilles. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Entrevista com G.Deleuze. Edição: Brasil, Ministério da Educação, TV Escola, 2001. Paris: Éditions Montparnasse, 1997, VHS, 459min.

DIXON, Nancy M. **Common Knowledge: How Companies Thrive by Sharing what They Know**. Boston: Harvard Business School Press, 2000.

DOMINGUES, Diana. **Arte e vida no século XXI: Tecnologia, ciência e criatividade**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

DUARTE JR., João Francisco. **O Sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Campinas, 2000. Tese.

EARLY VISUAL MEDIA. **The choreutoscope: animated projection before the invention of cinema**. Disponível em: < <http://users.telenet.be/thomasweynants/opticaltoys-choreuto.html>>. Acessado em: 20 out. 2013.

FACEBOOK. Disponível em <<https://www.facebook.com/>> Acessado em: jun., jul., ago., set., out., dez. de 2014; jan., fev. de 2015.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método: esboço de uma teoria anárquica do conhecimento**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Intercultura e Educação**. Revista Brasileira de Educação. Santa Catarina, n. 23, maio/jun./jul./ago., 2003.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FORD, Tamara Villarreal; GIL, Genève. **A Internet Radical**. In: DOWNING, J. *Mídia Radical*. São Paulo: SENAC, 2002, p. 269-307.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 27a Ed., São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GUATTARI, Félix., ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Editora Vozes: Petrópolis, 2010.

GIFHY. Disponível em: < <http://giphy.com/>> Acessado em: set., out. e nov. 2013.

GRUSZYNSKI, Ana Cláudia. **Design gráfico: do invisível ao ilegível**. São Paulo: Rosari, 2008.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes. **Linguagem, cultura e alteridade: imagens do outro**. Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas), 107 (jul.), 41-77, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultura na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HEIDEGGER, Martin. **A questão da técnica**. Cadernos de Tradução. São Paulo: USP, 1997.

HURLBURT, Allen. **Layout: o design da página impressa**. São Paulo: Nobel, 2002.

ISSE, R. **Educação estética: uma ponte entre Schiller e Habermas**. Porto Alegre: UFRGS, 2007. Dissertação de Mestrado.

JIMENEZ, M. **O que é estética?** Porto Alegre: Editora Unisinos, 2000.

LEMONS, André. **Cibercultura, Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. A comunicação sem fim. In: SILVA, J. M. MARTINS, F. M. (Org.) **O ciberespaço como um passo metaevolutivo**. Porto Alegre: Sulina, 2004, p. 157 – 170.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?**. São Paulo: Editora 34, 1996.

LUPTON, Ellen; PHILIPS, Jennifer Cole. **Novos fundamentos do design**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

MAIA, Rousiley C. M. **Democracia e a internet como esfera pública virtual: aproximando as condições do discurso e da deliberação** [online]. Brasília, Brasil: Universidade de Brasília, 2001. Disponível em: <www.unb.br/fac/comunicacaoepolitica/Rousiley2001.pdf>. Acessado em: 10 de maio de 2014.

MAFFESOLI, Michel. **A barbárie em face do humano: as tribos pós-modernas**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 17, n.1, p. 5-10, jan./abr. de 2010.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MAFFESOLI, Michel. A comunicação sem fim. In: SILVA, J. M. MARTINS, F. M. (Org.) **A genealogia do virtual: comunicação cultura e tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2004, p. 20 – 32.

MAFFESOLI, Michel. **A espiral de Maffesoli** [2012]. São Paulo: Jornal Valor. Entrevista concedida a José Castello. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/514073-a-espiral-de-maffesoli>>. Acessado em: 20 de setembro de 2014.

MAFFESOLI, Michel. **A Transfiguração do Político: a tribalização do mundo**. Porto Alegre: Editora Sulina, 1997.

MAFFESOLI, Michel. **Michel Maffesoli: a pós-modernidade se orienta para o anárquico** [2013]. Porto Alegre: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. Entrevista concedida a Eduardo Portanova Barros.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum**. Porto Alegre, Sulina, 2007.

MAFFESOLI, Michel. **O elogio da razão sensível**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

MAFFESOLI, Michel. **O ritmo da vida - Variações sobre o imaginário pós-moderno**. Rio de Janeiro, Record, 2007.

MAFFESOLI, Michel. **O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2005.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MAFFESOLI, Michel. **Saturação**. São Paulo: Iluminuras, 2010.

MAFFESOLI, Michel. **Sociólogo Michel Maffesoli fala da retomada de manifestações juvenis**: depoimento. [9 de abril de 2013]. Porto Alegre: Zero Hora. Entrevista concedida a Gabriel Brust.

MANOVICH, Lev. Cinema and Digital Media. In: SHAW, Jeffrey; SCHWARZ, Hans Peter (Org.) **Perspectives of Media Art**. Cantz Verlag, Ostfildern, Germany, 1996.

MARTELETO, Regina Maria. **Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação**. Ciência da Informação, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1969.

MANZINI, E. J. **Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada**. In: MARQUEZINE, M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE, S. (Org.). Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial. Londrina: Eduel, 2003b. p.11-25.

MANZINI, E. J. **Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2, A pesquisa qualitativa em debate, Bauru, 2004. Anais..., Bauru: SIPEQ, 2004. 1 CD.

MORAES, Dênis de. **O concreto e o virtual: mídia, cultura e tecnologia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MORAES, Dênis de. **O ativismo digital**. Rio de Janeiro: Bocc, 2001. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/moraes-denis-ativismo-digital.html>>. Acessado em: 20 de abril de 2014.

NÓBREGA, Livia de Pádua. **A construção de identidades nas redes sociais**. Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 20, n. 1/2, p. 95-102, jan./fev. de 2010.

PEREIRA, Marcus Abilio. **Internet e mobilização política – os movimentos sociais na era digital**. Trabalho apresentado no IV Encontro da Associação dos Pesquisadores Brasileiros em Comunicação e Política (Compolítica), realizada no Rio de Janeiro, de 13 a 15 de abril de 2011, p.1-26.

PIMENTA, Francisco J. Paoliello e SOARES, Letícia Perani. **Euromayday 2004 e o ativismo político pela rede**. Anais do XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM. Porto Alegre: PUCRS, 2004.

PINHO, Bruno Sampaio. **O que é Modem?** Infopinho. 2010. Disponível em: <<http://infopinho.blogspot.com.br/2010/02/o-que-e-modem.html>>. Acessado em: 05 out. 2013.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: EXO experimental, 2005.

READ, Herbert. **A educação pela arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

RECUERO, Raquel. **A conversação como apropriação na comunicação mediada pelo computador**. In: Dulcilia Schroeder Buitoni, Roberto Chiachiri. (Org.). Comunicação, Cultura de Rede e Jornalismo. São Paulo: Almedina, 2012, v. 1, p. 259-274.

RECUERO, Raquel. **A rede é a mensagem: Efeitos da Difusão de Informações nos Sites de Rede Social**. In: Eduardo Vizer. (Org.). Lo que McLuhan no previu. 1ed. Buenos Aires: Editorial La Crujía, 2012, v. 1, p. 205-223.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RICOEUR, Paul. **Soi-Même comme un Autre**. Paris: Éditions du Seuil, 1990.

RIGITANO, Maria Eugenia Cavalcanti. **Redes e ciberativismo: notas para a análise do centro de mídia independente**. Rio de Janeiro: Bocc, 2003. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/rigitano-eugenia-redes-e-ciberativismo.pdf>. Acessado em: 24 de agosto de 2014.

ROUTT, W. De Anime. In: CHOLODENKO, Alan. **The Illusion of Life II: More essays on Animation**. Power Publications, 2007.

SANTOS, Fernando. **O ciberativismo como ferramentas de grandes mobilizações humanas: das revoltas no Oriente Médio às ações pacíficas do Greenpeace no Brasil**. Revista Anagrama, ECA-USP, São Paulo, v.5, n.1, 2011.

SCIENCE & SOCIETY PICTURE LIBRARY. **Photo Collections**. Disponível em: <<http://www.ssplprints.com/>>. Acessado em: 20 out. 2013.

SCHILLER, Friedrich. **A educação estética do homem**. Trad. Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 2002.

SILVA, Juremir Machado. **As Tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SPRENGER, Lourdes. **Conceito de ativismo**. Porto Alegre: 2008. Disponível em: <<http://solidariedadeanimal.blogspot.com.br/2008/04/conceito-de-ativismo.html>>.

Acessado em: 02 de junho de 2014.

TUMBLR. Disponível em <<https://www.tumblr.com/>> Acessado em: jun., jul., ago., set., out., dez. de 2014; jan., fev. de 2015.

TWITTER. Disponível em <<https://www.facebook.com/>> Acessado em: dez. de 2014; jan., fev. de 2015.

VERLE, Lenara. **Tempo e espaço no cyberspace**. Porto Alegre: 1997. Disponível em: <<http://www.lenara.com/papers/tempoespaco.pdf>> Acessado em: 01 de outubro de 2014.

VIEIRA, Queliton Lopes. **“Redes” Conheça um pouco mais**. Queliton Lopes Vieira's Blog. 2010. Disponível em: <<http://quelitonvieira.wordpress.com/category/redes/>>. Acessado em: 10 out. 2013. VIRILIO, P. **A bomba informática**. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

WALLACE, Lewis. **GIF Named ‘Word of the Year’ by Oxford Dictionaries**. Wired. 2012. Disponível em: <<http://www.wired.com/underwire/2012/11/gif-word-of-the-year/>>. Acessado em: 25 set. 2013.